

A S P L A N T A S ,
P O E M A .

Alto

Ad. Sr. Voz Pestana

Recebido das mãos de S. M. I.º Conselheiro
Imperial do Imperador de todas as Pru-
cias.

Paraná de 25 de Junho 1893

Professor

Cardoso.

FRONTISPICIO.



Elói Loup.

C. LINNÉ.

no Arco do Cego.

Tudo tu conhecestes, e ensinas tudo.

Antonio Barro

AS PLANTAS,
POEMA
DE
RICARDO DE CASTEL,
PROFESSOR DE LITTERATURA NO PRYTANEO
FRANCEZ;
TRADUZIDAS DA II. EDIÇÃO, VERSO A VERSO,
DEBAIXO DOS AUSPICIOS E ORDEM
DE
S. ALTEZA REAL
O PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR,
POR
MANOEL MARIA DE BARBOSA
DU BOCAGE.

Joze Thomaz Barbosa



L I S B O A.
NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLAS-
TICA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCCXI.

— — — — *Laudo ruris amoeni*
Rivos, et musco circumlita saxa, nemusque.

Horat. Epist. X.

Canto os Bosques, os Rios, as Montanhas,
E as pedras, que humedece, e fôrta o musgo.

P R E F A C Ç A Õ
D O A U T H O R.

NAõ exaltarei aqui as utilidades do conhecimento, e cultura das Plantas. Este hé o objecto do Poema que publico. Se meus versós naõ forem parte para que mais se ame a Natureza, naõ devo esperar melhor exito em huma prefacção.

Esta obra foi composta no intervallo do anno primeiro até ao quinto, e muitas vezes me consolou, occupando-me. Quem hé que naõ tem sentido a necessidade de se acolher ao seio da Natureza! Busquei nelle distracções, que me eraõ indispensaveis, e como sempre amei as Plantas, foraõ ellas o primeiro objecto que se me offerceo ao pensamento. Paguei-me logo disto, considerando que ainda naõ tinhaõ sido materia de Poema algum; porque o que temos em verso á cerca

II

das Estações, e até dos Jardins, bem que falla de muitos vegetais, não póde chamar-se Poemas ás Plantas.

Depois do momento de alegria, que se segue a huma invenção aprazivel, as difficuldades me acanháraõ. Quanto mais attractivo era o assumpto, mais temia entranhar-me n'hum labyrintho de arvores, de arbustos, de plantas terrestres, e aquaticas. O enjão, inseparavel do genero puramente descriptivo, furtou em breve aos olhos o feitiço dos Episodios, e vi que o leitor pediria a quem o guiasse, o fim de hum passeio afanoso. Devia, pois, antes de tudo, estabelecer as relações com que releva olhar-se o mais amavel dos tres Reinos da Natureza. O Homem (disse comigo) he destinado a lavrar a Terra, isto hé, a cultivar as Plantas; mas perdas reiteradas o fazem conhecer, que o suor não basta, e que a mesma experiencia pede instrucção. Mórmente na jardinagem, onde mais varia a cultura, hé que se prova semelhante verdade. Cumpre, pois, em hum Poema como este, unir a theoria á practica, ou, por outras palavras, ligar o estudo das plantas com o trabalho que as tem

por objecto. Reflecti igualmente que havia no Anno quatro grandes Epocas: *Primavera*, *Estio*, *Outomno*, e *Inverno*; pelas quaes a Natureza distribue diversas producções; e conclue, que devia, imitando-a, dividir em quatro partes os estudos, e lidas relativas a tais producções. Dest'arte se me presentárao o plano, e divisaõ da Obra.

Depois de haver dado, no principio do I. Canto, idéa do préstimo da Botanica, e proposto modelos para a distribuição de hum Pomar, importava cuidar-se nos trabalhos da Primavera. Deduziaõ-se daqui necessariamente que exigem as plantas ainda tenras; a extirpação das ervas que as incomodaõ; a perseguição dos insectos, e dos animaes que as estragaõ; como tambem os pastos estudiosos, e campestres, chamados herborisações, e algumas vistas encantadoras, que nos offerece a Natureza.

Registaõ-se hé hum soccorro necessario aos hortos, e o principal trabalho entre os ardores do Veraõ. Em nenhuma parte esta quadra assoalha suas riquezas com mais pompa que nas visinhanças de Equador. Entre nós,

IV

muitas Plantas forasteiras, e quasi todas as aquaticas, esperaõ esta época para brilhar com todo o seu lustre, vestidas dos caracteres que distinguem generos, e especies. Todos os vegetais, grandemente aquecidos, sobem ao maior gráo nas suas virtudes, e a Industria corre a apanhallos para as precisões, e delicias da Sociedade.

O que especialmente qualifica o Outomno, hé a madureza dos grãos, e dos fructos. Tem tambem suas plantações, e seus vegetais. A hortaliça patentéa entaõ toda a fecundidade; entaõ a Terra se cobre de cogumelos, e as Plantas marinhas, arrancadas dos abysmos pelas tormentas do Equinocio, enriquecem as praias do Oceano. Em breve a alteraçã da verdura annuncia o declinar do anno; varias especies de aves desertaõ de hum clima onde o alimento começa a falecer-lhes; os pomares despem seus derradeiros fructos, e pagaõ a divida da Natureza ao Homem laborioso.

Em campo aberto quasi nos naõ occupa o Inverno; a estufa he que requer a nossa presença, e nos indemnisa da esterilidade das hortas. Naõ digo que os nossos climas tempera-

dos deixem de incluir muitos attractivos, principalmente em comparaçãõ com as Terras Polares, onde apenas vegetaõ raros, e miseraveis espinhaes. A folha dos azevinhos, a verdura das giestas, os pinheiros orgulhosos, e outros mil vegetais, ou verdes, ou ainda em flor, servem para alegrar entaõ a Natureza tristonha; mas huma familia deve primariamente convidar nossos olhos, e estudos: fallo dos musgos, e lichenes. Debalde outra estaçãõ quereria revendicallos: elles saõ a alegria, e quinhaõ do Inverno.

Com estas idéas fiz o plano, e quasi a analyse da minha obra. Travei nella os episodios, e outros atavios a que suppuz apta a materia, persuadido de que o Poeta deve pertencer menos ensinar, e profundar huma sciencia, que attrahir a ella os olhos, e fazella amar.

P R O L O G O
D O T R A D U C T O R .

Pascitur in vivis livor : post fata quiescit.

Ovid.

AMAVEL, novo dom te offereço, oh Lysia,
 Attrahido por mim do Sena ao Tejo,
 Aos Campos, onde Amor, onde a virtude,
 Dando leis desiguales, se conciliaõ.
 As Plantas de Castel vaidosas surgem
 Em mais propicio chao, mais doce chima,
 De mais puros Favonios animadas.
 Patria de Herões, de Vates, Patria minha,
 No caro, brando seio acolhe, anreiga
 Risos, perfumes, o verdor, o esmalte
 Com que em versos gentis, das Graças mimo,
 Florece a Natureza, a Mãe de tudo.
 Cordial gratidão te deve as lidãs,
 O desvelo, o suor, que em mim forcejaõ,

VIII

Para teu nome honrar, e honrar meu nome.
Existencia moral, dos Sabios vida,
Duplicada por ti, me esforça o genio,
A mente me refaz, o ardor me atica,
Me fortalece o pé na estrada immensa
Que vai da Natureza á Eternidade.
Soltas de umbrosas, subterraneas grutas,
O meu dia invadindo, Aves sinistras
Em vaõ de agoiros, e de peste o manchaõ:
Em vaõ Córvos da Inveja á Gloria grasnaõ.
Elles malignos saõ, tu, Patria, és justa,
Vedas que defraudado o Génio seja
De seus haveres: o louvor, a estima,
Haveres porque engeita os da Ventura.
Aos versos meus posteridade abonas;
Oico a voz do Futuro, ouvindo a tua,
Oico a: lá me prantéa, e lá me applaude.
Em sendo mórte, e cinza o que hoje he fogo
As Musas, meu thesoiro, Amor, meu Fado,
Do Amante, do Cantor, de mim saudosos,
Haõ-de com myrto, e loiro ornar-me a campa
No humilde monumento haõ-de carpir-me;
E até da férrea Ulna algum suspiro
Talvez me afague, me console os Manes,
D'arvores que dispoz co'a maga lyra

De Virgílio o Rival, Delille ameno,
 Transplantadas por mim, vireis, Amores,
 Vireis, Filhas do Céu, co'as mãos, co'as azas
 Expulsar ágoireiro, estygio Bando,
 Maldito, grasnador, nocturno Enxame,
 Que, voar não podendo, odéa os vóos.
 Limpóa señaõ por vós do vil Negrume
 Os ares que o sepulcro me bafejem.
 Musas! Suaves Musas! Não me assombro,
 Vates de ingente gráo não se assombráõ
 De que a Inercia os mordesse, os profanásse:
 Ancéa Resplendor, Grandeza opprime
 O Espirito arrastado, a mente escura;
 Inveja nunca sóbe, e quer que baixem:
 Seus nojosos baldões desdenha o Sabio;
 Em tanto que ella ruge, o Sábio canta,
 E Juiz, não peitado, o escuta, o cróa.
 Se em podre lodaçal negrejaõ Zoilos,
 A's margens do Permeso Ismenos brilhaõ (1),
 D'alma Febéa, creadora, acceza
 A Verdade em relampagos vibrando;
 Ferve no audaz Francelio (2), e rompe os astros
 Sacro Delirio, destemida Insania;
 Jacindo aperfeçoa os sons do plectro (3);
 Clario co'a propria maõ Salicio (4) enloira;

Revive em ti, Josino, a Laçia Musa (5);
 Menalca (6), da Puericia apenas sóto,
 Já conversa c'os Deoses: niveas plumas
 Nas costas lhe rebentaõ, cysne adeja;
 Melindrosos pinçeis, menéa Alcino (7),
 E offrece, em doce quadro Amor, e as Graças:
 De taõ vario matiz compõem-se o Mundo,
 Mil vezes o veneno acóde á vida.
 Eia, os odios cevai, cevai a infâmia,
 Furias, que evaporais Tartáreas sombras
 Contra Olympio fulgor, que envolve o Gemio:
 Entre essa escuridão reluz meu nome.
 A' Patria os versos meus são apraziveis;
 Versos halbuciei co'a voz da Infancia;
 Vate nasci, fui Vate, inda na Quadra
 Em que o resto viril, magio, e tenro,
 Semelha, o mimo de virginea face.
 Se ás Musas não pertenco, eu que a Virtude,
 Filosofia, Amor cultivo, adoro,
 Eu, servo da Moral, das Leis amigo,
 Nos outros, como em mim, prezando a gloria,
 Eu, que, cem vezes, concebendo o Olympo
 Absorto com Platóo n'um Mundo estuante
 Ou de olhos divinais divinizado,
 Sinto no coração, na voz, na mente

Tropel de affectos , borbotões de idéas ,
 E eis o Deos , eis o Deos : exclamo , e voo
 De repente onde Mil nem vaõ de espaço : (*)
 Pertencereis ás Musas , vós , sem fama ,
 Sem alma , sem ternura ! Ah ! longe , longe
 De meus candidos sons , que se enxovalhaõ ,
 Peçonhentos Dragões , na peste vossa.
 Graças , oh Febo , oh Numel , oh Lysia , oh Patria !
 Vossos dons , vosso applauso altéaõ , firmaõ
 Sobre a cerviz da Inveja o meu triumpho.

(1) João Vicente Pimentel Maldonado , Provedor dos Resíduos.

(2) Francisco Joaquim Bingre.

(3) Ignacio Joaquim da Costa Quintela , Official da Marinha.

(4) Sebastião Xavier Botelho.

(5) José Francisco Cardoso , Author do Canto heroico á Expedição de Tripoli.

(6) Miguel Antonio de Barros.

(7) Joaquim Severino Ferraz de Campos.

(*) Fallo dos Improvisos , de que esta , e outras Cidades tem sido ouvintes : o prazer , com que Sabios os attendem , he mais hum tormento para os meus Zoilos.

EXPLICAÇÃO DAS FIGURAS.

I. FRONTISPICIO.

O Frontispicio representa hum bosque, no meio do qual está collocado o busto de Linné. Entendêo-se que arvores, arbustos, e plantas, particulares á cada Parte do Mundo, e congregadas neste curto espaço, diriaõ claramente aos olhos, que o genio de Linné abraçou todo o Reino Vegetal. Como elle ordenou tambem o Animal, atrevemo-nos a unir ás plantas hum quadrupede, ou ave do clima dellas, para aviventar mais a paizagem. Os Vegetais, tirados da Asia, são o Cedro, a Fontanesia, a Coroa Imperial, junto ás quais se vê o animal que dá o almiscar. A Africa ministrou a Tamareira, a Romeira, o Papyro, ou Junco do Egypto, e o Passaro, que chamaõ Ibis (*). Colheo-se da America o Tulipeiro de folha larga, e lobada, a Passiflora, ou Mextirio, que cerca o pedestal, as tubaras da terra; que estaõ para diante, á esquerda. e o Filandro de Surinam, que traz os filhinhos ás costas, com as caudas ferradas á sua. As plantas de Europa, como menos raras para nós,

(*) *Especie de cegonha.*

XIV

se pozerão no fundo : distinguem-se , todavia , tres pés de Carvalho , sobre o mais grosso dos quais o Picanço procura os insectos , de que vive ; a chupamel das balsas , e alguns cravos sylvestres. Ao pé da columna , que sustenta o busto , roja a plantinha Boreal , que Linné ornou do seu nome.

II. E S T A M P A .

Apparecem nesta em flor muitos vegetais da Primavera. Dois Esposos encaminhaõ o passeio de manhã para huma chõça , e hum seu filhinho lhes traz á pressa algumas plantas saudaveis. O objecto desta scena he descripto no I. Canto , pag. 31.

III. E S T A M P A .

Isto he huma Paizagem da Zona tórrida. A' direita hum Getahi , ou Hymenea de Linné com os ramos pendentes , acolhe as Araras , e varios Papagaios. Observa-se Palmeira de folha radiosa , ve-se a Bananeira com seus fructos por ordem , Coqueiros carregados dellés ; alguns Ananazes , alguns arbustos de Anil , o Nopal , e o Alões , ou Cyrio espinhoso. Junto á praia estaõ o Tatu acobertado , e o Fenicoptero de azas cor de rosa ; em quanto o Tamatiã pesca sobre hum escolho , e as Tartarugas nadaõ pelas ondas. Hum Naturalista se entretém com as pian-

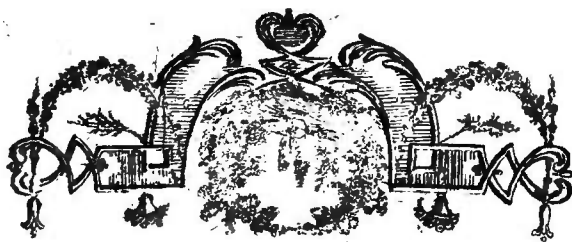
tas, que lhe offerce esta Ilha virgem, e fecunda. Divisaõ-se pelas nuvens dois Faetontes, e mais abaixo a negra Fragata que anda costeando o mar.

IV. E S T A M P A.

Esta representa hum sitio Normando, com accessorios, que indicaõ o Outomno. Nos Jardins a maior parte das plantas está em semente. O trigo negro, ou mourisco, junto em charruas, a cuba de seccar, e amadurecer; mulheres, e meninos varejaõ as maceiras. No tecto das casas as Andorinhas, bandeadas, preludiaõ a sua partida.

V. E S T A M P A.

Arvores, e arbustos verdes de toda a especie: o goiveiro de inverno, em flor, huma estufa cheia de plantas em plena vegetaçãõ; tudo denota que a Natureza se liga com a industria Humana para aformosear até os gelos do Inverno. etc.



LES PLANTES , P O È M E .

CHANT PREMIER.

CHAMPETRES deités , Pan , Sylvains , et Dryades ,
Faunes , légers Zéphirs , bienfaisantes Naiades ,
Soit que vous habitiez les sauvages forêts ,
Soit que de nos jardins vous gardiez les bosquets ;
Je veux suivre vos pas : daignez , dieux tutélaires ,
Daignez initier ma muse a vos mysteres .

Et toi , qui , remplissant un utile loisir ,
Des sages , des héros fis toujours le plaisir ;
Toi , qui , d'un vif éclat relevant la verdure ,
Donnes a chaque plante une aimable parure ;
Flore , sois ma déesse , et répands sur mes vers
Ces poétiques fleurs qui charment l'univers .
Ton empire s'étend du couchant a l'aurore ;
Tu couvres de tes dons les rivages du More ;
Des bergers du Lapland tu réjonis les yeux ;
Tu pares les rochers d'un émail gracieux ;

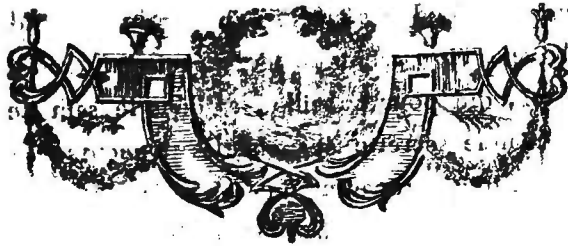
CANTO I.



Hoij. etc.

do Arco do Lago.

Vi como nos ajuda o teu filhinho.



AS PLANTAS, POEMA.

CANTO PRIMEIRO.

CAMPESTRES Divindades, Pan, Sylvanos,
Naiades, Faunos, Dryades, Favonios,
Ou habiteis as rusticas Florestas,
Ou de nossos Jardins guardeis os Bosques,
Seguir-vos quero: tutebres Nomes,
Iniciai-me nos mysterios vossos.

E tu, que hum ocio grato aproveitando,
Dos Sabios, dos Herões prazer tens sido;
Tu, que, lustrando a tremula verdura,
Dás formoso atavio a planta, e planta;
Sé minha Deosa, oh Flora, e por meus versos
Dispoem boninas das que o Mundo encanta;
Do Occaso á Aurora teu Impeto corre;
Bordaõ teus dons as Mauritanas margens,
Do Pastor de Lapland attrahees a vista,
Ornas as penhas de engraçado esmalte,

Et jusqu'au fond des mers, les blanches Néréides
 Te doivent l'ornement de leurs grottes humides.
 C'est toi, qui pour l'abeille, as dans le sein des fleurs
 D'une manne secrète épanché les douceurs.
 C'est toi, qui, préparant une essence choisie,
 Sur la table des Dieux fais briller l'ambroisie ;
 D'un jus délicieux tu gonfles les raisins ;
 Les épis nourrissans sont un don de tes mains ;
 Du fruit qui le couronne ignorant l'avantage,
 L'arbre n'auroit, sans toi, que son stérile ombrage.
 Ta présence embellit l'eau, la terre, les airs,
 Et ton souffle divin parfume l'univers.

Salut, charme des yeux, rire de la nature !
 Déroule a mes regards ton aimable verdure,
 Et, comme dans le cours d'un ruisseau pur, et frais,
 De tes fleurs en mes chants retrace les attraits.

Quand les premiers zéphirs, de leurs tièdes haleines,
 Ont fondu les frimats qui blanchissoient les plaines,
 Quel oeil n'est pas sensible a l'aspect ravissant
 De l'herbe rajeunie, et du bourgeon naissant ?
 Mais si l'on songe encor que ces plantes nouvelles
 Bientôt, et s'élevant, porteront avec elles
 L'aliment, les plaisirs, la santé des humains,
 Qui pourra sans regret ignorer leurs destins ?
 Qui ne verra combien leur étude facile
 Doit embellir la vie, et nous doit être utile ?

Té lá no Pêgo as Dórides te devem
 O mimoso tapiz dos vitreos lares ;
 Da flor no sebo o néctar insinuas
 De loiro insecto , que organisa os favos ;
 Por ti , quando selecta essencia aprontas ,
 Luz a Ambrosia nos festins de Jove ;
 Pejas os cachos de aprazivel succo ,
 Hé nutridora espiga hum de teus mimos ;
 Dos préstimos do fructo a Planta ignara ,
 Sem ti déra não mais que estéril sombra ,
 As aguas formosêas , o ar - e a terra ,
 Teu sopro divinal perfuma o Globo.

Riso da Natureza , iman dos olhos ,
 Desdobra ante elles a verdura amavel ,
 E como nos cristaes de hum manso arroio
 As flores tuas em meus versos pinta.

Quando , na infancia da Estação mais bella ,
 As mórnas virações derretem gelos ,
 Que olhos não folgão no verdor da relva ,
 Que se remôça , e do botão , que nasce ?
 Mas se attentarem , que as tenrinhas plantas ,
 Alçando-se , traraõ consigo em breve
 O alimento , a saúde , os gostos nossos ,
 Quem lhe ha-de os fados ignorar sem pena ?
 Quem não verá que seu estudo facil
 Hé proveito aos Mortaes , e adorno á vida ?

Souvent une herbe épaisse étouffe les moissons.
 Cependant , dès l'été retournant ses vallons ,
 Le laboureur n'omit ni peine , ni dépense ,
 Et le van de Cères épura sa sentence.
 Mais il ne connoit pas les plantes dont l'essaim
 A de ses jeunes blés envahi le terrain ;
 Et sa main , chaque année , en butte à leur ouvrage ,
 Perd , sans les extirper , son tems , et son ouvrage.

D'autres pour les troupeaux sont un mortel poison.
 La genisse , au retour de la belle saison ,
 Ne peut , sous la roseé , et dans l'herbe menue ,
 Distinguer à l'odeur l'infidèle cigue.
 Elle meurt : l'ignorance accuse en vain le sort ;
 Un berger plus instruit eut prévenu sa mort.

Que si vous fréquentez des rives poissonneuses ,
 Si les pieges de joncs , et les nasses trompeuses ,
 L'hameçon , et la ligne ont pour vous des attraits ,
 Flore de vos plaisirs assure le succès.
 Combien de végétaux dont l'odeur , et la force
 Fournissent au pêcheur une puissante amorce !
 Jetez dans vos filets quelques tiges d'anis ;
 Du nard aromatique empruntez les épis ;
 Profitez du parfum qu'exhale au loin la menthe ;
 Vos mailles se rompent sous leur charge pesante
 Flore vous marque aussi le retour du poisson ,
 Sitôt que dans les prés s'élève le cresson ,
 De la mer à l'envi franchissant les barrières ,
 Les saumons , en sautant , remontent nos rivières ,

Mil vezes erva espessa afoga os trigos ;
Logo porém no Estio , arando a terra ,
Sem jamais omitir dispendios , lida ,
Na joeira o Cultor limpou sementes.
Mas não conhece as plantas , cujo enxame
O terreno invadio das novas messes ,
E , exposto de anno em anno a seus insultos ,
Perde tempo , e suor sem destruiilas.

Aos gados outras são veneno , e mórté.
A Novilha , ao volver da Primavera ,
Não pôde entre os rocios , e entre as ervas
No olfato distinguir falaz cicuta.
Morre , e a Ignorancia em vão crimina a Sorte :
Pastor menos inculto ao damno obstara.

E's dado a frequentar piscôsas margens ;
Amas a nassa , o junco , anzóes , e as linlias ?
Flora aos prazeres teus o effeito abona.
De quantos vegetaes a força , o cheiro
Possante engodo ao Pescador ministraõ !
Talinhos de erva doce a rede inclua ,
E do nafdo frâgrante inclua espigas ;
Colhe a ortelãa , que te recende ao longe ,
E haõ de c'o pezo arrebenlar-te as malhas.
Flora te diz tambem do peixe a vinda :
Apenas o agriaõ no prado assoma ,
A' porfia , transpondo a equórea Estancia ,
Aos pulos os salmões entraõ nos rios.

Heureux donc , qui foulant les prés , et les coteaux ,
 Apprit a vous connoitre , utiles végétaux !
 Il sait quel paturage aime le bœuf fidele ;
 Où la chevre remplit sa trainante mamelle ,
 Quel gazon des brebis ranime la gaité ,
 Et rend a ses coursiers leur brillante fierté.
 D'un agréable éclat veut-il orner la laine ?
 Il trouve des couleurs dans la forêt prochaine.
 Veut-il d'un mal cuisant détruire le poison ?
 Le remede est en fleur dans le sein du vallon.
 Si la pale famine afflige la contrée ,
 Son cœur pour ses enfans n'en craint pas la durée
 La science aussitôt sur eux étend ses soins ,
 Debout veille a leur porte , et chasse les besoins.
 C'est elle qui l'éclaire , et découvre a sa vue
 Des trésors naturels la ressource imprévue ,
 Tant de fruits , dans les bois aux rameaux attachés ,
 Et tant d'autres encor sous la terre , cachés.
 Il apprend par quel art une plante sauvage
 Des présens de Cérés peut remplacer l'usage ,
 Et comment l'industrie a su changer , en pain ,
 Et les boutons du trefle , et l'écorce du pin.
 Il connoit a l'aspect des fleurs , et du feuillage
 Le dessein des autans , les projets de l'orage ,
 Le temps de la semence , et celui des moissons.

Surtout de la science écoutez les leçons ,
 Vous qui rendez la terre a la bêche docile ,
 Et courez des jardins la carrière facile ;

Ditoso quem trilhando a serra, o prado,
Aprendeo, vegetaes, a conhecer-vos!
Sabe que pasto agrada ao boi submisso,
E onde os rojantes peitos enche a cabra;
Os cordeiros brincões qual erva anime,
Qual ao Ginete restitua o brío:
Quer que lustre vistoso as lãas enfeite?
Visinhos bosques lhe depáraõ cores:
Quer a peste abafar de hum mal terrível?
Antidotos em flor lá tem nos valles.
Se da raivosa Fome horrores lavraõ,
Delles a duraçãõ não teme aos filhos:
Cuida em remillos a Sciência logb,
E expulsa precisões, velando á porta:
Dá-lhe luz, patentea-lhe o regresso
Dos natúraes thesoiros, não pensado:
Nos bosques tanto fructo, aos ramos preso,
Tanto occulto na terra. Espalha, ensina
Com que arte agrestes plantas substituem
A carencia fatal dos dons de Céres;
E como soube em pães mudar a industria
Dos trevos o botaõ, do pinho a casca.
Vê pela folha, pela flor conhece
O designio dos suis, o das Procellas,
E a monçaõ das sementes, e a das ceifas.

Da Sciencia mórmente as leis escuta
Tu, que tornas co'a enxada a terra docil,
E ordenas os Jardins; mas não te enganes;

Mais , ne vous trompez pas , c'est au milieu des bois
 Qu'il faut de la nature étudier les lois.
 Elle aime qu'on la suive a travers les campagnes ;
 Qu'on gravisse avec elle au sommet des montagnes ,
 Qu'on cherche les réduits , où de ses mains plantés
 Croissent les végétaux dans toutes leurs beautés.
 C'est là qu'a nos regards parlant sans interpretes ,
 Elle aime a dévoiler ses merveilles secrettes.

Des plantes , que nourrit le Taurus , et l'Atlas ,
 Desirez-vous encor cultiver les appas ?
 L'étude vous dira quel est le caractere
 Du sol , et du climat où leur tribu prospere ;
 Le vent qui les y flatte , et sous quel astre enfin
 On les voit découvrir les graces de leur sein.
 C'est alors seulement que votre heureuse adresse ,
 D'une fleur étrangere étayant la foiblesse ,
 Lui fera dans vos champs retrouver son pays.

Mais je préfere a tout les antiques amis
 Qui , de nos longs hivers bravant l'intempérie ,
 Habitent , par leur choix , le sol de ma patrie.
 Si je veux d'un rocher visiter les détours ,
 De leurs bras , en montant , j'éprouve le secours ;
 Si d'un champ spacieux je parcours l'étendue ,
 Leurs fleurs suivent mes pas , et reposent ma vue.
 C'est pour moi qu'a l'envi leurs rameaux complaisans
 Sous le doux poids des fruits se courbent tous les ans.
 Je vis de leurs bienfaits , et le mal qui m'obsede

Entre os bosques sômente he que releva
Estudarem-se as leis da Natureza.
Ella atravez dos campos quer que a sigaõ,
Quer que trepem com ella aos altos cumes,
Que busquem sitios onde crescem, brilhaõ
Vegetaes que plantou cõ a maõ prestante.
Sem interprete alli fallando aos olhos,
Gôsta de expôr incognitos portentos.

Plantas, que Taurô cria, e cria Atlante,
Desejas cultivar? Colhe no estudo
Qual o carâcter he do chaõ, do clima
Em que usaõ de medrar; que ventos amaõ,
Debaixo de que estrella enfim descobrem
Do seio os mimos: só entaõ, sustendo
De huma flor peregrina o molle tronco,
Fazes que a patria no teu campo encontre.

Más anteponho a tudo amigas plantas,
Que a intempérie afrontando ao longo Inverno,
Me habitaõ, por querer, no chaõ da patria.
Se as voltas explorar vou d'hum rochedo,
Acho, ao subir, favor na verde rama;
Se vastos campos corro, as flores suas
Seguem meus passos, e detém meus olhos.
Seus ramos complacentes, á porfia,
Se curvaõ para mim do fructo ao pezo:
Vivo dos fructos, e meus males fôgem
D'ante as virtudes que possue o tronco.

Fuit devant les vertus que leur tige possède.

Allons de leurs attraits décorer nos jardins ,
Et que le Dieu du gout préside a nos dessins.

Deux superbes rivaux ont partagé la terre ;
L'un , né chez les Français , de l'ordre ami sévère ,
Marche au milieu des arts , de pompe environné ;
Son front majestueux de festons est orné ,
Et la main des saisons , filles de la nature ,
A de bouquets choisis diapré sa ceinture.
La , le tilleul docile , en quiconce planté ,
Ombre un vert tapis , siège de la beauté ;
Ici , de marronniers les hautes avenues
S'arrondissent en voute , et nous cachent les nues.
Chaque allée , en s'ouvrant , présente a nos regards
Ou les dieux de la Grece , ou les enfans de Mars.
Sous le coup du trident que Neptune balance ,
Un superbe coursier de la terre s'élance.
Revetu de la peau d'un énorme lion ,
Enée emporte Anchise , et les dieux d'Ilion ,
Et tient de l'autre main son fils qui , hors d'haleine ,
De frayeur se retourne , et le suit avec peine.
L'eau conduite , et pressée en des canaux secrets ,
S'élève a la hauteur du faite des palais ;
Et des fleuves d'airain , de leurs urnes penchantes ,
Semblent entretenir ces ondes jaillissantes.

L'autre , laissant la pompe , et luxe des arts ,

Vamos nossos Jardins ornar co'as plantas,
E ao labor nos presida o Deos do Gosto.

Dois ufanos Rivaes a Terra partem;
Hum, das regras fiscal, nascido em França,
Entre as Artes caminha, envolto em pompas.
Ornaõ-lhe a frente mil festões, e as Quadras,
Filhas da Natureza, o cinto lhe ornaõ
De ramalhetes mil. Angulos fórma
O til, e assombra além tapiz viçoso,
Leito das Nynfas. Indios Castanheiros,
Aqui, tecendo abóbadas, nos vedaõ
A presença dos Ceos. Cada passeio,
Abrindo-se, presenta á nossa vista,
De Marte os Filhos, ou da Grecia os Numes.
No chaõ crava Neptuno o azul tridente,
E Ginete feróz do chaõ rebenta;
Enéas, dos Leões trajando a pelle,
Os Deoses de Ilion, e Anchises leva,
Pela sinistra mão tendo o filhinho,
Que de medo se volve, e o sêgue a custo.
Por naõ vistos canaes guiada, oppressa,
A nivel dos Palacios a agua sóbe;
Rios de bronze, derramando as urnas,
Como que nutrem as saltantes ondas.

O outro, cedendo a pompa, e luxo ás Artes,

Plus libre du génie a les heureux écarts.
 Dès longtems il se plaît dans cette île fameuse
 Que sépare de nous une mer écumeuse ;
 Mais que des préjugés , toujours entretenus ,
 Pour le malheur du monde éloignent encor plus.

Une jeune bergère , errante a l'aventure ,
 Traça de ses sentiers l'ondoyante courbure.
 Par touffes , par bouquets les arbres partagés ;
 Y paroissent d'eux-même et venus , et rangés ;
 Et , sans craindre jamais le ciseau téméraire ,
 Etendent a leur gré leur ombre volontaire.
 Un troupeau de brebis , a la blanche toison ,
 Bondit sur la colline , et tond le verd gazon ;
 Dans un bosquet de pins , enfans de la Norvege ,
 Pan , du haut du coteau , les garde , et les protège.
 La ferme étale ici ses champêtres attraits :
 La propreté l'habite ; elle y tient toujours prêts
 Les doux présens d'Io , la crème , le laitage ,
 Et dans des joncs tressés épaisit le fromage.
 La vigne forme ailleurs d'innombrables berceaux ;
 Le Dieu de la vendange , en marbre de Paros ,
 Se plaît , le thyrses en main , sous ce dais de verdure.
 Tantot , sans se montrer , l'onde coule , et murmure ,
 Tantot elle présente un limpide canal ,
 Et , sur un sable d'or étendant son cristal ,
 Elle semble inviter la nymphe solitaire
 A goûter d'un bain pur la fraîcheur salulaire.
 Prés de l'onde Actéon qu'ombrage un bois vengeur ,

Do Génio as digressões mais livre segue.
 Em ti se apraz ha muito, lha famosa,
 Que separaõ de nós soberbos mares,
 Mas que duros caprichos obstinados
 Inda separaõ mais, por mal do Mundo:

Pastorinha gentil, vagando á toa,
 Dos passeios traçou-lhe a curvidade.
 Arvores, em festões, em martinets,
 A modo que por si lá se ordenáraõ,
 E, sem medo á tisqura, estendem, lançaõ,
 A seu prazer, as voluntárias sombras.
 Lindas cordeiras, de alvejantes vélos,
 Retoiçaõ pelo monte, as ervas tosaõ.
 Nos ingentes Pinhais, do Norte filhos
 Pan, dos cumes do cerro, as guarda as véla.
 A herdade ostenta aqui campestres graças;
 O aceio nella mora, e nella ha sempre
 A nata, o requeijaõ, presentes de Io:
 O junco alli se entrança, o queijo espreme:
 Confusos parreiraeas além verdejaõ;
 Brómio risonho, em mármore de Paros,
 Se apraz em seus docéis, cloa maõ no thyrsos.
 Ora corre, e murmura occulta a linfa,
 Hum lustroso canal ora apresenta,
 E, alongando cristaes por margens de oiro,
 Como que offrece á Nynfa solitaria
 De puro banho a salutar frescura.
 O misero Acteon, das aguas perto,

Dit a tout indiscret : » Respectez la pudeur.
 Telle est de ces jardins la diverse ordonnance,
 Pour vous , comme Caton , donnez la préférence
 A l'arpent fortuné dont les simples attraits
 Rendent plus de profit qu'ils n'exigent de frais.

Dés l'aube du printems , que le travail commence.
 Semez toujours , semez ; rien de beau sans semence.
 Préparez donc la terre , et d'une forte main ,
 En appuyant du pied , enfoncez-y l'airain.
 Lorsque vous entendrez l'uniforme ramage
 De cet oiseau hai de l'hymen qu'il outrage ;
 Si la pluie en trois nuits n'interrompt pas son cours ;
 Les semences , dit-on , leveront en trois jours.

Choisissez une planche a l'abri de Borée ,
 Et toujours a midi du soleil éclairée.
 La , sous un peu de terre , heureux berceau des fleurs ,
 D'une paille fumante enfermez les vapeurs.
 La semence , en ce lieu bientôt développée ,
 Prend l'hiver pour l'été , par la chaleur trompée ,
 Et sans crainte confie aux rayons caressans
 Sa tige frêle encore , et ses boutons naissans.
 Mais vous , veillez pour elle. A peine au jour plus sombre
 Se mêlent vers le soir les premiers traits de l'ombre ,
 D'un abri de cristal , muni d'un chaume épais ,
 Durant ces mois douteux , offrez-lui les bienfaits ,
 Car souvent , dans la nuit , de subites gelées
 Frappent d'un coup mortel les plantes désolées

Por virgadoras pontas assombrado ,
 Diz a todo o imprudente : » acata o pejo . »
 'Tais são destes jardins as leis diversas ;
 Mas tu , como Cataô , prefere a isto ,
 Prefere a geira , cujas simples graças
 Daõ mais proveito do que exigem custo .

Ao nascer da manhã comece a lida :
 Sem-êa : sem semente nada he bello .
 Prepara , pois , a terra , e maõ robusta ,
 Ajuda-se do pé , lhe encrave o ferro .
 Quando ouvires monótono gorgoio
 De ave odiada do hymeneo , que offende ,
 Se a chuva por tres noites for perenne ,
 Diz-se que em dias tres surgem sementes .

Vedado a Eóreas hum canteiro elege ,
 Que sempre do Zenith os Sóes aclarem .
 Debaixo de torrões das flores berço ,
 Fecha vapores de fumantes palbas .
 Cedo , a semente alli desenvolvida ,
 Julga , pelo calor , o Inverno Estio ,
 E sem susto confia aos meigos lumes
 Seu debil tronco , seus botões nascentes ;
 Mas nella tu vigia . Apenas vires
 Que a noite pelo Céu vem negrejando ,
 Abrigo de cristal , e colmo espesso
 Dar-lhe conven nos duvidosos mezes .
 Raro não he que subitas geadas

L'aquilon furieux souffle , sifle , frémit ;
 La grele , en sautillant , sur les toits retentit :
 On diroit qu'échappé des antres de Norvege ,
 L'hiver revient armé de glaçons , et de neige .
 Alors Progné frissonne , et rasant les maisons ,
 En vain ouvre le bec , et chasse aux mouchérons ;
 Le froid dans leurs réduits les retient immobiles .
 Elle tombe épuisée en efforts inutiles ,
 Accusant les zéphirs dont le souffle trompeur
 A pressé son retour , et causé son malheur .
 Ainsi , sans votre appui , les élèves de Flore
 Tomberoient abattus a leur première aurore ,
 Et du seuil de la vie enlevés sans retour ,
 Iroient peupler les champs du ténébreux séjour .

Cependant du soleil les chaleurs épanduës ,
 Et la fécondité que distillent les nues ,
 En nourrissant les fleurs , font croître en même tems
 L'herbe qui les offusque et vit a leurs dépens .
 C'est la commune loi . Les rameaux de l'envie
 De leur livide ombrage étouffent le génie ;
 Et souvent le plaisir , fleur si chère aux humains ,
 Se flétrit sous la peine . et succombe aux chagrins .
 Ainsi dans dans vos carrés une foule odieuse ,
 L'ortie aux dards brulans , l'æthuse véneneuse ,
 L'herbe qui de Mercure a conservé le nom ,
 L'épiaire , et surtout l'indomtable gazon ,
 Que chérit l'épagueul , mais que Flore déteste .
 Pullulent , couvrent tout de leur ombre funeste ;

Vibrem golpe mortal de noite ás plantas.
 Aquilo furioso zune , atroa ,
 Nos tectos , saltinhando , a pedra soa.
 Dos antros Boreaes como que escapa ,
 E a nós de gelos vólve armado o Inverno.
 Prógne estremece entaõ , volteia os lares ,
 Abre vâmente o bico , insectos caça ;
 Mas o frio os detêm na estancia immoveis.
 Desfalecida cahe ; Zéfyro acusa ,
 Que , chamando-a com hálite enganoso ,
 A vinda lhe apressou , e urdio seus males
 Sem ti , Cultor sagaz de Flora alumnos .
 Recemnacidos , calhriaõ todos ,
 E dos campos da Vida exterminados ,
 Iriaõ povoar da Morte os campos .

Entretanto do Sol fervor disperso ,
 E o , que a nuvem goteja , humor fecundo ,
 Nutrindo as flores , de caminho alteaõ
 A erva , que as ofusca , e vive dellas .
 Eis o fado commum . Da Inveja os ramos
 Co'a negrejante sombra o Genio abafaõ ,
 E a miudo o Prazer , flor doce ao Homem ,
 Se murcha no trabalho , á dor succumbe .
 Assim chusma odiosa em teus canteiros :
 Mordaz ortiga , ethusa peçonhenta ,
 Erva , que de Mercurio inda se chama ,
 O marroio , e mórmente as que , indomaveis ,
 Ama o sabujo , porem Flora odêa ,

Et ce qu'aux plus longs jours le travail en détruit ,
 Une heure de fraîcheur le remplace la nuit.
 Mais de ces végétaux l'accroissement facile
 Peut aussi quelquefois vous devenir utile.
 Livrez-les a Vulcain. Le feu , d'abord caché ,
 Parcourt en pétillant leur amas desséché :
 On voit monter dans l'air une fumée épaisse :
 La flamme perce enfin , et le gazon s'affaisse ,
 Laisant , parmi la cendre , un sel dont la vigueur
 Du terrain paresseux ranime la langueur.

Rien ne manque aux jardins , propreté , ni richesse.
 Chaque plante a son tour accomplit sa promesse.
 L'abeille en bourdonnant se coule dans leur sein ;
 Le papillon doré leur fait un doux larcin ,
 Les quitte , les reprend , au hasard se promene ,
 Et de son vol léger orne toute la scene.

Des theatres de fleurs , offerts de tous côtes ,
 Alors de la Belgique égayoient les cités.
 Là , sans cesse attiré par un objet aimable ,
 L'œil éprouvoit du choix l'embarras agréable ,
 Erroit , sans se fixer du carmin a l'or pur ,
 Du violet au rose , et du lys a l'azur.

Ainsi l'heureux Paris , devant trois immortelles ,
 Ne pouvoit prononcer sur des formes si belles :
 Prés de donner la pomme a Junon , a Pallas ,
 En regardant Vénus il retiroit son bras :

Brotaõ , co'a triste sombra vexaõ tudo ,
 E quantas se destroem nos longos dias ,
 Renovaõ-se de noite em hora fresca.
 Mas destes vegetaes o augmento fácil
 Tambem aproveitar-te ás vezes póde.
 Dem-se a Vulcano. A flamma ainda occulta
 O já secco montaõ corre estalando.
 Vê se aos ares subir hum denso fumo ;
 O lume ondea emfim , cahindo as ervas ,
 E entre as cinzas deixando hum sal , que esforça
 A languidez da preguiçosa terra.

Nada falta aos jardins , de aceio , ou pompa:
 Cada planta cumprio sua promessa.
 Voa-lhe ao seio a murmurante abelha ,
 Borboleta louçã faz doces furtos ,
 Vai , torna á flor , ao ar : vaguêa incerta ,
 E com seu leve adejo adórna a scena.

Por aqui , por alli flóreos theatros
 As Bêlgicas Cidades alegravaõ.
 Lá de hum , lá d'outro objecto a vista preza ,
 Da escolha experimentava o grato enleio ;
 Hia indecisa do carmim ao oiro ,
 Do azul ao branco , do violetê ao róseo.
 Tal ante as Deosas , duvidoso , olh Paris ,
 Tinhas nas graças enleado o voto.
 Quasi entregando o pomo a Juno , a Pallas ,
 Venus olhavas , e co'a maõ fugias :

Chacune tour a tour surpassoit sa rivale
 Mais déjà d'ennemis une troupe fatale
 Envahit nos jardins , et dévore a la fois
 Les tiges , la racine , et l'écorce , et le bois ,
 A peine un arbrisseau , réparant leur morsure ,
 D'une fibre nouvelle a couvert sa blessure ,
 Que sur la cicatrice acharnés a l'instant ,
 On les voit ravager son tissu renaissant.

Tels , sous le bec retors d'un vautour en furie ,
 Repoussent , pour souffrir , les membres de Titye :
 Dans son sang épuisé , mais toujours reproduit ,
 Son immortel bourreau s'abreuve jour , et nuit ;
 Errant dans sa poitrine , il attaque , il déchire
 Son coeur , qui vit sans cesse , et qui sans cesse expire.

N'attendez pas de moi que je dise en ces vers
 Les pieges , les réseaux , et les appats divers
 Qu'un art ingénieux emploie a les surprendre.
 Les oiseaux , mieux que l'art , sauront nous en défendre
 Voyez dans les bosquets voltiger en chantant
 Le bouvreuil empourpré , le pinson éclatant ,
 Le verdier , la mésange , et la brune sauvette.
 Chacun d'eux a l'envi les poursuit ou les guette ;
 Chacun en fait sa proie , et sous l'arbre prochain
 Les porte a ses petits pour assouvir leur faim.
 Malheur aux rats des champs , aux taupes souterraines ,
 Si quelque tour antique , assise en vos domaines ,
 Suspend au haut des airs ses créneaux menaçans !

Mutuamente as Rivaes se deslumbravaõ.
Porém já de inimigos turba infesta
Invadindo os jardins, devóra a hum tempo
As hasteas, a raiz, a casca, o cerne.
Seu mal o arbusto saneando, apenas
Coberto o golpe tem de fibra nova,
Quãdo, na cicatriz encarnigados,
A tea renascente elles desfazem.

Tal de abutre cruel no curvo bico
Renascem, para a dor de Ticyo os membros;
No sangue, que se exhaure, e se renova,
Ceva-se dia, e noite Algoz eterno;
Gira-lhe o peito, o coração lhe rasga,
Que vive sem cessar, sem cessar morra;

Naõ imagines que meus versos digaõ
Redes, ciladas, e os engodos varios
Com que destróe o ardil a infensa praga;
As aves melhor que elle haõ-de escudar-te,
Vé nas florestas voitar, cantando,
O pisco avermelhado, a tutinegra,
Milheiras, verdilhões, e melharucos:
Os daninhos espreitaõ, e os perseguem;
Delles afferraõ. e á contigua planta
Vaõ seus filhinhos alentar com elles.
Triste a toupeira subterranea, tristes
Outros vis animaes, se torre antiga
Ergue as ameas sobre as terras tuas!

Mille chasseurs ailés , mille corbeaux bruyans
 De leur fort , a grands cris , s'élancent a toute heure ,
 Et de ces maraudeurs purgent votre demeure.

Aimez donc les oiseaux, La fraîcheur des vallons ,
 Le blé mobile , et vert qui rit sur les sillons ,
 Les grottes , les ruisseaux , seroient moins agréables
 Sans les chants , et les jeux de ces hôtes aimables.
 Ils gardent les jardins. Le plus bel arbrisseau
 En devient plus touchant s'il porte leur berceau.
 Que je hais l'oiseleur dont la main mercenaire
 Arrache sans pitié les petits a leur mere !
 Ah ! laissons-les plutot croître dans nos bosquets ,
 Laissons-les animer nos champs , et nos forêts.
 Pourquoi les captiver ? Nous ne saurions leur rendre
 Le bocage ou leur voix aime a se faire entendre ,
 Ni les plaines de l'air , ni les buissons heureux ,
 Témoins de leurs plaisirs , confidens de leurs feux.

Par leur chant réveillé dans son modeste asyle ,
 L'amant des végétaux sort des murs de la ville ,
 Et , parmi la rosée , et les fleurs du matin ,
 S'en va de la nature admirer le jardin.
 Quel charme ! quel éclat ! partout sur son passage
 La terre lui présente une agréable image :
 L'or de la primevere embellit les côteaux ;
 Narcisse encor penché se mire dans les eaux ,
 Et comme la vertu dans son humble retraite ,
 Un aimable parfum trahit la violette.

Alados caçadores, negros corvos,
 Grasnando, se arremessaõ do alto asylo,
 E dessa vexaçã teus campos livraõ.

Amem-se as aves, pois: os frescos valles,
 O móbil, verde trigo, a rir nos sulcos,
 Remansos, grutas, prestariaõ menos
 Sem os brincos, e a musica das aves.
 Saõ guarda dos Jardins. Formoso arhusto
 Fica mais bello, se lhe abriga os ninhos.
 A mercenaria maõ quanto aborreço,
 Que ás miserandas Mãis a próle arranca!
 Ah! Deixem-se emplumar nas selvas nossas,
 Consinta-se que animem valles, montes.
 Porque as prendemos? Na prizaõ não pôde
 Dar-se-lhe o bosque onde trinar lhe he doce;
 Nem a planicie aéria, ou moita amiga,
 Que seus prazeres, seus amores sabem.

Aves acórdaõ no modesto abrigo
 Das plantas o Amador; sahe da Cidade,
 E vai por entre as matutinas flores
 Admirar o Jardim da Natureza.
 Que encanto! Q'esplendor! Por toda a parte
 Lhe offrece a Terra graciosos quadros.
 Oiro da Primavera esmalta os cerros;
 Narciso inda se inclina, e vê nas aguas;
 Como a Virtude no retiro humilde
 Trahe as violetas seu gentil perfume.

Il perce des forêts la sombre profondeur,
 Des rochers escarpés il franchit la hauteur,
 Pour observer de près les plantes salutaires
 Que Vertumne y dérobe aux recherches vulgaires ;
 Puis, content, et chargé d'un butin précieux,
 Il regagne le soir son toit laborieux.

Souvent de jeunes gens une troupe docile,
 A travers les gâtébets, le suit d'un pas agile.
 On arrive, on gravit sur les monts d'alentour,
 Et les halliers épais sont fouillés tour à tour.
 Si quelque coin recèle une plante inconnue,
 Elle est à l'instant même apportée à sa vue.
 Il la nomme ; la foule écoute avec transport :
 Il leur fait remarquer et ses traits, et son port,
 Le mois qu'elle embellit, et les lieux qu'elle enchante.
 Suivez, enfans, suivez cette étude charmante ;
 Flore a vos jeunes mains livre ses rejetons :
 Mais vous-même en tous lieux ménagez leurs boutons ;
 Laissez la part des dieux habitans des bocages ;
 Ils aiment comme vous ces végétaux sauvages.
 On dit qu'au clair de lune on a plus d'une fois,
 Au détour d'un vallon, vu les nymphes des bois,
 Les faunes, les sylvains, danser sur la verdure,
 Et de chapeaux de fleurs orner leur chevelure.
 Ce sont ces déités de qui les soins secrets
 Entretiennent les monts, réparent les forêts ;
 Ce sont elles encor qui, dans leurs jeux champêtres,
 Animent de leurs sons les rochers, et les hêtres.

Nas sombrias florestas entra o Sábio :
 Das rochas escarpadas sobe ao pico
 Para indagar os vegetaes rariqs,
 Que á pesquisa vulgar Vertumno esconde ;
 E acolhe-se , já noite , aos lares doutos ,
 Co'a rica preza carregado , alegre.

A's vezes de Meninos dócil Turba
 Por meio o segue dos lavrados campos ;
 Aos montes circumstantes chegaõ , trepaõ ;
 Esquadrinhaõ-se as matas huma , e huma .
 Se algum canto recata ignota planta ,
 Levaõ-na logo ao Sábio : elle a nomea
 A' multidaõ pasmada , e faz que observe
 Figura , e graças , e caracter della ,
 Que mez encanta , que lugar matiza .
 Segui , meninos , taõ suave estudo ;
 Flora seus dons vos cede ás mãos mimosas ,
 Mas poupai sempre os botõeszinhos tenros .
 O seu quinhaõ deixai da selva aos Deoses ,
 Amantes , como vós , de agrestes plantas .
 He fama que ao luar se tem já visto
 Danças n'um valle urdir Faunos , e Nynfas ,
 E a trança engrinaldar . Saõ estes Numes ,
 Cuja occulta , benigna providencia
 Conserva os montes , e repata os bosques ;
 Saõ elles , que em campestres , ledos jogos
 Animaõ com seus sons penedos , fayas ,
 E os ecos formaõ , resoar fazendo .

Répetent vos discours , et formant les échos ,
 Font retentir nos voix de coteaux en coteaux.
 Et moi , de la nature épris dès mon jeune âge ,
 Je recherchois aussi la retraite , et l'ombrage.
 Versailles rarement attiroit mes regards.
 J'errois des jours entiers dans les bois de Senars ;
 Je parcourois d'Avron la pelouse embrasée ;
 Fontainebleau , Compiègne , étoient mon Elysée.
 Dieux ! avec quel plaisir , dans tes sentiers fleuris ,
 J'apperçus ó Meudon ! cet étonnant ofris ,
 Insecte végétal de qui la fleur ailée
 Semble quitter sa tige , et prendre sa volée !
 Qu'une plante pareille , a travers l'océan ,
 Vint des bords reculés d'Amboine , ou de Ceilan ,
 Comme elle se verroit en tous lieux admirée !
 Et pourtant de nos bois la richesse ignorée
 Appelle vainement un œil observateur :
 Leur vénérable enceinte est en proie au chasseur ;
 L'écho n'y réfléchit que des sons homicides ,
 Ou les coups répétés des bucherons avides.

Viens , ma chere Eliza , charme de nos vallons ,
 Toi qu'Amour , et Minerve ornerent de leurs dons ,
 Viens avec ton époux. Déjà l'aube naissante
 Montre vers l'orient sa clarté blanchissante ,
 Et bientôt le soleil , couronné de rubis ,
 Va sortir radieux des celestes lambris.
 Marchons , a la rosée , au travers de ces plaines
 Où Zéphir , agitant les plantes incertaines ,

C A N T O I.



De colina em colina as vózes nossas.
Tambem da Natureza eu namorado ,
Buscava , imberbe ainda , ermos , e sombras.
Raramente Versailles me attrahia ,
Nos bosques de Senars dias levava ,
De Avron as leivas discorria , e foraõ
Fontainebleau , Compiègne os meus Elysios,
Ceos ! com que regozijo em teus passeios
Vi , Meudon , a Abelhinha portentosa ,
Insecto vegetal , de flor alada ,
Que parece voar , fugir do tronco !
Venha huma planta igual , cruzando os mares ,
Venha de Amboino , ou de Ceilaõ remotos :
Ha-de em todo o lugar maravilhar-nos.
A riqueza porém de nossos bosques
Se ignora , e chama em vaõ quem a avalia ,
Invade o Caçador a estancia augusta ,
E Eco alli só repete os sons da Morte ,
Ou golpe , e golpe do ávido Mateiro.

Vem , feitiço dos valles , branda Elisa ,
Que de Amor , e Minerva os dons possues ;
Com teu esposo vem. Já no Oriente
Alegra , tinge os Ceos manhã de rosas ,
E o Sol em breve , de rubis croado ,
Verás á porta dos Palacios de oiro.
Segue o trilho orvalhoso , aqui por onde
Zéfyro entende co'a folhinha incerta ,
E fragrancias lhe rouba , iguaes ás preces



LES PLANTES,

Remplit l'air de parfums aussi doux que les vœux
Que ta bouche innocente élève vers les dieux.
Vois-tu près du sentier, qui borde la colline,
Sous ces poiriers en fleurs, une obscure chaumine ?
Hier, le bon vieillard, de ces lieux habitant,
Suivant dans les halliers son chevreau bondissant,
Contre un rocher aigu s'est fait une blessure.
Cherchons quelque remède au torment qu'il endure.
Regarde ton enfant seconder nos desseins ;
Il t'apporte déjà, dans ses petites mains,
Les simples bienfaisans, chers au dieu d'Épidaure,
La sanicle fleurie, et l'herbe du centaure.
Allons les appliquer, allons, dans sa douleur,
Lui montrer d'un ami le front consolateur.
Hélas ! si j'étois seul, à sa misère en proie,
Que ta vue, en mon cœur feroit couler de joie !
Ces soins délicieux, il ne les connoit pas
L'homme que la mollesse enlace dans ses bras.
Loin de pouvoir guérir les maux de son semblable,
Des malheureux lui-même est le plus misérable.
Le dégoût, triste fils de la satiété,
Sur ses plus doux plaisirs jette un souffle empesté.
C'est en vain que les fleurs renaissent dans les plaines,
Que la blonde Cérés enrichit nos domaines,
Que la cour de Bacchus brille sur les coteaux,
Que l'hiver vient offrir de sévères tableaux ;
Jamais il n'admira ces scènes naturelles.
Il est tel qu'un aveugle a qui des mains cruelles
Ravirent en naissant la clarté du soleil,

Que essa bocca innocente aos Ceos envia.
 Junto á vereda , que rodea o combro ,
 Ante a Pereira em llor , vês pobre choça?
 O dono , esse bom Velho , hontem seguindo,
 Seu cabritinho , que fugia aos saltos ,
 Cahio , ferio-se n'um penedo. Ah ! vamos
 Buscar algum remedio a seu tormento.
 Vê como nos ajuda o teu filhinho ;
 Nas meliadrosas mãos lá vem trazer-te
 Simplicies , gratos de Epidauro ao Nume :
 Solda real , ventáurea. Ao Velho afflicto
 Demos de amiga face o refrigerio.
 Ai ! se a dor que parece , eu padecêra ,
 Que doce , que efficaz me fora olhar-te !
 Delicias como as nossas não conhece
 Homem que da moleza está nos braços.
 Em vez de a seus Irmãos sarar os males ,
 Misérrimo entre os miseros he sempre.
 Filho da Sacidade , o triste Enjoo
 Seus mais doces prazeres tólda , empestã.
 Flores n'um prado , e n'outro em vão revivem ,
 Ceres debalde os sulcos enriquece ,
 Entre seus Cortezãos Lieo campea ,
 O Inverno aos olhos dú severos quadros :
 Nunca taes scenas admirou o Inutil ,
 Scenas da Natureza ; he como aquelle
 A quem bárbara mão cegou no berço ,
 E cuja umbrosa vida he somno eterno.

Et dont la vie obscure est comme un long sommeil :

La nature , en croissant , redouble de largesse :
 Une vigueur céleste anime sa jeunesse.
 Tout fermente , tout vit. Les chênes verdoyans
 De leur ombre tardive embellissent les champs.
 L'air humide descend sur la terre altérée ,
 Et répand dans ses flancs la fraîcheur éthérée.
 De purs torrens de sève inondent les boutons ,
 Parfumant les sentiers des bois , et des vallons ,
 Rafraichissent nos sens , et dans l'ame ravie
 Semblent renouveler les sources de la vie.

Les oiseaux de leurs nids s'occupent tout entiers ;
 Ils ramassent le crin qu'ont perdu les coursiers ,
 Et les flocons légers que la ronce piquante
 A ravis au passage a la brebis bêlante.
 Qui pourroit exprimer leurs poursuites , leurs jeux ,
 Les refus agaçans , les transports amoureux ?
 Voyez l'ardent moineau , quand Vénus le tourmente :
 Il voltige , il s'agite autour de son amante ,
 Il semble en jouissant accroître ses desirs ,
 Meurt , et renaît vingt fois dans le sein des plaisirs.

L'Amour d'un nouveau myrte a couronné sa tête ;
 Du monde végétal il a fait la conquête :
 Otez la jalousie , et les autres chagrins ,
 On aime chez les fleurs comme chez les humains.

Crescendo, dóbra o lustre a Natureza ;
Vigor celeste a Mocidade anima.
Tudo fermenta, existe. Olha o carvalho :
Lá formosêa o chaõ co'as tardas sombras.
Vem á Terra sedenta humidos ares,
E a frescura do Ceo na Terra induzem.
Em torrentes o succo inunda os gomos
Perfuma o valle, aromatiza o bosque,
Recrea-me os sentidos, e parece
Que as origens da vida em mim renova.

As aves nos seus ninhos cuidaõ todas ;
Colhem crinas que despe o marcio Bruto,
Leves gadelhas, que o picante espinho
A' mansa ovelha na passagem rouba.
Seus mil requebros exprimir quem póde,
Transportes, brincos, e negaças brandas?
Vê o ardente pardal, se o punge Vénus,
Como treme, e esvoaça em torno á femea ;
Parece redobrar o ardor na posse :
Mil vezes morre em gostos, mil renasce.

De novo myrto Amor ja cinge a fronte,
Do Mundo vegetal fez a conquista :
Exceptna os ciumes, e outros males,
Verás que as flores, como nós, se inflammaõ.

O toi que l'on adore a Paphos , a Cythere ,
 Que dis-je ? tes autels couvrent toute la terre ,
 Dieu puissant , d'un regard seconde mes efforts :
 Je vais chanter ta gloire ; anime mes accords.

Dans des tentes d'azur , de rubis , et d'opale ,
 Vénus a préparé la pompe nuptiale.
 Les plantes qu'agitoient seulement les zéphirs ,
 Par d'autres mouvements témoignent leurs desirs.
 On les voit se pencher , s'entr'ouvrir , se sourire ,
 Et confondre les feux que l'amour leur inspire.
 Si le jour s'obscurcit , et qu'un ciel nébuleux
 Leur fasse redouter quelque accident facheux ,
 Le calice a l'instant , les branches , le feuillage ,
 S'agitent de concert pour prévenir l'orage ;
 Les pavillons fermés en écartent les coups ,
 Et l'amour est remis a des momens plus doux.

Chaque espece a ses lois : souvent la meme tente
 Réunit côte a côte et l'amant , et l'amante ;
 Dans des séjours divers quelquefois retirés ,
 Loin du lit l'un de l'autre , ils vivent séparés.
 Tel le saule flexible offre dans les prairies
 Un sexe différent sur ses tiges fleuries :
 Lorsque vers le bélier le soleil de retour
 Ramene sur son char le printemps , et l'amour ,
 Le mâle fait voler ; a travers la campagne ,
 Ses esprits créateurs sur sa verte campagne ,
 Et quelque large étang que le sort mette entr'eux ,

Oh tu, que em Pafos, em Cythéra incensaõ,
 (Que digo! O Templo delle lie toda a Terra)
 Graõ Deos! C'um volver de olhos tu me alenta;
 Ergue meus versos: vou cantar-te a gloria.

Em azues pavilhões, purpureos, verdes
 A pompa nupcial dispoz Cyprina.
 As plantas, que só Zéfyro abalava,
 N'outros meneios seus desejos pintaõ.
 Abrem, riem-se, inclinaõ-se, e confundem
 Os fogos, as paixões que amor lhe inspira.
 Se o dia se maréa, e Ceo de nuvens
 Damnos lie agoira, de repente o calys
 O ramo, a folha, unanimes se agitaõ,
 Para esquivar-se da procella instante.
 Cerrados pavilhões os golpes frustraõ,
 E a mais suave tempo Amor trasladaõ.

Cada especie tem leis: guarda huma estancia
 A's vezes par a par o amante, e a amada;
 Em difrentes estancias habitando,
 Longe hum do leito do outro ás vezes vive.
 Tal sobre os prados o salgueiro offrece
 Sexo diverso nos floridos troncos.
 Quando para o Carneiro o Sol tornando,
 No coche Amor conduz, e a Primavera,
 O macho faz voar por entre os campos
 Substancia fecundante á verde socia;
 Hum lago de permeio embora esteja:

A l'aide des zéphirs, ils s'unissent tous deux.

Le Rhone impétueux, sous son onde écumante,
 Durant dix mois entiers, nous dérobe une plante (1)
 Dont la tige s'allonge en la saison d'amour,
 Monte au dessus des flots, et brille aux yeux du jour.
 Les mâles, jusqu'alors dans le fond immobiles,
 De leurs liens trop courts brisent les nœuds débilés,
 Voguent vers leur amante, et libres dans leurs feux
 Lui forment sur le fleuve un cortège nombreux :
 On dirait d'une fête ou le dieu d'hyménée
 Promène sur les flots sa pompe fortunée.
 Mais les tems de Vénus une fois accomplis,
 La tige se retire, en rapprochant ses plis,
 Et va murir sous l'eau sa semence féconde.

Près des pôles glacés, aux limites du monde,
 Où, des hivers trop prompts succédant à l'été,
 Le fruit ne peut atteindre à la maturité ;
 La nature déroge à sa règle constante,
 Fait sortir du calice une plante vivante (2)
 Qui s'attache à la terre, et pleine de vigueur,
 De sa mère bientôt égale la hauteur.

De nos plus doux plaisirs confidente ordinaire,
 La nuit prête aux amans son ombre tutélaire ;
 Parmi les végétaux, le monarque du jour.

(1.) *Ila Vallisneria.* (2.) *Le Paturin vivipare.*

Elles (mercê de Zéfyro) se gozaõ.

O Rhódano entre as ondas escumantes
Por dez luas nos furta aos olhos planta
Que na Estação de Amor desmanda o tronco;
A' flor das aguas sóbe , e luz nos ares.
Os machos , atéli no fundo immoveis ,
Rompem seus débeis nós , seus laços curtos ;
Com livre , afoito ardor ás femeas nadaõ ,
Graõ séquito lhes formaõ sobre o rio :
Festa se antolha que Hymenêo risonho
Pelas ondas azuis guia , assoalha.
Mas tanto que de Venus finda o prazo ,
O tronco se retira , encolhe , e torna
Semente a amadurar no centro d'agua.

Junto aos Polos glaciaes , nos fins do Mundo ,
Onde rapido Inverno o Estio absorve ,
E em vaõ deseja sasonar-se o fructo ,
Derroga Natureza as leis constantes ,
Faz do calys sahir vivente planta ,
Que se une á Terra , e , de vigor provida ,
Brevemente da Mãi a altura iguala.

A Noite , amiga do prazer mais doce ,
Bresta aos suspiros tutelares sombras :
Lá entre os Vegetaes o Rei das luzes :

Est le dieu qui préside aux mysteres d'amour.
 Dès qu'aux portes des cieus les Heures vigilantes
 Ont remis au Soleil ses rênes éclatantes,
 Et que des premiers feux de son char échappés,
 Au bout de l'horizon les sommets sont frappés,
 La plupart des tribus de l'empire de Flore,
 Dans leurs habits de fête accompagnant l'Aurore,
 Celebrent leur hymen au milieu des concerts
 Dont les oiseaux ravis font retentir les airs.
 D'autres prennent le tems où la terre embrasée
 A du matin humide exhalé la rosée;
 Mais chacune le soir voile son front vermeil,
 Se retire a son heure, et cede au doux sommeil.

Si l'on voit quelques fleurs d'origine étrangere,
 Eviter parmi nous l'éclat de la lumiere,
 Et, comme les beautés qui régnoient a la cour,
 Veiller toute la nuit, et dormir tout le jour;
 C'est qu'aux lieux où l'Europe a ravi leur enfance,
 Le jour nait quand la nuit vers nos climats s'avance;
 C'est que de leur patrie elles suivent les lois,
 S'ouvrent a la même heure, ainsi qu'au même mois,

Tels, non loin d'un vaisseau fracassé par l'orage,
 On voit des malheureux, échappés du naufrage,
 Sur une ile inconnue assembler leurs débris,
 Transplanter avec eux les mœurs de leur pays,
 Et retenant ses lois dans un autre hemisphere,
 Consoler leur exil, et charmer leur misere,

Aos mysterios de Amor he quem preside,
 Mal que ás portas do Ceo velando as Horas
 No carro as guias de oiro ao Sol commettem,
 E o primeiro fulgor, que delle escapa,
 Guarnece no horisonte os agros cumes,
 Dos subditos de Flora a maior parte,
 Costejando louçãos a ethérea Deosa,
 Celebraõ hymenéos por entre os vivas
 Das aves encantadas. Outras flores
 As horas querem antes em que a Terra
 Das humidas manhãas o orvalho exhala;
 Mas cada qual de noite o rosto véla,
 E em ponto certo se retira, e dorme.

Se algumas flores (1) de estrangeira origem,
 Evitaõ entre nós d'urnos lumes,
 Quaes as Bellezas, que na Corte imperaõ,
 Velando as noites, e dormindo os dias,
 Hé que lá, donde ao seio as trouxe Europa,
 Nasce a luz quando cá se espalliaõ trevas,
 Hé que, segundo as leis da patria sua,
 Se abrem, sem ter differença em mez, e em hora:

Tais, naõ longe de hum lenho aberto de ondas,
 Miseros Nautas, evadindo a morte,
 Reliquias ajuntando em Ilha ignota,
 Os costumes da Patria alli transplantaõ,
 E, mantendo-lhe as leis n'outro Hemisferio,
 Seu infortunio, seu desterro adoçaõ.

(1) *Bousnoites, maravilhas.*

Mais quel nouveau spectacle ! Un insecte léger
Est devenu des fleurs l'agile messenger.
Deux époux , écartés par un destin bizarre ,
Ne peuvent-ils franchir le lieu qui les sépare ?
L'abeille , en voltigeant , leur porte tour a tour
Les gages desirés d'un mutuel amour.

L'homme leur prête aussi sa féconde industrie.
Dans les brulans climats où la palme fleurie
Semble , en penchant la tete , appeler son amant ,
Le Maure arrache un thyrsé au palmier fleurissant ,
Sur elle le secoue , et revient en automne
Cueillir les fruits nombreux que cet hymen lui donne.

Mais l'amour trop longtemps m'attache a ses tableaux ,
Et trois saisons encor réclament mes pinceaux.

FIN DU CHANT I.

Porém que nova scena ! Hum leve insecto
Agil nuncio das flores eis se torna.
Desviados no campo Esposo , Esposa ,
Terreno , que os desune , andar não podem ?
A abelha , volteando a elle , a ella ,
Do reciproco amor conduz penhores.

O Homem tambem lhes presta industria fertil.
Onde arde o clima , e florecente a Palma
Mostra inclinada que ao Amante acena ,
O Africano no Palmeiro hum thyrso arranca ,
Sacóde-o sobre a femea , e vai no Outomno
Colher desta uniaõ não raros fructos.

Mas ao seu quadro Amor me prende ha muito ,
E inda tres Estações pinceis me pedem.

F I M D O C A N T O I .

NOMENCLATURA

L I N N E A N A

D A S P L A N T A S

DO PRIMEIRO CANTO.

CICUTA *Cicuta virosa*, *phellandrium aquaticum*.

Achaõ-se estas plantas nas lagõas, e covas aquaticas :
crescem varias nas ribeiras.

NARDO, *Nardus Indica*.

Na India.

ORTELAM D'AGUA vulgo **MENTRASTO**, *Mentha aquatica*.

Junto de aguas.

AGRIAÕ, *Cardamine pratensis*.

Pastos humidos.

TREVO, *Trifolium pratense*.

Prados, lugares hervosos.

PINHEIRO, *Pinus sylvestris*, *cembra*.

Bosques do Norte de Eureka, os Alpes, etc.

TIL, *Tilia Europaea*.

Bosques.

CASTANHEIRO DA INDIA, *Aesculus hippocastanum*.

India, e Asia Septentrional, donde veio á Europa
quasi em 1576.

JUNCO, *Juncus effusus*.

Lagõas, junto a estradas hum tanto humidas.

VIDE , *Vitis vinifera*.

Climas temperados de todo o Mundo.

ORTIGA , *Urtica dioica*.

Hortas , ao pé de balsas.

ÆTHUSA OU CICUTA PEQUENA , *Æthusa cynapium*.

Jardins , e lugares cultivados.

MERCURIAL , *Mercurialis annua*.

O mesmo.

MARROIO , *Stachys annua*.

Jardins , e campos.

GRAMA , *Triticum repens*.

Campos , espinhais , hortas.

PRIMAVERA , flor , *Primula veris*.

Junto á borda dos prados.

NARCISO , *Narcissus poeticus* , *pseudonarcissus*.

Prados e bosques. Duas especies de lyrios.

VIOLETA , *Viola odorata*.

Junto aos matos , lugares sombrios.

OFRIS , OU ABELHINHA , *Ofris insectifera myoides*.

Pastos montuosos.

PEREIRA , *Pyrus communis*.

Nas quintas. Conhecem-se 72 castas , havidas pela cultura.

SOLDA REAL , *Sanicula Europaea*.

Bosques , e ao longo dos Espinhais.

CINTAUREA , *Gentiana centaurea*.

Pastos seccos , e veredas de bosques.

CARUALHO , *Quercus robur aegilops*.

Nos bosques.

ÇARÇA , *Rubus fruticosus*.

Lugares abrigados , campos incultos.

SALGUEIRO , *Salix alba* , *purpurea* , *viminalis* , etc.

Sítios húmidos.

VALLISNERIA , *Vallisneria spiralis*.

No Rhódano , e em alguns lagos de l'Orne.

POA VIVIPARA , *Poa Alpina vivipara*.

Montes de Laponia.

BOAS NOITES , *Mirabilis jalapa*.

No Méxiço.

PALMEIRA DE TAMARAS , *Phoenix daetylifera*.

Africa , India.

*Animaes , Passaros . Amphibios , Peixes ,
Insectos.*

ABELHA , *Apis mellifera*.

OVELHA , *Ovis aries*.

SALMAÔ , *Salmo salar*.

BOI. *Bos , taurus*.

CABRA , *Capra , hircus*.

CAVALLO , *Equus , caballus*.

CUCO *Cuculus canorus*.

ANDORINHA , *Hirundo rustica , urbica*.

PISCO *Loxia pyrrula*.

MILHEIRA , *Fringilla coelebs*.

VERDILHAÔ , *Loxia chloris*.

MELHARUCO , *Parus major , etc*.

TUTINEGRA, *Motacilla philomela*, etc.

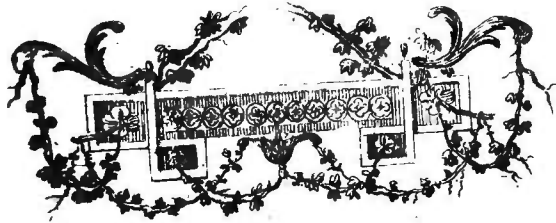
RATO DO CAMPO, *Mus terrestris*.

TOUPEIRA, *Talpa Europaea*.

CORVO, *Corvus corax*, etc.

PARDAL, *Fringilla domestica*.

Fim da Nomenclatura de Canto I.



LES PLANTES,
POÈME.

CHANT SECOND.

L'ASTRE majestueux dont les flammes fécondes
Dispensent la chaleur, et la vie aux deux mondes,
A passé des gémeaux le signe radieux
Et poursuit triomphant sa route au haut des cieux.
De diverses couleurs les Saisons revêtues,
Environnent son char, assises sur les nues :
Il répand par leurs mains la verdure, et les fleurs,
Les trésors des guérets, l'espoir des vendangeurs,
Et l'orage bruyant dont la secousse utile
Rend l'air fluide et pur et la terre fertile:
Aujourd'hui vers l'Eté tournant un front serein,
Viens dit-il, ô mon fils ! viens sur ce char divin,
Partager près de moi ma gloire, et ma puissance :
Je veux dans l'univers signaler ta présence.
Commence ta carrière en découvrant ces monts
Hérissés de frimats qui bravent nos rayons :

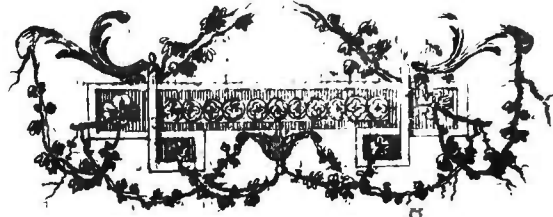
CANTO II



Uey Landp.

no. 100 del. ego.

Alha remôta se demande, oh Muzias



AS PLANTAS, POEMA.

CANTO SEGUNDO.

O ASTRO pomposo, cuja luz fecunda
Frésta aos dois Mundos o calor, e a vida
Transpoz dos Gemeos o brilhante Signo,
E no cume do Ceo reluz triunfa.
Trajando as Estações diversas galas,
Sentadas sobre nuvens o rodeaõ.
Por maõ dellas verdura entorna, e flores,
Le Céres a riqueza, os dons de Baco,
Rouca tormenta que liquide os ares,
E que, apurando-os, fertilize a Terra.
Eis, volvendo ao Veraõ benigna face,
» Vem, sobe ao carro meu, (diz) sóbe, ó filho;
Na gloria minha, em meu poder tem parte;
Quero illustrar contigo a Natureza.
Eia, destapa os montes, erriçados
De altas geadas, que meu raio afrontaõ;

Fais rouler dans le sein des mers hyperborées
 L'épouvantable amas des glaces azurées,
 Et que les flots, poussés du nord à l'équateur,
 Des flux, et des courans te proclament l'auteur.
 Peuple l'air, et les eaux. Fais sur les marécages
 De mouchérons légers voler mille nuages.
 Sème sous les grizons mille essaims bourdonnans,
 Et donne à chaque fleur ses petits habitans.
 Que l'or par toi formé dans la terre étincelle.
 Que le rubis s'allume à ta flamme immortelle.
 Fais encore aux humains des dons plus précieux ;
 Muris ces verts épis qui flottent sous tes yeux,
 Et dore le froment que Cérés attendrie
 Leur donna pour soutien de leur pénible vie.

Il dit : l'Été, charmé de ses nobles destins,
 Accomplit du Soleil les ordres souverains.
 Dans la terre, et dans l'air sa chaleur épandue,
 Comme un fleuve de feu, circule, et s'insinue.
 Sans doute loin de nuire, elle est utile aux champs
 Où la nature en paix a disposé ses plans,
 Où le gazon touffu la mousse, et la fougère
 Couvrent d'un voile épais la face de la terre,
 Et ne laissent passer des rayons de l'été
 Que ce qui peut servir à la fécondité.
 Mais dans les lieux où l'art exerce son empire,
 Aux jardins découverts de Flore, et de Zéphire,
 Le sillon, épuisé par les mêmes chaleurs,
 Voit bientôt se flétrir la gloire de ses fleurs,

Faze rolar nos Hyperbóreos Mares
 Montaõ medonho de azulados gèlos ;
 Ondas , do Norte ao Equador pulsadas ,
 Das correntès e fluxo Author te aclãmem.
 Aguas povóa , e ar ; manda de insectos
 Sobre as lagoás adejar negrumes ,
 Manda enxames zunir d'entre as envinhas ,
 Seus tenpes habitantes dando às flores.
 Por ti fulvo metal na Terra brilhe ,
 Accenda-se o rubi nos teus luzeiros ;
 Inda mais uteis dons confere ao homem ,
 Verdejantes espigas enloirece .
 Os trigos dõira , que , apiedada Ceres
 Lhe deo para ajudar-lhe o pezo á vida.

Diz , e dos Fados seus o Estio ufano ,
 Executa de Febo as leis supremas.
 Espraia seu fervor no Céo , na terra ,
 Rio he de fogo , e se insinua , e corre.
 Não lhes empece , aos campos aproveita ,
 Que a Natureza em paz vestio de Plantas ,
 Onde a relva confusa , o musgo , o feto
 Tapaõ de espessos véos a tèrrea face,
 E o que á fecundidade he prestadio
 Só deixaõ nella entrar de estiyos lumes.
 Nos lugares , porém , onde a Arte impéra ,
 De Flora nos Jardins , nos teus , Favonio ,
 Pela calma esgotado , o sulco em breve
 Das flores suas vé murchar-se a gloria ,

A moins que l'arrosoir , ranimant la verdure ,
N'y fasse chaque jour pleuvoir une onde pure.

Nymphes , qui présidez aux sources , aux ruisseaux ,
Venez donc nous prêter la fraîcheur de vos eaux.
Heureux qui dans un coin , sous un rocher humide ,
Voit sourdre en son enclos , la fontaine limpide !
Le fleuve a plus d'éclat ; mais souvent un verger
D'un trop grand voisinage atteste le danger.

La terre n'aime pas a se voir arrosée
Quand des feux du midi sa surface embrasée
Résonne sous vos pas et ressemble a l'airain.
L'eau que vous lui donnez sur elle coulé en vain,
Irrite encor la soif dont elle est consumée
S'exhale dans les airs , et se perd en fumée.

Tel l'encens d'Yémen , dans un jour solennel ,
Touche a peine le feu qui brule sur l'autel ,
Qu'évaporé sou lain par la chaleur , puissante ,
Il monte vers les cieux en nuée odorante.

C'est a l'heure où l'aurore , annonçant le réveil ,
Monte dans l'orient sur son trône vermeil ;
C'est surtout quand l'étoile a Vénus consacré
Fait succéder au bruit la tranquille soirée ,
Que le sol respirant d'une longue chaleur ,
De l'humide arrosoir implore la faveur.
Après un jour brulant , foible et demi-fanée ,

Se vida o regador não restitue
A' prostrada verdura, em claras ondas.

Nymphas, que presidis, ás fontes presidis, e aos rios,
Vossos puros cristais prestar nos vinde.
Feliz quem nos seus campos vê surdindo
Vitrea nascente de humido penedo!
Ribeiras luzem mais porém nil vezes
Risco atesta o Fozar de o visinharem.

A terra não se apraz de ser banhada
Se, pisando-a, semella os sons do bronze,
Se o Meio Dia accezo a tez lhe torra.
Corre agua, que lhe dá, em vão por ella;
Desespera; inda mais, sedes que a mirraõ,
Nos ares se evapora, e vai-se em fumo.

Assim de Yemen o incenso, em dias faustos,
Mal toca o lume que na pyra estala,
Súbito ardendo, súbito exhalado,
Aos Deoses vóa na cheirosa nuvem.

Quando a Tiitonia Moça, enfeitãõ, cobrem
Docél de de rozas, jasmins grinalda,
Inda mais quando, oh Venus, o teu Astro
Converte, em mansa noite o dia inquieto,
Hé que a Terra, da calma respirando,
O regador chuvoso anheia, e chama.
Depois de estivas, ensoadas horas

Chaque plante languit sur sa tige inclinée.
 Mais lorsque la fraîcheur a coulé dans leur sein,
 Leurs orgues vaincus se raniment soudain ;
 On les voit reverdir, et pleines de souplesse
 De leur tête a l'envi relever la noblesse.

L'onde a tout réjoui ; vos buveurs satisfaits
 Tour a tour l'ont reçue, et goutée a longs traits.
 Tandis que le soleil, au bout de sa carrière,
 Oppose encore a l'ombre un reste de lumière ;
 Traversez de nouveau ces charmantes tribus,
 Recueillez leurs parfums, sur vos pas épanchés,
 Voyez, entre les buis, reluire leur feuillage,
 Et partout du bonheur briller la douce image.
 Demain, les verts boutons des roses, des œillets,
 Vous laisseront déjà deviner leurs attraits ;
 L'abricot odorant, la cerise vermeille
 Vous pairont a l'envi le bienfait de la veille ;
 Et durant tout l'été, vos fertiles jardins
 Seront comme ces lieux de l'équateur voisins,
 Où la terre, toujours embrasée, et féconde,
 Nourrit, sans s'épuiser, les délices du monde.

Là, sur les champs brunis, comme sur les forêts,
 Une flore plus fiere a déployé ses traits.
 Des arbres monstrueux y couvrent les rivages,
 Et semblent y braver le tems, et les orages.
 Le puissant Séiba, tel qu'une immense tour,
 Onbrage cent arpens de son vaste contour.

N'haste pendente desfalece a planta ;
Mas se a frescura lhe penetra o seio ,
Logo se animaõ seus vencidos orgãos ,
E reverdece logo , e bella , e branda ,
Por entre virações altêa a fronte.

As aguas alegráraõ planta , e planta ;
Todas em largo sorvo as tem gostado,
Em quanto do seu gyro o Sol no termo
A's sombras inda oppoem de luz hum resto ,
Tu visita de novo as Tribus verdes ,
Recolhe cá e lá seus mil perfumes ,
Vê n'uma n'outro lugar luzir-lhe a folha.
E a imagem da ventura em toda a parte.
Os botões amanhã do cravo , e rosa
Te deixarão prever seus attractivos ;
A cereja , o damasco haõ-de pagar-te
Desvelos , que exercestes em cultivallos ,
E seraõ teus jardins no Estio ardente
Quais os lugares , do Equador vizinhos
Onde sempre escaldada a Terra , e fértil ,
Delicias nutre ao Mundo , e naõ se estanca.

Lá nos pulidos campos , lá nos bosques
Seus dons ostenta mais soberba Flóra.
Monstruoso Arvoredo assombra a Terra ,
E os Tempos , os Tufões como que insulta.
O Seiba , erguido alli qual Torre immensa ,
Abarca geiras cem co'a vasta rama.

Au dessus des forêts ses branches étendues
 Semble d'autres forêts dans les airs suspendues.
 Combien de fois la terre a changé d'habitans
 Combien ont disparu d'empires florissans
 Depuis que ce géant vers l'astre qui l'éclaire
 Leve avec majesté sa tête séculaire !

De brillans vegetaux non moins chers a Phœbus
 Offrent dans ces climats les plus rares vertus.
 Délicieux moka , ta séve enchanteresse
 Réveille le génie . et vaut tout le Permesse.
 Là rougit une écorce (1) , antidote divin
 Quand la fièvre en fureur s'allume dans mon sein :
 Ici , pour me flatter , la vanille grimpante
 Attache aux arbrisseaux sa silique odorante.
 Amboine (2) avec orgueil voit ses belles forêts ,
 Et les noix de Ban-la (3) parfument nos banquets.

Une plante (4) , ô prodige ! a l'éclat de ses charmes
 Unit de la pudeur les timides alarmes.
 Si d'un doigt indiscret vous osez la toucher ,
 Le mo l'este feuillage est prompt a se cacher ,
 Et la branche mobile , aux mêmes lois fidelle ,
 S'incline vers la tige , et se range auprès d'elle.

(1) *La quinquina.* (3) *La muscade.*
 (2) *Le girofler.* (4) *La sensitive.*

Seus braços , ás florestas sobranceiros ,
 Outras florestas saõ , pelo ar suspensas.
 Oh quantas Gerações se tem sumido .
 Que Imperios d'ante os olhos tem voado ,
 Desde que este Gigante aos Ceos levanta
 A frente , que de Seculos blasona !

Mil vegetais , ao Sol não menos caros ,
 Saõ de rara virtude alli munidos.
 Deleitoso café , o engenho espertas ,
 Valem teus succos a Permésia linfa.
 Antidoto celeste alli roxéa
 Quando a febre assanhada o pulso inflamma ;
 Trépadora baunilha alli me alegraõ ,
 E a siliqua fragrante une aos arbustos.
 Ufano olha Ceilaõ seus bellos Bósques ,
 Das Molucas a nóz festins perfuma.

Certa planta (oh prodigio !) a seus encantos
 Liga os melindres do virgineo pejo.
 Se com dedo indiscreto ousas tocalla ,
 Quer esconder-se a pudibunda folha ,
 E ás mesmas leis fiel , o mobil ramo
 Se inclina para o tronco , e cinge a elle.

H

J'admire le réseau , fatal aux moucheron ,
 Qu'un insecte suspend autour de nos maisons ;
 Mais le fil animé de l'agile araignée
 Ne sauroit égaler l'art de la dionée.
 Sa feuille en embuscade au milieu des marais
 Cache sous un miel pur la pointe de ses traits :
 D'un perfide ressort elle est encore armée.
 Au premier mouvement de la mouche affamée ,
 La feuille se replie , et l'insecte imprudent ,
 Percé des deux côtés , expire en bourdonnant .

Détournons nos regards d'une fleur si cruelle.
 Les jasmins ont blanchi , l'amarylle étincelle ,
 Autour de l'agathis courent de longs festons ,
 Et l'aimable pervenche a rougi ses boutons.
 Sous un vert tamarin , frais , et pompeux ombrage ,
 Je contemple a plaisir ce riche paysage ,
 Où le nopal nourrit sur ses bras épineux
 De la pourpre de Tyr l'héritier malheureux (1) ;
 Où pendent des rochers les lianes flottantes ;
 Où le sable est couvert de grenades brillantes ;
 Où . . l'œil ne peut suffire a les distinguer tous ,
 Faut-il , riantes fleurs , fruits si beaux , et si doux ,
 Faut-il que votre aspect rapelle a ma mémoire
 De cent peuples détruits la déplorable histoire ?
 Et le sort , trop propice a d'affreux conquérans ,
 Devoit-il leur ouvrir vos rivages charmans ?

(1) *La cochenille.*

Admiro as redes , que , ao mosquito infensas ,
Arachne dependura em torno aos tectos ;
Mas do insecto ardiloso o tenue fio
Excedem muito da Dionéa (1) as artes.
A folha entre lagôas embuscada ,
Recata n'um mel puro aguda ponta ,
E de móla infiel se arma , se ajuda.
Mal que a menea famulenta mosca ,
A folha encolhe , e o temerario insecto
Eis traspassado , e susurrando , expira.

De huma flor taõ cruel se arrede a vista.
Lustra amaryllis ; o jasmim branqueja
Festões se alongaõ em redor da agathis ,
Purpuréa os botões gentil congorça.
De verde tamarindo á fresca sombra
Quanto folgo de olhar paizagem rica ,
Onde em seus ramos o nopal sustentã
Da purpura de Tyro o triste herdeiro ;
Onde instaveis cipós das rochas pendem ;
Onde a romã brilhante arêas cobre ,
Onde . . não posso numerallos todos.
Risonhas flores , delicados fructos ,
Porque me recordais a historia amarga
De extinctos Povos cento a ferro , e fogo !
Patrono de crueis Conquistadores ,
Devêra o Fado abrir-lhe os campos vossos ?

H 2

(1) *Apanha moscas,*

Muse , transporte-moi dans quelque ile lointaine
Que le ciel ait cachée a l'Europe inhumaine ;
Découvre a mes regards un vallon fortuné
Que la main des mortels n'ait jamais profané.
Tu m'écoutes. Un bois élevé , magnifique ,
Répand autour de moi son ombre aromatique.
D'une source commune , ainsi que deux jumeaux ,
Dans un pré plein de fleurs , descendent deux ruisseaux.
Sur les myrtes voisins le bengali soupire.
Parmi les lataniers , qu'agite le zéphire
La perruche bruyante , et le lori vermeil
Sautent sous la feuillée a l'abri du soleil.
D'aras majestueux un éclatant nuage
S'abat en rayonnant , et remplit le bocage :
Tantôt sur les palmiers leur bec dur , et retors
Du coco murissant entr'ouvre les trésors ;
Tantôt un ananas , qui sort du sein des herbes ,
Rassemble autour de lui ces convives superbes.
Là d'innombrables nids , semés parmi les fleurs ,
D'un air vivifiant respirent les chaleurs.
Je vois de tous côtés , près des vagues émues ,
Se trainer a pas lents les pesantes tortues ,
Tandis que les oiseaux chéris du dieu des mers
Quittent de l'océan les immenses déserts ,
Et rasant a grands cris les sables des rivages ,
En foule , vers le soir , volent sous les ombrages.

La nuit ne peut pas même a ce riant séjour ,
Malgré son voile épais , ôter l'éclat du jour ,

Ilha remota se demande oh Musas ,
Vedada pelos Céos á crua Europa.
Exponde aos olhos meus ditoso valle ,
Tégora dos Mortais naõ profanado.
Vós me ouvis. Eis magnífico Arvoredo
Desparze entorno a mim fragrantés sombras.
De huma fonte commum , quais vem dois gemeos ,
A prado ameno dois arrosios descem.
Suspirã sobre o myrto a bengalinha ;
Por entre as palmas , que Favonio róça ,
Rubros loris , e os verdes papagaios ,
Abrigados do Sol , nas folhas saltaõ.
Nuvem de aráras magestosa brilha ,
Pousa nos ramos , e a floresta occupa.
Já nas palmeiras seu revolto bico
Abre os fructos , que forra hirsuta casca ;
Já mimoso ananás , que sahe das ervas ,
Os aérios convivas junta em roda.
Innumeraveis ninhos entre as flores
Hum ar vivificante alli respiraõ ;
A rija tartaruga a passos lentos
Alli junto do Mar seu pezo arrasta ,
Quando as aves que anima o Deos das ondas ,
Os ermos deixaõ do Oceano immenso ,
E as ruivas praias costeando , aos gritos ,
Em tropel , quasi noite , as selvas buscaõ.

Ao ridente lugar naõ póde a Noite
Do dia o resplendor furtar co'as sombras.

A peine elle a paru , que des plantes sans nombre
 S'allument de concert , et rayonnent dans l'ombre.
 D'insectes lumineux mille escadrons légers
 Luttent en se jouant dans des bois d'orangers ;
 De rapides éclairs jaillissent de leurs ailes ,
 Et chaque feuille au loin lance des étincelles.
 Le jeu cesse ; a l'instant regne l'obscurité.
 Puis un folatre essaim ramene la clarté ,
 Volle , s'agite en l'air - et le remplit de flamme.

Mais ni ces belles nuits que la nature enflamme ,
 Ni les plaines d'Asie , et les monts des Incas ,
 France , n'égalent point tes fertiles climats.
 Tu surpasses l'Égypte , où , trois fois chaque année ,
 D'une riche moisson la terre est couronnée ;
 Et la ville de Mars , triomphante des rois ,
 Eut , dans ses jours de gloire , envié tes exploits ;
 Jamais près de la Seine une bergere assise
 D'un crocodile affreux ne craignit la surprise :
 Jamais dans tes forêts un chasseur imprudent
 Ne recula tout pale a l'aspect d'un serpent ,
 Qui comme un long palmier , couché sur la bruyere ,
 Ouvre . en se redressant , sa gueule meurtriere.
 Tes vallons sont couverts de superbes troupeaux ;
 Des pampres renommés festonnent tes côteaux ;
 L'huile coule a flots d'or aux bords de la Durance ;
 Cérés de tes greniers entretient l'abondance ;
 Mars attelle a son char tes coursiers frémissons ,
 Et la mer tremble au loin sous tes mats foudroyans.

Tanto que desce numerosas Plantas
 Se accendem todas , e nas trévas luzem.
 De insectos mil , e mil radiante chusma
 Nos aureos laranjais lustrando brinca ,
 Relampagos lhe espirraõ d'entre as azas ,
 E lá scintila cada folha ao longe.
 Cessa o recreio , a escuridade reina :
 Eis prazenteiro enxame a luz innóva ,
 E adeja , e vòa , e folga no ar , que doira.

Mas sombras tais que a Natureza inflamma ,
 Montanhas do Perú, planicies d'Asia ,
 Mal podem , França , equivaler-te ao Clima.
 Vences o Egypto, donde tres vezes no anno
 Se cróa a Terra de opulentas messes ;
 De Mavorte a Cidade , aos Reis terrivel ,
 Nos tempos de oiro te invejára o lustre.
 Paçtora , junto ao Sena reclinada ,
 Jámais temeo do crocodilo assaltos ;
 Incauto Caçador nunca em teus bosques
 Pálido recuou , da Serpe á vista ;
 Que , d'ntre o mato , qual Palmeira enorme ,
 Abre , surgindo , as matadoras fauces.
 Gados soberbos em teus valles bramaõ ,
 Orna-te os cerros pâmpano afamado ;
 Corre teu puro azeite em rios de oiro ;
 Ceres te abasta os próvidos celeiros ,
 Junge Marte a seu carro os teus Ginetes ,
 E Nereo de teu raio ao longe treme.

Combien de monumens dont la grandeur étonne !
 Regardez : c'est Bossuet qui s'éleve , et qui tonne ;
 C'est Descartes , du monde éclairant le chaos ;
 C'est Corneille , Pascal , Racine , Despréaux ;
 Montesquieu , qui des lois explique les oracles ;
 Buffon , de la nature étalant les miracles ;
 Et toi , Jean-Jacque , enfin , qui de leurs droits sacrés
 Rendis aux nations les titres égarés.
 Reconnoissez Martel qui sut dans nos vieux ages
 Du More débordé repousser les ravages ;
 Charles , qui de cent rois le vainqueur , ou l'appui ,
 Vit l'univers tremblant se taire devant lui ;
 Des Guesclin , des Bayard la valeur souveraine ,
 Et plus près de nos jours Catinat , et Turenne.

Pere de la nature , Etre puissant , et bon ,
 Protege cet Empire , où l'humaine raison ,
 Dans un ordre nouveau , sous ton auguste auspice ,
 De la société rebatit l'édifice.
 Avec la douce paix , fais-y du haut des cieux
 Descendre des vertus le groupe radieux ,
 Et la tendre amitié , que ta bonté feconde
 Créa pour embellir , et consoler le monde.
 Eclaire nos conseils et de nos magistrats
 Vers le bonheur public dirige tous les pas.
 De nos nouveaux Linus daigne illustrer les veilles ;
 Découvrir a nos savans tes secrettes merveilles ;
 Donne a la jeune fille une aimable pudeur .
 Et répands sur ses traits la grace , et la candeur.

Que Monumentos de grandeza éstranha !
 Olha : hé Bossuet , que aßsoma e qué troveja ,
 Hé Descartes , que ao Mundo illustra o cáhos ;
 Hé Corneille , Pascal , Boileau , Racine ;
 Este das Leis oráculos decifra ,
 Outro da Natureza expõem milágrès ;
 E tu também , que os titulos sagrados
 Restituiste ao Mundo em letras de oiro.
 Eis , eis Martel , que na remota Idade
 A furia rebateo do Moiro infesto.
 Carlos , que , de Reis cento amparo , ou jugo ,
 Vio a Terra , a tremer , calar-se ante elle ;
 Os Bayards , os Guesclins , da Guerra Numes ,
 E cá mais perto Catinat , Turenna.

Oh Pai da Natureza ! Oh Grande ! Oh Justo !
 Este Imperio protege , onde ordem nova
 Com teu Favor Divino , á Sombra tua ,
 O Templo social refórça , estea.
 Manda que a Paz celeste , e que as Virtudes
 Em luminoso gruppõ aqui descendaõ ,
 E a Amisade , esse Bem , por ti creado ,
 Para se consolar e ornar-se o Mundo.
 Dos Magistrados esclarece a mente ,
 A' ventura geral seus passos guia ;
 De novos Linos as vigílias honra ,
 Maravilhas de hum Deos confia ao Sabio ;
 Amavel pejo na Donzella influe ,
 No rosto a graça , e cándidez lhe apura.

Qu'unie a son époux , l'épouse heureuse et pure
 Fasse de ses enfans sa plus belle parure.
 Avec la liberté , raffermis , et maintien
 L'amour sacré des lois , son éternel soutien.
 Puisse l'astre éclatant où brille ta puissance
 Ne rien voir dans son cours de plus grand que la France !

Rentrons dans les taillis , et les hautes forêts ;
 Sous un ciel enflammé se fendent les guérets ;
 Les bois seuls aujourd'hui , dans de rians espaces ,
 Nous offriront encor la fraîcheur , et les graces.
 Prés du gazon d'olympé , et des cistes dorés
 Monte la véronique aux épis azurés.
 Je sens au pied des pins l'ivette résineuse.
 Ici , l'euphorbe étend sa famille laiteuse ;
 Là , de l'oeillet sauvage éclatent les boutons ,
 Et la fraise vermeille embaume les gazons.
 D'une heureuse cité les forêts sont l'image.
 Chaque espee y conspire au commun avantage ;
 Le fort aide au plus foible , et l'on voit de sa fleur
 Celui-ci tous les ans orner son bienfaiteur.
 La ronce aux traits aigus , comme un garde-fidelle,
 Dans différens quartiers se poste en sentinelle ,
 Détourne avec ses dards l'approche du troupeau ,
 Et des arbres naissans protège le berceau.
 Mille autres rejetons , essaim jeune , et fertile ,
 Présentent de leurs fruits la récolte facile.
 Encor quelques soleils , vous verrez en ces lieux
 Accourir des hameaux le peuple industrieux ,

Fórme , unida ao Consorte a cásta Esposa ,
 De seus filhinhos seu primeiro enfeitê ;
 Eterniza das Leis o amor sagrado
 Dellas escudo , consistência dellas ,
 E o Sol , Reflexo teu , jámais aviste
 Grandeza , que deslumbre a Patria minha.

Entremos outra vez nos altos bosques ;
 Debaixo de ar accezo o chaõ se grêta.
 Sós as florestas nos offrecem risós ,
 Sós nos offrecem a frescura , e graças.
 Ao pé da estancadeira , ao pé da esteva
 O abrotano levanta azués espigas ,
 Eis junto ao pinho a teucra resinosa ;
 O trovisco a familia aqui desparze ,
 Alli brilha o botaõ do cravo agreste ;
 Rubro medronho as ervas embalsama.
 Hé de fausta Cidade a selva emblema ,
 Cada especie concorre ao bem de todas.
 O forte ajuda o fraco ; este atavia
 Em anno , e anno o bemfeitor co'as flores ;
 Como guarda fiel , o agudo espinho
 Posta-se aqui , e alli , rechaca os gados
 Com seus mordazes bicos ; e apadrinha
 As arvores nascentes. Mil reniõvos ,
 Moço , e fertil enxame , além presentão
 Dos tenros fructos a colheita facil.
 Girem mais algumas Sões : veras aos bosques
 Hir de huma , e d'outra Aldêa o destro Povo ,

Et les bergers ravis , sous les branches légères
 Cueillir la noix bronzée et l'offrir aux bergères.
 Jusqu'au ciel cependant les chênes , les ormeaux ,
 Et le frêne , et l'érable , élèvent leurs rameaux .
 Plusieurs ont de la foudre éprouvé les outrages ;
 Les autres , déployant leurs antiques ombrages ,
 Achevent sans atteinte un regne glorieux ,
 Et rendent témoignage à la faveur des dieux .
 Loin de tous ses rivaux le corbeau solitaire
 Au haut de leur colonne aime à bâtir son aire .
 Mais qui pourra compter les êtres animés
 Sur leurs feuilles errans , dans leur bois enfermés ?
 Depuis l'hypne onduleuse , à leurs pieds étendue
 Jusqu'au dernier rameau , qui se perd dans la nue ,
 Chaque fente contient mille atomes vivans ,
 Sur chaque nœud fourmille un monde d'habitans .
 Qui nés avec le jour auront dans la soirée
 De leur vie éphémère accompli la durée .
 Pour nous ces mêmes bois épanchent dans les airs
 Le fluide vital , ame de l'univers .
 Du sol le plus profond leurs fibres vigoureuses
 Savent percer encor les couches ténébreuses ,
 Pomper l'onde invisible , et de ces sombres lieux
 En fertiles vapeurs l'élever dans les cieus ,
 Remplir les réservoirs des nymphes des montagnes ,
 Et de sources sans nombre humecter nos campagnes .

 Beaux lacs , fleuves pompeux , pacifiques étangs ,

O Pastor despegar do leve ramo
 A noz , que esmaga , e que á Pastora offrece.
 Alção em tanto ao Céu carvalhos , olmos ,
 O bordo , o freixo , as arrogantes cópas ;
 Dos raios o furor próvaraõ muitos ,
 Os outros , alargando annósas sombras ,
 Glorioso Reinado illesos findaõ ,
 E attestaõ protecção de amigos Deuses.
 Longe dos seus rivaes , lá sobre os troncos
 O corvo , em solidão , vai aninhar-se.
 Mas numerar quem póde os vários Entes ,
 Que erraõ nas folhas , e que o lenho inelue ?
 Desde o hypo , que lhe jaz aos pés lançado ,
 Té ao ramo ; entre as nuvens escondido .
 Vivem átomos mil em cada fenda ;
 Hum Povo em cada nó se cria , e ferve .
 Nascêraõ co'a manhaã , teraõ á noite
 Da efemérica vida extincto o prazo .
 As mesmas sélvas para nós derramaõ
 O fluido vital , alma do Mundo ;
 Prestantes , vigorosas fibras suas
 O mais profundo chaõ tambem penetraõ ;
 Sórvem a agua invisivel , e em vapores ,
 Sãos , fecundantes , do escondrijo a elevaõ ;
 Daõ vitreo cahedal do Monte ás Nynfas ,
 Que refrigere , que humedeça os campos .

Mostrai-me , oh rios , descobri-me , oh lagos ,

Ouvrez à mes regards vos trésors verdoyans.
 Puissé-je pénétrer dans vos touffes humides,
 Asyle accoutumé des sarcelles timides,
 Distinguer les roseaux nourris dans votre sein,
 Et du peuple écaillé connaître le jardin !
 Arrêtons-nous au pied des collines fleuries
 D'où Saint-Maur voit la Marne arroser les prairies.
 Là, des saules sans nombre inclinent sur les eaux,
 Ou dressent dans les airs leurs mobiles rameaux.
 Un magnifique insecte (1) habite leur feuillage,
 Et d'un parfum de rose embaume le rivage.
 De larges nymphéas, sur les flots aplanis,
 Forment des deux côtés de superbes tapis.
 Le séneçon doré, la rouge salicaire
 Ornent de leurs attraits la rive solitaire,
 Et le convolvulus éclatant en blancheur
 Sur les buissons voisins entrelaçant sa fleur,
 De ses nombreux festons couvrant leurs intervalles,
 Semble le noeud charmant des grâces végétales.

Quelquefois je m'écarte, et d'un pas incertain,
 Loin du hameau paisible errant dès le matin,
 Un lac s'offre à ma vue entre des monts sauvages.
 La brume ténébreuse en couvre les rivages.
 Mais à peine Phœbus pénètre ces vapeurs,
 Je les vois s'élever à travers les hauteurs ;
 L'eau commence à reluire, et le brouillard humide

(1) *Le capricorne musqué.*

Vossos bellos thesouros verdejantes.
 Quem vos tocára as humidas madeiras,
 Do timido germano usado abrigo!
 Quem vira as plantas, que alentais no seio!
 Quem o jardim das escamosas turbas!
 Paremos junto á florida collina,
 Donde o Marna se vê regando os prados.
 Lá salgueiros sem conto ao rio inclinãõ,
 Ou endereçaõ para o Polo a rama.
 Insecto singular nas folhas mora,
 E exhala sobre a margem róseo cheiro.
 Os golfões sobre as ondas aplanadas
 Formãõ daquem, dalém, tapiz soberbo;
 O purpureo litronio, o morto cardo,
 Daõ lindo enfeite á solitaria margem;
 No proximo espinheiro as campainhas.
 Entrelaçando a flor, que a neve abate,
 Cobrindo de fastões seus intervallos,
 Das graças vegetais o nó parecem.

A's vezes me extraviõ, e desde a Aurora,
 Distante do lugar, vagueo incerto,
 Eis entra serras me apparece hum lago,
 De que este, e aquelle extremo as névoas toldaõ.
 Mas tanto que as penetra o Sol fervente,
 Dos cumes atravez as vejo alçar-se;
 A agua logo reluz, e a sombra ao longo

S'enfuit le long des bois , comme un spectre livide.
 Alors , dans leur éclat , j'aperçois les trésors
 Dont les Dieux d'alentour ont embelli ces bords.
 Les rochers , l'un sur l'autre entassés près des ondes ,
 M'offrent des arbrisseaux dans leurs fentes profondes ;
 La mousse est a leurs pieds brillante de fraîcheur
 Et de l'ouate molle égale la douceur.
 La châtaigne aquatique , au sein du lac placée ,
 Promene entre deux eaux sa coque hérissée :
 Si quelqu'enfant d'Eole , en traversant ces lieux
 S'amuse a soulever les flots séditions ,
 Plus d'un fruit , emporté par la vague et l'orage ,
 Roule et vient sous mes mains échouer au rivage.

C'étoit ainsi qu'Atys , a l'ombrage des bois ,
 Alloit de la nature étudier les lois ,
 Et que son jeune esprit , s'ornant dans la retraite ,
 Employoit ces beaux jours qu'on perd , et qu'on regrette.
 De vingt printems a peine il comptoit le retour ,
 Il connoissoit déjà les plantes d'alentour.
 Ni le marais tremblant , ni le côteau rapide ,
 N'en pouvoit dérober a sa recherche avide.
 D'un œil perçant , et sur il observoit leurs traits ;
 S'instruisoit de leurs mœurs , et suivoit leurs progrès :
 Puis , lorsque le zéphir ouvroit leur sein fertile ,
 Il les alloit cueillir chacune en son asyle ;
 Entre un double papier en étendoit la fleur ,
 Et lui faisoit garder sa forme . et sa couleur.
 Tels étoient ses plaisirs. Lucile , sa maitresse ,

Das bastas selvas , qual Espectro , fôge.
 Em todo o seu primor olho o thesoiro,
 Que ao sitio deraõ circumstantes Numes.
 Rochas amontoadas junto ás ondas
 Mostraõ-me arbustos entre as longas fendas ;
 Por baixo está brilhando o verde musgo ,
 E a seda iguala , taõ suave ao tacto.
 No lago o crespo abrolho , entre aguás duas ,
 Estende a fluetuante , a hirta casca.
 Se de Eolo algum filho , alli cruzando ,
 De erguer as ondas folga , rólaõ fructos ,
 Pelas vagas , e o vento arrebatados ,
 E vem perto de mim cahir na margem.

Atys assim das Arvores á sombra
 Hia estudar-te as leis , oh Natureza.
 Tempo viçoso que se perde , e chóra ,
 Lucrava , ornando no retiro a mente.
 Só vinte Primaveras tinha o Moço ,
 E do contorno as plantas já sabia.
 Nem cerro esconso , nem trementes lagos
 A' soffrega pesquisa lhas vedáraõ ;
 Attento as indagava , em seus costumes ,
 Seguindo-lhe os progressos , se instrua.
 E quando a viração lles abre o seio ,
 Hia colhellas no virente asylo :
 Em dobrado papel a flor lançava ,
 Mantendo-lhe dest'arte a cor , e a forma.
 Eis seu prazer. Lucila, os seús amores ,

Partageoit tous ses goûts , ainsi que sa tendresse.
 Des filles de l'Olympe elle avoit la beauté ,
 Et l'attrait plus céleste encor de la bonté.
 Ces amans habitoient dans les vallons d'Emile.
 On connoissoit leurs feux : leur cœur simple , et facile
 N'en savoit pas cacher l'aimable pureté ,
 Et ne pouvoit suffire a sa félicité.

Chaque année , au village , et les jeux , et la danse
 De la jeune Lucile annonçoient la naissance :
 Pour embellir la fête , on convint en secret
 De l'aller célébrer au fond de la forêt.
 Son amant fut chargé de disposer l'ombrage.
 Jugez de quelle ardeur il part pour cet ouvrage !
 De combien de projets repaissant son amour .
 Il retranche , il ajoute , et change tour a tour !
 On devoit s'assembler au sein d'une clairière ,
 Qu'ornoient d'un demi-jour et l'ombre , et la lumière ,
 Retraite des zéphirs , où le trefle , et le thym
 Conservoient a midi la fraîcheur du matin.
 Les arbres d'alentour sous ses mains s'arrondissent ;
 Par des chaînes de fleurs l'un a l'autre ils s'unissent.
 Il élève a leurs pieds des trônes de gazon.
 Ici , de sa Lucile il retrace le nom ;
 Là , quelques vers heureux , tels qu'amour en fait naître ,
 Expriment son ardeur sur l'écorce d'un hêtre :
 L'ouvrage enfin s'acheve au gré de ses desirs.
 Alors du lendemain devant les plaisirs ,
 Il se peint sa maîtresse entrant sous ce portique :

Deste mesmo prazer participava.
 Das filhas do alto Olympo as graças tinha,
 Tinha a bondade, mais celeste ainda.
 Lá nos valles de Emilio os dois moravaõ;
 Sabia-se este amor: sua alma ingenua
 Occulhar não podia ardor tão puro,
 E a tão puras delicias não bastava.

Danças, e jôgos annuaes na Aldéa
 Le Lucila o natal annunciavaõ:
 Realçando o festejo, enfim se ajusta
 Ir celebrallo no interior de hum bosque.
 Hé, para dispôr tudo, eleito o Amante:
 Parte, e com que fervor! Quem ama o julgue.
 Oh! que projectos a paixã lhe inspira!
 Oh quanto diminue, augmenta, e muda!
 Deviaõ-se ajuntar n'um fresco sitio,
 Onde entre sombra, e luz falece o dia.
 Onde zéfiro assiste, as plantas fôlgaõ,
 Brilhe o Sol no zenith, ou no horizonte.
 As arvores emtorno se arredondaõ,
 Une as prizaõ de amor, prizaõ de flores.
 Fórna thronos de relva a mão do Amante;
 Aqui da linda Moça imprime o nome,
 Versos do coração, mimosos versos,
 No troneo de hama faia, além commovem.
 A obra se ultimou conforme ao gosto:
 Alys goza o por vir. já vê na mente
 Pela estancia de Flora entrar Lucila;

Il voit son front briller d'une rougeur pudique
 A l'aspect imprévu du champêtre ornement,
 Où son cœur reconnoît la main de son amant.
 Cependant le soleil a quitté l'hémisphere.
 La forêt s'obscurcit, et le bruit du tonnerre,
 Qui sur les monts lointains rouloit depuis longtems,
 Approche, et retentit en éclats menaçans.
 Adieu, s'écrie Atys, bois heureux, cher asyle,
 Demain sous vos rameaux vous recevrez Lucile;
 Qu'amour en sa faveur, écarte loin de vous
 Et les traits de l'orage et les vents en courroux!
 Que nul objet fâcheux n'afflige ici sa vue!
 A ces tendres souhaits, un éclair fend la nue,
 Et la foudre de feu perce l'infortuné.

Le jour a reparu, jour aux pleurs destiné,
 Sans qu'aucun bruit sinistre ait frappé les oreilles:
 Les filles du hameau remplissent des corbeilles
 Du fruit des cerisiers qui couvrent leurs guérêts,
 De fromages exquis, et des dons de Cérés.
 Des guirlandes de rose ornent leur chevelure.
 On emmene Lucile au temple de verdure,
 Lucile triomphante, et qui ne prévoit pas
 Quel est l'affreux spectacle où l'on conduit ses pas.
 On arrive en chantant aux portes du bocage.
 Elle entre, elle aperçoit sous un aride ombrage
 Son amant sans couleur, debout, inanimé,
 Appuyé contre un tronc à demi-consommé:
 Est-ce lui? Ciel! Atys! Elle avance éperdue

Vê pudico rubor tingir-lhe a face
 Ante o campestre , naõ previsto adorno ,
 Onde as artes de amor Amor conhece.
 Em tanto do Hemisferio o Sol fugira ,
 Enluta-se a floresta , o som do raio ,
 Que urrava há muito nas remotas serras ,
 Em pezadas carrancas se aproxima.
 » A Deos , ditoso bosque , asylo amado ;
 Em teu seio á manhaã terás Lucila.
 Amor , por lhe aprazer , de ti desvie
 Os bravos furacões devastadores ;
 E nada triste aqui lhe afflija os olhos.
 Assim fallava o misero , eis que o raio ,
 Da nuvem rebentando , o colhe , o mata.

Renasce o dia destinado a prantos ,
 Sem que assalte os ouvidos nova infausta.
 Risonhas Aldeãas cem teigas enchem
 De brandos lacticinios saborosos ,
 E da purpúrea ginja , e dons de Céres.
 Solta madeixa lhe engrinaldaõ rósas ,
 E em triumpho Lucila ao Templo guiaõ
 De verdura , e de amor mal sabe a triste
 A que horrendo espectáculo a conduzem !
 Chegaõ , cantando , ao bosque. Entra Lucila ;
 Entra , e vê no pavor de áridas sombras
 Inanimado , em pé sem cõr o Amante ,
 Sustendo-se n'um tronco , extincto quasi.
 » He elle ! He elle ! Oh Ceos ! » exclama , e vòa

Et semble a sa paleur chez les morts descendue.
 On vo'e a son secours ; ses compagnes en pleurs
 Soulagent a l'envi ses muettes douleurs ;
 Puis , portant sur leur sein sa tête appesantie ,
 L'entraînent hors du bois froide , et presque sans vie.

Son cœur durant huit mois flétri , désespéré ,
 Tout entier a l'objet dont il est séparé ,
 Fermé pour l'amitié , sourd même a la nature ,
 Entretint en secret sa profonde blessure.
 Des plantes qu'elle aimoit les attraits délicats
 Ne purent supporter l'hiver . et les frimats ;
 Tout périt. Elle-même , avant le temps fanée ,
 Alloit bientôt finir sa triste destinée.

Un enfant se présente , et parmi ses soupirs
 D'une mere malade expliquant les desirs ,
 Demande quelques fleurs dont l'utile amertume
 Bannisse promptement le mal qui la consume.
 Lucile se souvient qu'a la voix du malheur
 Jamais Atys , hélas ! n'avoit ferme son cœur :
 Aussitôt , soulevant le chagrin qui l'opresse ,
 Elle ose vers les champs diriger sa foiblesse.

C'étoit l'heure où Rhœbus quittant le sein des eaux ;
 De ses premiers rayons colore les côteaux.
 Par l'éclat du matin chaque plante éveillée
 Levoit sa tête humide , et de fleurs emillée.
 Mille esprits odorans circuloient dans les airs.
 Les oiseaux s'échappoient de leurs bocages verts ;

Com face cõr da morte ao malfadado ;
 Acodem-lhe , e , carpindo , as Companheiras
 Desejaõ mitigar-lhe as ancias mudas ;
 Seu rostõ sem vigor ao seiõ encostaõ ,
 E a levaõ fria , e semimorta aos lares.

Oito luas entregue a viraõ sempre
 A' desesperaçãõ , sempre á saudade.
 Cerrado ao mais , té surdo á Natûreza ,
 Seu coraçãõ mantinha o golpe occulto.
 Plantas , que tanto amou , naõ resistiraõ
 Ao duro inverno : perezêraõ todas.
 Como as flores tambem murchando a triste ,
 No sepulcro immaturã hia abysmar-se.
 Eis menino gentil , que nos suspiros
 Explica o mal da Mãi prostrada , enferma ,
 Ervas implora , cujo amargo a livre
 Da pertinaz doença raladora.
 Lucila recordou que aos infelices
 Atys o coraçãõ jámais fechára ,
 E , o pezo das angustias arrastando ,
 Aos campos mesmo assim , dirige o passo.

Era o tempo em que o Sol das ondas surge ,
 E com puniceo raio as serras corã.
 Acordando co'a luz , se erguia a planta ,
 De orvalhos , de boninas esmaltada ;
 Aroma salutar vagava os ares ;
 Saliaõ d'entre o bosque as avezinhas :

Les uns , par la campagne , alloient a la nature
 De leurs nids begayans demander la pature ;
 Les autres , voltigeant de buissons en buissons ,
 De mille accens d'amour animoient leurs chansons.
 Lucile les regarde , et soupire a leur vue.
 A la sauge cueillie elle ajoute la rue ,
 Revient les preparer , et , grace a leur secours ,
 Voit le mal impuissant disparôître en trois jours.
 Dés lors , par des bienfaits adoucissant ses peines ,
 Elle aima , comme Atys , a parcourir les plaines ,
 Et fidelle a sa cendre , elle fut , comme lui ,
 De tous les malheureux l'esperance , et l'appui.

Venez donc dans les champs , vous que l'ennui devore ;
 Et vous , fils de Chiron , eleves d'Epidaure ,
 Venez : la main des dieux , sensible a tous nos maux ,
 En cacha le remede au sein des vegetaux.
 Trois elemens surtout composent leur nature ;
 L'un pere de l'acide , et l'autre de l'eau pure ,
 Enfin le noir charbon. Ces principes divers
 De sa robe de fleurs ont paré l'univers ,
 Et selon les climats variant les especes ,
 Ils ont a nos besoins mesuré nos richesses.

Quand l'importune toux , par de frequents efforts ,
 D'un vieillard haletant fatigue les ressorts ;
 La douce violette , en sirop preparée ,
 Soulage en l'humectant sa poitrine ulcerée.
 La racine des lys , sous sa molle epaisseur ,

Quais pedem pelo campo á Natureza
 Dos implumes penhores o alimento,
 Quais vaõ de ramo em ramo, e lá gorgeiaõ
 Os versos naturais, que Amor lhe ensina.
 Lucila os olha, os ouve, e chõra, e geme.
 Volve em si, collhe a salva, e colhe a arruda,
 Vai preparallas, e em tres dias nota
 Que o mal, sem força já, desaparece.
 Folgou, como Athys, de gyrrar nos campos,
 E, adorando-lhe as cinzas, foi; como elle,
 Esperança, e guarida aos desditosos.

Vinde aos campos, oh vós, que as mágoas finaõ,
 E os filhos de Chiron aos campos venhaõ.
 Piedosa a maõ de hum Deos a nossos males,
 Contém nos vegetais o seu remedio.
 Tres Elementos os compoem mórmente:
 O Pai do acido hé hum, Pai d'agua hé outro,
 E emfim negro carvaõ. Com tais principios
 Roupas de flores o Universo envolvem.
 Segundo os climas variando especies,
 Nos médem precisões pelos haveres.

Quando a tosse importuna em crebro esforço
 Ao Velho anciado a máquina fatiga,
 Molle violeta, em placido xarope,
 Humedece, alivia o peito ardente;
 A raiz de açucena extingue o fogo

D'une plaie enflammée amortit la chaleur.
 Regardez Machaon, près des murs de Pergame,
 Aux Atrides blessés apportant le dictame;
 D'abord leur sang s'arrête, et docile à la main
 Le fer lâche sa proie, et tombe de leur sein.

Du pavot pour les grands on découvrit l'usage.
 Le sommeil, qui se plaît sous l'humble toit du sage,
 Fuyoit d'un pied léger les superbes lambris
 Où sur la soie, et l'or s'agitent les soucis.
 Que ne peut la richesse? Une plante nouvelle
 Usurpa les sillons, et distilla pour elle
 Un lait assoupissant, un lait dont les effets
 Du paisible Morphée imitent les bienfaits.

Dans les champs où fut Sparte, entre les murs d'Athènes,
 Aux poétiques bords d'Argos, et de Mycènes,
 Une rose odorante * étale sa blancheur
 Et sur leurs grands débris laisse courir sa fleur.
 Son huile précieuse, aux reines réservée
 Et dans des flacons d'or avec soin conservée,
 Surpasse le nectar dont jadis ces beaux lieux
 Firent aussi présent à la table des Dieux.

On a longtems cherché dans les bois, et les plaines
 Un remède infailible aux amoureuses peines:
 On croyoit que le jus de quelques végétaux

* La rose musquée.

De acceza chaga: Machaon em Frygia,
 Nos feridos Heróes dictamo espreme:
 Já pára o sangue, e obediente aos dedos,
 O ferro larga a preza, e cabe do golpe.

Por extremo a papeila aos Grandes presta.
 Do Sábio frequentando a estancia humilde,
 O Somno fôge aos nitidos Palacios,
 Onde a Angustia se volve em seda, em oiroz
 Que não pôde a riqueza! Eis planta nova
 Usurpa os sulços, para o rico estilla.
 Hum leite soporifero, que os mimos
 Do sereno Morfêo mil vezes suppra.

Onde Athenas luzio, e onde era Esparta,
 Nos terrenos Febdos Argos, Mycenas,
 Rosa fragrante a candidez ostenta,
 E entre as grandes ruínas lá se eleva.
 Seu oleo, que as Rainhas prezaõ tanto,
 Seu oleo, resguardado em frascos de oiro,
 Vence o nectar, que outr' hora aquelles campos
 Dos Numes aos festins subministravaõ.

Mil vezes doce antidoto nos bosques
 Aos venenos de Amor se tem buscado.
 De ervas amigas se julgou que o çumo

Dans des cœurs agités ramenoit le repos ,
 Fléchissoit un objet orgueilleux , et sauvage ,
 Et pouvoit a ses fers rendre un amant volage.
 Antique illusion ! frivole , et vain espoir !
 La fille du soleil , dont le fatal pouvoir ,
 Renversant a son gré les lois de la nature ,
 Aux humains étonnés déroboit leur figure ;
 Et celle que Jason a vue en sa faveur
 Du dragon de Colchos endormir la fureur .
 Malgré tous les efforts de leur magique adresse ,
 N'ont su fixer d'un cœur l'inconstante tendresse.

Pourquoi chercher des biens que les plante n'ont pas ?
 Contentons-nous de ceux qui naissent sous nos pas.
 Qui les pourroit compter ? L'humble mousse procure
 La chaleur aux Lapons , aux rennes la pature ;
 Elle abrite les œufs que couve un tendre oiseau ;
 Et l'agile écureuil en forme son berceau.
 C'est aux mousses qu'on doit mille couleurs nouvelles ,
 Et d'un feu * sans danger les vives étincelles.
 D'un courant inconnu , d'un cristal souterrain
 Leur humide épaisseur est l'indice certain.
 E'pars sur le sommet des monts et des collines ,
 Ces foibles végétaux réparent leurs ruines.
 Ils savent arrêter les nuages poudreux ,
 Le sable , et les débris que l'aquilon fougueux

* *La poussière inflammable des étamines du Tycopo-
 pe à massue.*

A ternos corações a paz trazia ,
 Os odios, os desdens amaciava ,
 E do errante Amador continha os vóos.
 Esperança fallaz ! Quiméra insana !
 Circe, a Filha do Sol , que transtornava
 As leis da Natureza , a seu capricho ,
 De attonitos Mortais trocando a fórma ,
 E Aquella , que a Jason , depois ingrato ,
 O Drago adormentou , feroz , e horrendo ,
 Co'a mágica potencia ah ! não puderaõ
 Deter num coração fugaz ternura.

Bens não busquemos que não ha nas plantãs,
 Aquelles bastem , que ante os pés nos brotaõ.
 Numerallos quem póde? O musgo humilde
 Dá calor aos Lapões , e aos Rennas pasto ;
 Abriga os ovos que a avezinha aquece ,
 Delle o esquilo veloz compoem seu berço.
 Ao musgo côres mil se devem novas ,
 E até faiscas de innocente fogo.
 Na mádida espessura , annunciando
 Subterraneos cristais , não mente o musgo.
 Lá no monte , no oiteiro as debeis ervas
 Reparaõ-lhe as ruinas , lá suspendem
 Pulverulentas nuvens , e as aréas ,
 E os mil fragmentos , que assanhado Boreas

Eleve , en balayant les arides campagnes ,
 Et pousse en tourbillons , tout autour des montagnes.
 Dans le creux des rochers , et jusques sur leurs flancs
 Ces débris retenus , malgré l'effort des vents ,
 A des germes nombreux donnent la nourriture ;
 De tous côtés s'étend une riche verdure ,
 Et de jeunes forêts , attirant les vapeurs ,
 Font jaillir des ruisseaux de toutes les hauteurs .

Le port des végétaux , leurs graces naturelles
 Aux arts dans tous les tems ont servi de modeles.
 A leur exemple ou vit l'ingénieux pinceau
 Varier ses couleurs dans le même tableau .
 De l'émail élégant des champs , et des prairies
 L'aiguille de Minerve orna ses broderies ,
 Et sur les plis flottans d'un long tissu de lin
 Fit éclore la rose , et monter le jasmin .
 Le burin les grava jusques sur les couronnes ;
 Et la feuille d'acanthé embellit les colonnes .

Ah ! combien l'amitié , la vertu , les talens
 Ont trouvé dans les fleurs d'aimables monumens !
 Combien de noms fameux ravis a la mémoire ,
 Sans l'herbe , ou l'arbrisseau qui consacre leur gloire !
 La richesse se perd , la force se détruit ;
 Le sort jaloux abat ce que l'homme a construit ,
 Sur le front des rois même imprime ses outrages ,
 Renverse leurs palais , et brise leurs images .
 Plus durable lui seul que le marbre , et l'airain ,

Alça , varrendo os resequidos campos ,
E em remoinho arroja emtorno ás serras.
No concavo das rochas , e em seus flancos ,
Dos ventos a pezar , sustem-se restos ,
Que innumeraveis germes apascentão .
Corre gentil verdor por toda a parte ,
E a floresta , os vapores attrahindo ,
Faz dos cabeços borbulhar correntes .

Dos vegetais a graça ; o gesto delles
Servido sempre tem de molde ás artes .
Vio-se , imitando-os , o pincel mimoso
As côres variar n'um mesmo quadro .
Do vosso , oh campos , atilado esmalte
As roupas divinais bordou Minerva .
Dextra sabida no macio adorno
Ergue o jasmim , desabotoa a rosa .
Entalha-os o cizel té sobre as crôas ,
E columnas o acanthe aformosea .

Nas flores ah ! que amavel monumento
Tem achado altos dons , altas virtudes !
Que erguidos nomes sorveria o Lethes ,
Se as Plantas seu louvor não consagrassem !
Absorvem-se os thesoiros , vão-se as forças ;
O que o Homem construe abate a Sorte ,
Té na frente dos Reis imprime ultrajes ,
Os Palacios derruba , e prostra os bronzes :
Mais estavel que o mármore , e que o ferro ,

L'arbuste où vit leur nom triomphe du destin.
C'est une inscription que le tems renouvelle ,
Qu'offre chaque printems , que chaque hiver rappelle.

Quel nom , mieux que le tien , a jamais mérité
D'obtenir , ô Linné , cette immortalité !
Tu vins , l'ordre parut. Une vive lumière
Rejaillit tout-a-coup sur la nature entière.
Le lit sombre , et profond des divers minéraux ,
L'agile enfant de l'air , et l'habitant des eaux ,
Les plantes que zéphir au printems fait renaitre ,
Tu vis , tu connus tout , et tu fis tout connoître.

F I N D U C H A N T I I .

Nutre seu nome a Planta , e doma os Fados :
Hé vivente inscripção , que se renôva
Em cada Primavera , em cada Inverno.

Mas de sempre viver qual foi tégora
Mais digno do que o teu , Linné , qual nome ?
Vieste , e veio a ordem. Luz brilhante
Doirou rapidamente a Natureza :
Dos varios mineraes o leito escuro .
Dos ares o agil filho , o filho d'agua ,
A linhagem de Abril : tudo notaste ,
E , tudó conhecendo , ensinas tudox

F I M D O C A N T O II.

NOMENCLATURA

L I N N E A N A

D A S P L A N T A S

DO SEGUNDO CANTO.

TRIGO, *Triticum hibernum, aestivum.*

Oriundo da Asia.

INCENSO, *An juniperus lycia?*

Na Arabia.

ROSA, *Rosa maxima, etc.*

Hollanda, Jardins.

CRAVO, *Dianthus caryophyllus.*

Baldios das Provincias Meridionais, Jardins.

DAMASQUEIRO, *Prunus armeniaca.*

Vindo da Armenia.

CEREJEIRA, *Prunus cerasus.*

Oriunda do Ponto.

CEIBA OU MANGUE, *Bombax ceiba.*

Africa, India.

MOKA, OU CAFE', *Coffea Arabica.*

Arabia, Antilhas, etc.

QUINA, *Cinchona officinalis.*

Peru.

BAUNILHA, *Epidendrum vanilla.*

Mexico, etc.

92 N O M E N C L A T U R A .

CRAVO, *Arvore*, *caryophyllus aromaticus*.

Amboino, Molucas.

NOZ DE BANDA OU MUSCADA, *Myristica officinalis*.

Bandá, Molucas.

SENSITIVA, *Mimosa pudica*.

Brasil.

DIONE'A OU APANHA MOSCAS, *Dionaea muscipula*.

México.

JASMIM, *Nyctantes sambac*.

India.

AMARYLLIS, *especie de açucena*, *Amaryllis formosissima*.

America meridional, e conhecida na Europa em 1593.

AGATHIS, *AEschinomene grandiflora*.

India.

CONGORÇA ROSEA, *Vinca rosea*.

Madagascar Iava.

TAMARINDO, *Tamarindus Indica*.

Na India, etc.

NOFAL, *Cactus tuna*.

Mexico, e climas quentes da America.

ROMAM, *Punica granatum*.

Mauritania, Hespanha, etc.

MYRTO, OU MURTA, *Myrtus communis*.

Europa austral, Asia, Africa.

PALMEIRA, *Chamærops excelsa*.

India, Africa.

COCO, *Cocus nucifera*.

Margens Indianas.

ANANAS, *Bromelia anandis*.

- Nova Hespanha , *Sutianum*.
LARANJEIRA , *Citrus aurantium*.
 Oriunda da India.
ESTANCADEIRA , *Statice armeria*.
 Bosques , ceiros , e terras seccas.
ESTEVA , *Cistus helianthemum*.
 Idem.
ARRÓTANO MACHO , *Veronica spicata*.
 Idem.
PINHEIRO , *Pinus sylvestris*.
 Bosques montuosos.
TEUCRIA *Teucrium chamæpithis*.
 Bosques , lugares seccos , e areosos.
TROVISCO , *Euphorbia sylvatica*.
 Florestas.
CRAVO flor , *Dianthus prolifer , taritlusianorum*.
 Selvas , lugares incultos.
MEDRONHEIRO , *Fragaria vesca*.
 Idem.
ÇARÇA , *Rubus fruticosus , cæsius*.
 Idem.
AVELEIRA *Corylus avellana*.
 Bosques.
CARVALHO , *Quercus robur*.
 Bosques.
OLMO , *Ulmus campestris*.
 Idem.
FREIXO , *Fraxinus excelsior*.
 Idem.

BORDO , *Acer pseudoplatanus*, etc.

Idem.

HYPNO , *especie de musgo , hypnum serpens* , etc.

Bosques , pés de arvores.

SALGUEIRO , *Salix caprea* , etc.

Lugares humidos.

GOLFAO . *Nymphaea alba*.

Ribeiras , lagos.

CARDO MORTO , *Senecio paludosus*.

Mai gens.

ITRONIO , *Lytrum salicaria*.

Idem.

CAMPAINHA , *Convolvulus sepium*.

Ao longo das sebes , ou balsas.

TRIBULO AQUATICO , *Trapa natans*.

Lagos lodosos.

TREVO , *Trifolium repens* , *fuliforme* , etc.

Leivas.

TOMILHO , *Thimus serpillum*.

Matos , lugares seccos.

FAYA , *Fagus sylvatica*.

Bosques.

SALVA *Salvia sclarea*.

Borda dos prados.

ARRUDA , *Ruta graveolens*.

Lugares estereis.

VIOLETA , *Viola odora*.

Estreimas de Bosques , etc.

LYRIO, açucena, *lilium candidum*.

Originario da Syria.

DICTAMO, *Origanum dictamnus*.

Creta, o monte Ida.

DORMIDEIRA, *Papaver somniferum*.

Asia, Africa, Jardins.

ROSA MUSCADA, *Rosa moschata*,

Moréa, Archipelago, costas de Barbaria.

JASMIM, *Jasminum officinale*.

Oriundo da India.

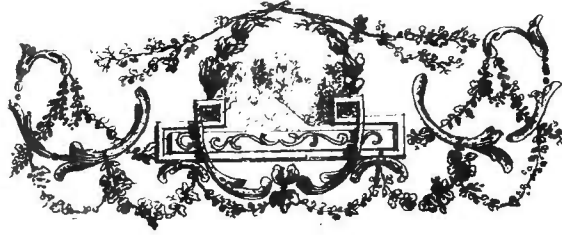
ACANTO, OU ERVA GIGANTE, *Acanthus mollis*.

Grecia, Italia, Sicilia.

Animais, Aves, Amphibios, Peixes, Insectos.

- COCHENILHA, *Coccus cacti*.
BENGALINHA, *Fringilla amadava*.
PAPAGAIO *Psittacus versicolor*, etc.
LORI, *Psittacus lori*, etc.
ARARA, *Psittacus macao*, etc.
TARTARUGA, *Testudo caretta*, etc.
CROCODILO, *Lacerta crocodilus*.
GERMANO (nve) *Anas querquedula*, etc.
CAPRICORNIO, *Cerambix moschatus*.
RHENNA, *Cervus tarandus*.
ESQUILO, *Sciurus vulgaris*.

Fim da Nomenclatura do Canto II.



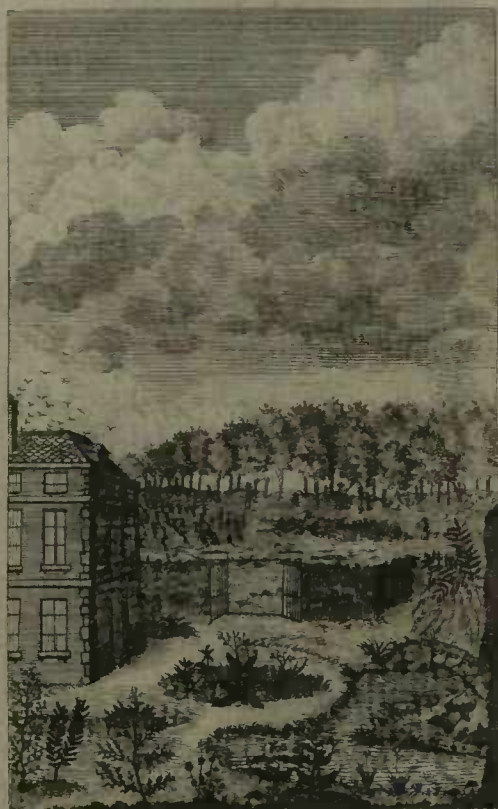
LES PLANTES , P O È M E .

CHANT TROISIEME.

QUAND , des jours , et des nuits égalant la durée ,
La balance paroît sur la voute azurée ,
L'Automne , couronné de pampre , et de raisins ,
Prend des mains de l'Eté l'empire des jardins .
Les fôlatres plaisirs , les ris , et l'abondance ,
De la saison joyeuse annoncent la présence .
Peuples de qui la Marne aime a baigner les champs ,
Et de la Côte-d'Or fortunés habitans ,
Qu'aux coups de vos maillets vos tonnes retentissent ,
Sur leurs flancs arrondis que les cerceaux s'unissent ;
Je vois dans les celliers s'élever vos trésors ,
Et la rouge vendange écumer a pleins bords .

Pour moi qui de Vertumne et des nymphes sauvages
Suis constamment les pas a l'ombre des bocages ,
Raniné par l'espoir d'une prochaine paix ,
Je re-nonte ma lyre ; et chante leurs bienfaits .

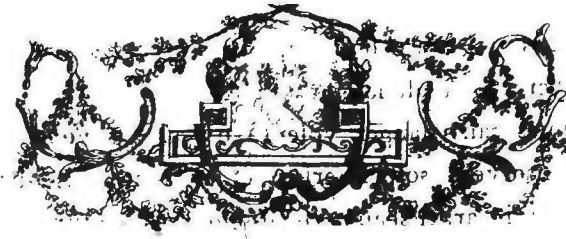
CANTO III.



Clay Sculp.

St. Arce del Rey.

Já do tronco abanado os fructos chorrem



AS PLANTAS, POEMA.

CANTO TERCEIRO.

QUANDO medindo pela noite o dia,
Nos Ceos a Libra assoma, o fresco Outono,
Tóma, de uvas, e pampanos croado,
O sceptro dos Vergeis da mão do Estio:
Brincões, prazeres, abundancia, risos
Pregos a Estação formosa, e leda.
Povo, a que alegre o Marna os campos banha,
E vós da Costa de oiro Habitadores,
Os tonneis apertai ao som do malho;
Em seu convexo bojo os arcos se unaõ.
Vosses thesoiros nas adegas surgem,
E a rubente vindima escuma, ferve.

Eu, que á sombra dos bosques vou no raste
Do bom Vertumno, e campesinos Deoses,
Em não remota paz esperançado,
Para cantallos encordoo a lyra.

Prés des nouvelles fleurs dont se parent les plaines,
 Mes yeux avec délice ont vu murir les graines :
 Les unes sans danger volent au gré des vents,
 Se conservent sous l'herbe, et germent dans leurs tems.
 Ainsi mille arbrisseaux renaissent sans culture,
 Et l'aimable Cybele augmente sa parure.
 Les autres, si nos soins ne les dirigent pas,
 Ne sauroient en tombant échapper au trépas :
 Tels les grains oubliés, que glane la misère,
 Au bout de quelques jours, pourriroient sur la terre.
 D'un amour maternel la nature conduit
 Les plantes que son sein de lui-même produit.
 Aux cultures de l'homme elle est moins favorable,
 Que le soc se repose, et le blé peu durable.
 Aura bientôt perdu l'empire des sillons.
 Le charbon y repait bréssé d'aiguillons ;
 La bardane reprend ses antiques domaines,
 Et l'hioble en vainqueur, domine dans les plaines.

Vers la nature encore avançons de plus près :
 Levons le voile obscur qui couvre ses secrets ;
 Voyons avec quel art et quelle intelligence
 Sa main, au sein des fleurs, façonne la semence.
 Celui qui retira d'un éternel repos
 Les germes languissans dans la nuit du chaos.
 Qui leur donna leurs formes, et tint chaque partie
 A d'immuables lois pour jamais asservie ;
 Ce Dieu voulut peupler le naissant univers,
 Il dit, et le lion rugit dans les déserts ;

Junto ás que o prado enfeitã , flores novas ,
 Sementes madurar-se eu vi risonho.
 Humas voã sem risco , e lá debaixo
 Ficaõ das ervas , e a seu tempo brotaõ :
 Arbustos sem cultura assim renascem ,
 E Cybele amplifica o verde ornato :
 Outras , se em dirigillas não cuidamos ,
 Cahem , morrem. Tais os grãos , que esquece o rico ,
 Se o pobre os não cblhesse , em poucos dias
 Corruptos jazeriaõ sobre a Terra.
 Maternamente Natureza rege
 As varias plantas , que espontanea cria.
 Hê do Homem ao suor propicia menos.
 Se descançar o arado , em breve os trigos
 Deixarãõ de reinar nos uteis sulcos.
 O pontiagudo cardo alli revive ,
 Recupera a bardana o senhorio ,
 E os engos das planicies tomaõ posse.

Caminhe-se inda mais á Natureza :
 Erga-se o véo que seus mysterios cobre.
 Vejamos , pois , com que saber , com que arte
 A semente nas flores afeiçã.
 Alta Mãõ . que extrahio de somno antigo
 Germes , na antiga Noite semimortos ,
 E que a forma lhes deo , e a leis constantes
 Tudo em furr sotopoz . Os Deos , quiz logo
 A Terra povoar , nascida apenas.
 Disse , e o fulvo Leãõ rugio nos ermos .

L'aigle osa s'élever au séjour de l'orage ,
 Et l'homme enfin montra son auguste visage.
 Mais les monts dépouillés , et les champs sans moisson
 Ne présentoient encor qu'un stérile limon ;
 A sa puissante voix , une immense verdure ,
 Comme un beau vêtement , entoura la nature.
 Ensuite il commanda que la terre en tout tems
 Fournit des fruits divers a tous ses habitans ,
 Et qu'a se reproduire a l'avenir fidelle ,
 Chaque plante portat sa semencé avec elle.
 Ainsi l'humble gazon , comme le lys pompeux ,
 Fut , en naissant , pourvu d'instrumens merveilleux ,
 Au centre de la fleur , des colonnes légères
 Lancent de leur sommet de fécondes poussieres ;
 Ces atômes subtils , sur l'ovaire épanclus ,
 Par de secrets canaux jusqu'au fond descendus ,
 De cellule en cellule a la graine engourdie
 Vont porter a la fois la chaleur , et la vie.
 La corolle dès lors se fane . et se détruit ,
 Et l'œil peut déjà voir la semence , ou le fruit .

De graines cependant les plantes couronnées ,
 A vivre aux mêmes lieux ne sont pas destinées :
 L'une doit habiter sur d'arides sommets ,
 L'autre aux humides bords des lacs , et des marais .
 Selon ces stations leur semence varie .
 Celle que sur les monts le soleil a murie ,
 Dans le vague des airs émule des oiseaux ,
 Aime a voler comme eux de coteaux en coteaux ;

E ao Sól , ao raio as Águias se afoitaraõ ;
 O Homem alçou depois a face augusta ;
 Mas inda os valles nus , e nus os montes ,
 Naõ presentavaõ mais que hum lodo esteril.
 A' Voz Omnipotente , adorno immenso
 Envolve a superficie á Natureza ;
 Deos manda á Terra , que ministre sempre
 A seus Habitadores fructos varios ,
 E que , em reproduzir-se a Planta exacta ,
 Feche em seus mimos as sementes suas.
 Assim lyrio fastoso , e relva humilde
 Orgãos pasmosos co'a existencia houveraõ.
 Lá no centro da flor subtis columnas
 Vibraõ da summidade hum pó fecundo ;
 Tais átomos no ovario se desparzem ,
 Por occultos canais ao fundo chegaõ ,
 Levaõ de cavidade em cavidade
 A' sepeate o calor , o alento , a vida.
 Murcha-se desde entaõ , morre a corolla ,
 E hé dado aos olhos ver semente , ou fructo.

Estas croadas Plantas todavia
 Nos mesmos sitios existir naõ podem :
 Huma deve habitar sedentos cumes ,
 Outra de hum lago as ensopadas margens.
 Nos varios sitios a semente he vária ;
 Aquella , que no monte os Sóes maduraõ ,
 Rival das aves como as aves gósta
 Naõ pouco de adejar n'um cerro , e n'outro :

Elle a pour s'élever des panachés mobiles,
Une aigrette plumeuse ; ou des ailes agiles.

Tel, plein d'un air subtil, un globe ingénieux
Se balance avec grâce, et monte vers les cieux.
Il domine en son vol les camps, et les armées,
Plane au dessus des tours des villes alarmées,
D'un ennemi rusé déconcerte les plans,
Observe tous ses pas, suit tous ses mouvemens,
Et guidant des Français la fougue belliqueuse,
Fixe, aux champs de Fleurus, la victoire douteuse.

Les fleurs que la nature attache au bord des eaux,
Pour voiturer leur graine ont différens bateaux :
L'un présente aux Zéphirs une voile tendue,
Et parcourt des étangs l'immobile étendue ;
L'autre sait de la rame emprunter le secours,
Voguer le long du fleuve, et suivre ses détours,
On voit, sur l'océan, ces flottes végétales
Franchir sans conducteur d'immenses intervalles,
Enrichir en passant des rivages déserts,
Et prendre terre enfin au bout de l'univers.
Ne craignez pas que l'onde, a travers la nacelle,
Porte aux germes enclos une atteinte mortelle :
Tous les ais sont cousus avec un art divin ;
Et même la nature a souvent de sa main,
Pour fermer toute entrée a la vague orageuse,
Enduit le bâtiment d'une cire onctueuse.
Tel surnage le fruit du cirier odorant,

Móveis penachos tem para elevar-se,
Plumoso mrrtinete, ou azas leves.

Tal, prenhe de ar subtil, Globo engenhoso
Com graça balancea, e sóbe ao Polo.
Exercitos domina em vôo altivo.
Gyra por cima de assustadas Torres,
Desmancha os planos de inimigo arteiro,
Segue os seus movimentos, vê seus passos;
Guia o valor Francez e a dubia palma
Nos campos de Fleurus por elle arreiga.

Flores, que margens prende a Natureza,
Tem bateis que a semente lhe transportem.
Vêo longo ás virações huma presenta,
E dos lagos discorre o mudo espaço;
Do remo outra se ajuda, e voga, e segue
Do rio os torcicólos. No Oceano
Estas fluctuaõ vegetais esquadras,
Vingaõ, sem guia, immensos intervallos,
Enriquecem, passando, estéreis praias,
Vaõ ter ao fim do Mundo, e tomaõ terra.
O Mar naõ temas que as penetre, e vibre
Golpe mortal aos clausurados germes;
Cozeo Arte divina as taboas todas
Dos virentes baixeis, e a Natureza
Cem vezes, por tolher o ingresso ás aguas,
De cera pegajosa ungillos soube.
Assim da cerieira os fructos, nadaõ,

Des presens de l'abeille aimable supplement ;
Tels mille végétaux qu'en ses rades profondes
L'heureux Américain voit voler sur les ondes.

Sages enfans de Pen , a l'ombre de la paix ,
D'une terre féconde étendez les bienfaits.
Sur les bords verdoyans de vos larges riveres ,
Dans les monts dont la chaine embrasse vos frontieres ,
Allez cueillir ces fruits qui tombent sans témoins ,
Et que peut-être ici réclament nos besoins.
Vos asters étoilés , rayonnantes parures ,
Déjà de nos jardins couronnent les bordures ;
Sous vos cedres pompeux nous méditons vos lois ;
Et tant d'arbres déjà nous viennent de vos bois ,
Que le Français , assis sous leur ombre étrangere ,
Doute s'il est en France , ou dans l'autre hémisphere.

Mais parmi les attraits de ces hôtes nouveaux ,
Vers l'année a venir étendons nos travaux.
L'oignon qui repositoit , enfermé dans la serre ,
Souhaite en s'éveillant de revoir le parterre.
Interprete a vos yeux de ce naissant desir ,
Son feuillage s'alonge , et commence a verdir.
N'attendez pas l'hiver. Quand le doux chant des grives
Charme dans les forêts les nymphes attentives ;
Armé d'un fer luisant , venez des le matin
Préparer de ces fleurs le berceau souterrain.
Là , docile au cordeau , vous rangez par famille
Le narcisse penché , l'odorante jonquille ,

Dos dons d'abelha supplemento amavel ;
 E assim mil vegetais , que vê nas ondas
 Correr o bemfadado Americano.

Sabios Filhos de Pen , em paz doirada
 Favores alongai de pingue terra.
 Nas verdes margens das correntes vossas ,
 Nos montes , que os limites vos abraçãõ
 Fructos colhei , que sem ser vistos cahem,
 E que roga , talvez , nossa exigencia.
 Já vossos esteliferos Asteres ,
 Orlaõ nossos Jardins ; dos cedros vossos
 A' sombra vossas leis cá meditamos ,
 E de lá tantas arvores trazemos ,
 Que , abrigado o Francez da cópa estranha ,
 Quasi naõ sabe que Hemisferio habita.

Mas por entre estes hóspedes viçosos
 Anno vindoiro meus trabalhos toquem.
 Os bulbos , que na estufa repousavaõ
 Tornar ás hortas , espertando , anhielaõ.
 Desta vontade interprete aos teus olhos ,
 As folhas alongando , eis enverdecem.
 Naõ se espere a invernada. Assim que os tordos
 Attentas Nynfas na floresta encantem
 Toma luzente ferro , e desde a Aurora
 Prepara ás flores subterraneo berço ;
 Lá dóceis ao cordel , dispõe por classes
 Curvo narciso , e tulipa orgulhosa ,

La tulipe superbe , et cette tendre fleur
 Qui du jeune Hyacinthe atteste le malheur.
 Jadis de leurs appas le Batave idolatre
 Les alloit admirer de théâtre en théâtre ,
 Et pour un simple oignon offrant des monceaux d'or ,
 Triomphoit d'obtenir un si frêle trésor.

Tels , non loin de l'Euxin , vers les rives du Phase ,
 Des eunuques en foule assiegent le Caucase ,
 Marchandent , l'or en main , la fleur de la beauté ,
 Bien qui perd tout son prix quand il est acheté.
 La jeune Circassienne , esclave a son aurore ,
 Destinée aux plaisirs d'un sultan qu'elle ignore ;
 Quitte hélas ! en poussant des soupirs superflus ;
 Ses vallons ; ses rochers qu'elle ne verra plus.

Symbole gracieux du modeste mérite ,
 L'utile potager a son tour nous invite.
 Des présens variés qu'il redouble en ces mois ;
 Le jardinier ravi ne peut porter le poids.
 Chaque planche , attentive a lui payer ses peines ,
 Lui rend autant de fruits qu'elle a reçu de graines ;
 Et l'arbre quelquefois , sur ses rameaux pendans
 Egale en dons heureux les fleurs de son printemps.
 Nagueres d'un faux gout les poètes esclaves
 Marchoient dans les jardins au milieu des entraves.
 Phoebus ne nommoit pas sans un tour recherché
 Le haricot grim pant , a la rame attaché.
 La carotte dorée , et les bettes vermeilles ,

E o junquillo fragrante, e a flor suave,
 Que do moço jacintho a morte affirma.
 Dellas outr' hora o Bátavo attrahido,
 De theatro em theatro hia admirallas;
 Dando por simples flor punhados de oiro,
 Daquella fragil posse alardeava.

Tais, naõ longe do Ruxino, e contra o Phases,
 O Cáucaso, em tropel, Eunucos cercaõ;
 Regateãõ com oiro a Formosura,
 Bem, que perde o valor quando he comprado.
 Mimosa Escrava, destinada aos gostos
 Do Sultaõ, que naõ vio, ai! Suspirando,
 Suspirando vãamente, a Patria deixa;
 Que a ver naõ tornará, por mais que chõre.

Do Mérito modesto emblema grato,
 A hortaliça tambem carêa os olhos.
 Dos bens que ellá redõbra, e que varia,
 O contente Caseiro ao peso verga.
 Cuidando a Terra em premiar-lhe as lidas,
 Lhe entrega fructos mil por mil sementes;
 E a arvore ás vezes em seus dons gostosos
 Da sua Primavera iguala as flores.
 De hum vaõ melindre há pouco o Vate escravo,
 Nas hortas, nos pomares tropeçava;
 Só vinha no estudado circumloquio
 O trepador feijaõ, pegado ao ramo;
 A doirada cenõira, a ruiva selga,

En flattant la palais , offensoient les oreilles :
 Ce tems n'est plus. Le chou , dont Milan s'appaudit ,
 Quand sa feuille frisée en pomme s'arrondit ,
 Sans dégrader les vers ose aujourd'hui paroître
 Dans les chants élégans de la muse champêtre.

Peut-être par mes soins prenant des sucs plus doux ,
 L'ache , au sein de la terre , auroit blanchi pour vous ;
 L'oseille et le cerfeuil s'étendroient en bordure ;
 Le persil , pres des eaux , nourrirait sa verdure ;
 Et la jeune laitue , au soleil de l'hiver .
 Bravant le long d'un mur l'inclémence de l'air ,
 Iroit , dès le printems , de sa feuille agréable
 Vous payer son tribut , et parer votre table .
 Mais je ne prétends pas tout dire dans mes vers .
 C'est assez , si , parmi tant de présens divers ,
 Je trouve le sujet d'une heureuse peinture .
 Je suis comme l'abeille , et j'erre a l'aventure .
 Tantôt , environné d'œillets , et de jasmins ,
 Je me plais a chanter la pompe des jardins ;
 Et tantôt , préférant les graces négligées ,
 J'aime a suivre des bois les routes ombragées :

Dans ces lieux retirés que l'arte ne connoit pas ,
 Eclairés par Bulliard , allons porter nos pas ;
 Cherchons ces végétaux sans fleur et sans feuillage ,
 Ces fils de la rosée , ou de l'humide orage ,
 Rejetons fugitifs , que souvent un seul jour
 Voit paroître , grandir , et passer sans retour .

Gostos peitando , ouvidos offendiaõ.
Tal delirio voou , e a crespa couve ,
Alarde de Milaõ , redonda , e bella ,
Já ousa apparecer - sem desluzillos ,
Nos sons cadentes da campestre Musa .

Succo havendo melhor por arte minha ,
Talvez mais bello te alvejára o sipo ,
Mais bello fora o cerefolho , a azeda ,
A salsa , verdejante ao pé das aguas ;
E , lá nos Sóes de Inverno , a tenra alface ,
De hum muro ao longo os ares insultando ,
Iria na florente Primavera .
Seu tributo pagar . e ornar-te a meza ;
Mas naõ tento em meus versos dizer tudo :
He de sobejo que entre dons taõ vários
D'aprazivel pintura encontre objecto .
Discorro aqui , e alli , sou como a abelha .
Ora entre cravos , e jasmims , e rosas .
A pompa dos Jardins cantar me agrada ;
Ora nativas graças preferindo ,
Fólgo em veredas de copados bósques .

Retiros demandemos , que a arte ignora ,
Guiados por Bulliard alli se busquem
Aquelles vegetais sem flor sem rama ,
Estirpe do rocio , ou da procella ,
Fugazes rebentões , que n'hum só dia
Naõ raras vezes nascem , crescem , morrem .

De quels traits éclatans la main de la nature
 A su les distinguer au sein de la verdure !
 Pourquoi leur auroit-elle encor donné des fleurs ?
 Ils en ont le parfum , la grace , et les couleurs.
 Au penchant des côteaux on croit sentir la rose (1).
 Descend-on vers les bords qu'une onde pure arrose ?
 Sur l'écorce du saule on trouve réunis
 Et l'éclat de l'ivoire , et l'odeur de l'anis (2).
 Partout le mousseron pullule sous les herbes ,
 Et l'orange a dressé ses pavillons superbes.

Chere au fils de Semele , odieuse a Cérés ,
 La fougere a son tour fleurit dans les guérets.
 Je vous découvrerois ses semences cachées ,
 Dans des plis amoureux sous la feuille attachées ;
 Mais un bruit redoutable éclate dans les airs ;
 Les autans déchainés ont soulevé les mers ;
 L'abime au loin mugit , et les vagues fumantes
 Battent avec fracas leurs rives écumantes.
 Approchons , c'est l'instant où sur ses vastes bords
 Le terrible océan répand tous ses trésors.
 Qui pourroit penetrer la voute de ses ondes
 Qui jamais atteindroit ses merveilles profondes ,
 Si des antres secrets , interdits a nos pas ,
 La main de l'ouragan ne les arrachoit pas ?
 Voyez ces longs rubans sur les sables humides ,
 Ces gazons que fouloit le pied des Nereides ,

(1) *L'agaric comestible.* (2) *Le bolet odorant.*

Com que insignes feições os assinala
 A mão da Natureza entre a verdura !
 Que mingua he nelles carecer de flores ,
 Se das flores tem cor , perfume , e graça ?
 Dos cerros no pendor sente-se a rosa (1).
 Desces ás margens de sereno arroio ?
 Tens na cortiça de humido salgueiro (2)
 O lustre do marfim , do anis (3) o cheiro.
 Cobertos de erva os cogumelós brótaõ ,
 E ergue o agarico pavilhões ufanos.

Querido de Lieo , e odioso a Ceres ,
 Nos alqueives tambem florece o feto.
 Delle , abaixo da folha , eu te apontára
 Preza semente em amorosas pregas ;
 Porém tremendo estrondo atrôa os ares ,
 E as ondas tumultua o Sul revolto.
 Ronca o pélago no longe , as crespas vagas
 Nas escumosas praias esbravejaõ.
 Vamos : agora o turgido Oceano
 Cospe os haveres seus ás margens vastas.
 Quem pelo equoreo bojo entrar podéra ,
 Seus profundos milagres quem tocara ,
 Se das vedadas , invisiveis grutas
 A mão do Remoinho os naõ roubasse ?
 Vê compridos listões sobre as aréas ,

P

(1) *O Agarico comestivel.* (2) *A cilercôa cheirosa.*
 (3) *Erva doce : vulgò liquor de anis . etc.*

Ce débris des forêts où le poisson tremblant
 Trompoit l'avidité d'un monstre dévorant.
 Nature , ainsi tes soins embrassent chaque espece !
 Nulle ne doit périr. La timide foiblesse
 A la ruse pour elle , et d'un choc inégal
 Eloigne par cent tours , l'événement fatal.
 Au reste , la plupart de ces plantes marines
 Végètent loin du jour et vivent sans racines ;
 D'autres , du fond des mers a nos yeux s'élevant ,
 Sur la face des eaux flottent au gré du vent ,
 Et trois pins , dont le front se cache dans la nue ,
 N'en sauroient égaler la longueur inconnue (1).

Quittons l'humide empire. Au fond de l'orient
 Un spectacle nouveau s'ouvre dans ce moment.
 Imagination , fée active , et légère ,
 Pars , et d'un vol hardi parcours cet hémisphere
 Observe des Germains les cités , et les moeurs ;
 Du Sarmate , en passant , déplore les malheurs ;
 Franchis le Tanais , barriere redoutable ,
 Mais que força des Huns l'armée épouvantable ,
 Quand le fléau de Dieu vint sous ses coups sanglans
 De l'Europe éplorée écraser les enfans ;
 Vois , sur les bords fleuris que le Volga féconde ,
 Les melons parfumés s'abreuver de son onde ;
 Reconnois au Tangut ces puissans végétaux (2)

(1) *Le fucus gigantesque.* (2) *La rhubarbe.*

Vê relva que as Nereidas já trilháraõ .
 Vê porçaõ desses bosques , onde o peixe
 De Monstro devorante illude a fome .
 E's Mãi de cada especie , oh Natureza ,
 Nenhuma se aniquila : o fraco evita ,
 Escudado de ardis , com mil rodeios ,
 Encontró desigual , exito infáusto .
 Destas plantas maritimas graõ parte
 Subsiste sem raiz , sem luz vegeta ;
 Outras , do fundo erguendo-se , fluctuaõ
 Dos ventos o sabor na tona d'agua :
 Tres Pinhos , cuja fronte as nuvens fende ,
 A incógnita grandeza não lhe igualaõ .

O mar deixemos. No Oriente se abre
 Espectáculo novo. Oh Fantasia ,
 Fada ligeira , audaz ! Desmanda os vóos ,
 Este Hemisferio corre. Encara , observa
 Cidades da Germania , e seus costumes ;
 Do Sármeta , ao passar , prantêa os Fados ;
 Transpoem o Tánais , formidavel Muro ,
 Mas que os Hunos horrificos vencêraõ
 Quando Tyranno atroz , d'hum Deos Flagelo ,
 Veio esmagar de Europa os tristes Filhos .
 Vê sobre as margens , que fecunda o Volga ,
 Recendentes melões sorver-lhe as aguas .
 Reconhece em Tangù potentes ervas (1) ,

P 2

(1) *Rhuibarbo.*

Qui de l'avidie parque emoussent les ciseaux ;
 Poursuis , et côtoyant le long mur de la Chine ,
 Abaisse enfin ton vol sur la terre voisine ,

Le signal est donné : sous differens drapeaux
 Dix mille hommes déjà grippent sur les côteaues.
 Ce n'est point pour aller d'une main meurtriere
 Porter dans les hameaux les fureurs de la guerre :
 Ne craignez pas non plus , hôtes légers des bois ;
 Echo n'entendra point vos gémissantes voix ;
 Suivis de vos petits , et pres de vos compagnes ,
 Vous pouvez a loisir errer dans vos montagnes :
 Cette nouvelle armée , amante de la paix ,
 Ne cherche qu'une plante au milieu des forêts.
 C'est aux bords escarpés des profondes ravines ,
 C'est aux pieds des rochers suspendus en ruines ,
 Pres des antres obscurs , aux plus sauvages lieux ,
 Que le ginseng enfin se presente a leurs yeux.
 Il hait l'éclat du jour et sa fleur ne s'entr'ouvre
 Qu'alors qu'un arbre épais la protege et la couvre.
 De l'automne naissant a la fin des frimats ,
 L'armée , infatigable en ces apres climats ,
 Déterre les trésors que le desert enfante ,
 Et revient au printems chargée , et triomphante.

Les arbres ont changé leurs verdoyans atours ,
 La seve vagabonde , arrêtée en son cours ,
 Du rouge le plus vif colore leurs feuillages ,
 Et d'un jaune éclatant emaille les bocages :

Que da sófrega Morte a foice embótaõ;
 Prosegue, e, costeando a longa China,
 No próximo Terreno abate as azas.

A senha deo-se. Com pendões diversos
 Mortais dez vezes mil eis trepaõ montes.
 Naõ he para esparzir com maõ cruenta.
 De lugar em lugar o horror da Guerra.
 Tambem naõ palpites, Orféos dos bosques:
 Naõ ha-de Eco aprender gemidos vossos.
 Co'a linda próle, co'as esposas lindas
 Podeis livres errar nos vossos montes.
 Este Exercito novo a paz cultiva,
 Huma planta, naõ mais, nas selvas busca.
 Em bórda de profunda Ribanceira,
 Ao pé de rochas, que ameaçaõ queda,
 Junto a cavernas, em fragosas brenhas,
 Hé lá que aos olhos o ginsaõ se offerta;
 Odêa a luz: a flor só abre, e pouco,
 Se a patrocina, e cobre Arvore espessa.
 Do principio do Outomno ao fim do Inverno,
 Nos agros climas a incansavel Turba.
 Desencanta os thesoiros, filhos do Ermo,
 E entre os Favonios vem, pesada, ovante.

Seu atavio as arvores mndáraõ.
 Parando na carreira o vago succo,
 Da purpura mais viva as folhas córa.
 E de hum oiro brilhante esmalta os bosques.

Il semble , en contemplant l'érable au haut des monts ,
 Qu'un soleil lumineux le couvre de rayons.
 Cet éclat toutefois , cette riche parure
 Ne vaut pas du printems la naissante verdure :
 L'ame mélancolique y voit avec regrets
 Du départ des beaux jours les sinistres apprêts.
 Descendez dans ces fonds où la vapeur grossière
 Dessine en serpentant le cours de la rivière ;
 L'année a son déclin s'y pare encor de fleurs ,
 Mais l'atteinte des froids a terni leurs couleurs.
 Montez sur la colline où des plantes tardives
 Courbent en frissonnant leurs ombelles craintives ;
 La scabieuse en deuil s'y présente a vos yeux :
 C'est la fleur la plus chère aux amans malheureux ;
 Comme eux , elle se plaît sur les rochers sauvages ;
 Comme eux , elle est sans cesse exposée aux orages.
 Ah ! ma chere Eliza , si quelque affreuse loi ,
 Si ton pere irrité m'eut séparé de toi ;
 Si dans cette abbaye où l'oiseau des ténèbres
 Roule seul aujourd'hui ses cadences funebres ,
 Le voile redoutable eut couvert tes cheveux ,
 Que ta langue contrainte a prononcer des vœux . :
 Je frémis ; de mes yeux je sens tomber des larmes.
 Non , dans des lieux deserts promenant mes alarmes ,
 On ne m'auroit pas vu du récit de nos maux
 Fatiguer les rochers , et laisser les échos ;
 Mais mon sang , répandu dans ce jour effroyable ,
 Eut baigné de tes murs la porte impitoyable.
 Tu vis , tendre Eliza , tu vis pour mon bonheur !

Crê-se, no alto das serras vendo o bórdo,
Que de raios o doira hum Sol fulgente.
Este esplendor, comtudo, e rico adorno,
Oh Primavera, teu verdor não valem:
Genio, dado á tristeza, observa nelles:
Naõ tarda ausencia de amorosos dias.
Vai tu onde vapores, serpeando,
O passo das correntes arremedaõ.
Lá o Anno declinante, inda tem flores,
Mas os golpes do Frio a cor lhe empanaõ.
Sóbe á colina, onde tardias plantas
Curvaõ, tremendo, as pávidas umbellas;
A enlutada saudade alli se offrece:
Eis a misero Amante a flor mais grata.
Rochedos, solidões, como elle, estima,
A's tormentas, como elle, exposta vive.
Ah! se hum ferrenho arbitrio, amada Elisa,
Se teu rigido Pai nos dividisse,
Se onde agóra a gemente Ave das trevas:
Solitaria sem luz, diffunde agoiros,
As tranças te encobrisse o véo sagrado;
Se voz terrivel te arrancasse hum voto
Tremo, e dos olhos me escorrega o pranto.
Naõ: meus males, meus ais levando ás fragas,
Naõ me ouvira ninguem co'a historia delles.
Os penedos cansar, cansar os ecos:
Fora meu sangue nesse negro dia
Tingir dos muros teus a férrea porta.
Tu vives, Bella, e para mim tu vives!

D'une sainte union nous goûtons la douceur ;
 Comme moi , tu chéris la paix de la campagne ;
 Ton image adorée en tous lieux m'accompagne ;
 Si , parmi les objets qui viennent me frapper ,
 J'apperçois quelques traits dignes de t'occuper ,
 Je cours te les offrir , et d'un pinceau rapide
 En tracer les beautés a ton esprit solide.

Des habitans de l'air vois-tu les légions
 Prêtes a désertter nos tristes régions ?
 Ce sont les végétaux , c'est Vertumne et Pomone
 Qui reglent tous les ans ce départ qui t'étonne.
 Sitôt que le soleil leur a sur le chemin ,
 Par la main des saisons préparé leur festin ,
 On les voit s'éloigner de la rive africaine ,
 Et diriger au nord leur course aérienne.
 Mais lorsqu'ils ont enfin , de climats en climats ,
 Vidé les magasins disposés sur leurs pas ,
 Ils s'appellent entre eux , chaque tribu s'assemble ,
 Part dans un soir propice , et voyageant ensemble ,
 Revole a l'équateur où les champs plus féconds
 Ont déjà vu murir de nouvelles moissons.
 Les petits , fendant l'air d'une aile encor timide ,
 Cheminent sans savoir où leur mere les guide :
 Mais aux froids de l'automne , aux étranges couleurs
 Dont elle a bigarré la verdure , et les fleurs ,
 Ne reconnoissant plus l'agrèable bocage
 Où parmi les zéphirs fôlatroit leur jeune age ,
 Après des lieux plus doux soupirant en secret ,

Dá mais santa uniaõ delicias gostas.
 Tu amas como eu amo a paz dos campos,
 Anda sempre comigo a imagem tua.
 Se entre os objectos em que ponho a vista
 Crederes de aprazer-te alguns contemplo
 Já corro a dar-tos, e as bellezas delles
 Com ligeiro pincel na alma te imprimo.

Naõ vês a chusma dos aereos povos,
 Já promptos a fugir de nossas Plagas?
 São Pomona, e Vertumno os que lhe regraõ
 Ausencia, que te espanta. Assim que Febo
 Por maõ das Estações, sobre os caminhos
 Lhe apercebeo festins, se afastaõ logo
 Das ribas Africanas, e endereçaõ
 Rapidamente para o Norte o vôo.
 Mas depois de exhaurir, de clima, em clima,
 Dispostos armazens da Natureza,
 Chamaõ-se mutuamente, unem-se as Tribus,
 Vaõ-se em amiga tarde, e volvem juntas
 Ao Equador, onde mais fertéis campos
 Novas messes luzir, vingar já viraõ.
 Inda com aza tímida, os filhinhos
 Naõ sabem a que parte as mãis os guiaõ;
 Mas nos frios do Outõmno, e tez estranha
 Com que elle matizou verdura, e flores,
 Desconhecendo já propicio bosque,
 Onde por entre os zefyros brincavaõ,
 Suspirando em segredo hum ar mais doce;

Ils quittent leur berceau sans plainte, et sans regret.

A peine ils sont partis, Pomone se prépare
 A combler les souhaits du laboureur avare.
 Des rameaux ébranlés je vois le fruit pleuvoir,
 Je vois l'amas vermeil grossir dans le pressoir.
 Les cuves, les tonneaux, et la meule pesante,
 Qui broye en tournoyant la récolte odorante.

Pourquoi des vins d'Al l'éloquent défenseur,
 Du Champenois paisible oubliant la douceur,
 A-t-il osé flétrir d'une satire amère
 Un jus délicieux qu'il ne connoissoit guère?
 Qu'il vante ses raisins, et ce gout délicat
 Qu'une douce fumée annonce à l'odorat:
 C'est toi, fils de la pomme, étincelant breuvage,
 C'est toi qui sus jadis enflammer le courage
 De ces fiers Neustriens dont le bras indompté
 Fit ployer Albion sous leur joug redouté.
 Animé par ton feu, le père de la scène
 Aux rivages français amena Melpomène,
 Et ressuscitant Rome aux yeux du spectateur,
 Nous montra ses héros dans toute leur hauteur.
 Tu sais, en pétillant sur la table enchantée,
 Joindre à l'éclat de l'or une mousse argentée.
 La fièvre, aux yeux ardents, que rallume le vin,
 Abandonne sa proie à ton aspect divin.

* *Le grand Corneille, né à Rouen.*

Seu berço desamparaõ sem queixume.

Tanto que os vê partir, cûida Pomona
 Em saciar do Agricola esperanças.
 Já do ramo abanado os fructõs chõvem,
 Já surge no lagar montão vermelho,
 As cubas, os tonneis, e a mó pesada,
 Que cheirõsa colheita em gyro opprime.

Por que, o patrio carácter esquecendo,
 O do nectar de Al Fautor brilhante,
 Co'a satyra manchou liquor celeste,
 Que taõ mal conhecia! Exalte, embora,
 Seus cachos bellos, e os mimõsos travos,
 Que ao olfato annuncia hum brando fumo:
 Mas, filho da maçãa, tu foste outr' hora
 Quem o esforço avivou do audaz Normando,
 Cujõ braço indomavel a seu jugo
 Fez curvar Albion cerviz indócil.
 Acceso no teu fogo o Pai da Scena *
 Melpómene da Grecia á Gallia trouxe,
 Roma resuscitou, e ergueo da Mórte
 Taõ grandes seus Heroes como elles fóraõ:
 Nas encantadas mezas scintilando,
 Unes ao aureo lustre argentea espuma,
 A Febre, que nos vinhos mais se inflamma,
 Vê-te a face divina, e cede a presa.

Q 2

* *Corneille.*

L'arbre qui te produit n'occupe pas sans cesse
 Les mains du laboureur autour de sa foiblesse ;
 Il se suffit lui même , et ses bras vigoureux
 Savent bien , sans nos soins , porter leurs fruits nombreux.
 C'est l'ami de Cérés : a l'ombre de sa tête
 Les épis fortunés méprisent la tempête,
 Et dans le même champ une double moisson
 Nous donne l'aliment auprès de la boisson.
 Salut , pommiers touffus qui couvrez la Neustrie ;
 Puisse votre liqueur , nectar de ma patrie ,
 Si je vous ai vengés d'injurieux rivaux
 Me faire , non sans gloire , achever mes travaux !

Du fragile débris des feuilles arrachées
 Déjà le long des bois les routes sont jonchées,
 La sombre humidité sort du fond des marais ,
 Assemble les vapeurs , et les brouillards épais ,
 Étend sur la campagne un immense nuage ,
 Et voile du soleil la consolante image.
 Alors la terre en pleurs implore en vain ses feux
 Pour la graine tardive , et le fruit paresseux :
 Ils ne muriront point. L'affreuse pourriture
 S'en va tout infecter de son haleine impure ;
 Jusques sur les rameaux , où pend encoꝛ le fruit ,
 L'immonde Coeléo le souille , et le détruit ;
 Ou , soufflant sur la graine en sa loge enfermée ,
 La corrompt dans son lait , molle , et demi-formée.

Quelquefois la nature écarte ce malheur :

A Mãe, que te produz, nem sempre occupa
 Em ródã ao fragil tronco as Mãos cultoras:
 Ella he bastante a si, seus ramos sabem
 Dar mil fructos, e mil, sem desvelar-nos.
 He a amiga de Ceres: della á sombra
 As chuvas, os tufões despreza o trigo,
 E sobre hum campo só dobradas messes
 O alimentõ nos daõ junto á bebida.
 Salve, Planta louçãa, que a Neustria enramas,
 Liquores teus, da minha Patria nectar,
 Se de emulo desdoiro os hei vingado,
 Minha empresa com gloria ao fim dirijaõ.

De reliquias das folhas arrancadas
 Já diviso alastrado o chaõ dos bosques.
 Do seio dos pauis sahe a humidade;
 E rebanhando as nevoas, os vapores,
 Pelos campos estende immensa nuvem,
 Do Sol consolador a imagem véla.
 Chorando a Terra em vaõ, lhe implora os lumes
 Para a tarda semente, e fructo ignavo.
 Naõ madurecem: podridãõ maligna
 Com seu bafo letal tudo inficiona.
 Até nos ramos, de que pende o fructo,
 O enxovalha, o destroe Celeno immunda,
 Ou, soprando a semente estanciada
 A corrompe inda em leite, e móle, e em meio.

Natureza este mal sacõde ás vezes:

Des cieux brillans d'azur , une aimable chaleur ,
 Un air pur , mollement balancé par Zéphire ,
 Favorisent les fleurs , prolongent leur empire ,
 Et dans les champs vermeils rapellent a nos sens
 Le passage si doux des graces du printems.

N'avons-nous pas aussi vu la terre embrasée ,
 Durant l'automne entier sans pluié , et sans rosée ?
 De funebres vapeurs obscurcissoient les cieux :
 Le soleil , presqu'éteint , ne présentoit aux yeux
 Qu'un orbe ensanglanté , sombre , et funeste image :
 Les flots toujours émus écumoient sur la plage ;
 Du tonnerre a toute heure on entendoit le bruit ;
 Et pour comble d'horreur , dans l'ombre de la nuit ,
 L'effrayant météore , et la comete ardente
 Agitoient dans les airs leur queue étincelante.
 L'Ibere , et le Germain , par la crainte glacés ,
 D'inévitables maux se croyoient menacés ,
 Lorsque de ta ruine , un courier trop fidelle ,
 Malheureuse Calabre , apporta la nouvelle.

Le Vésuve en fureur dans ses flancs caverneux
 Commence a bouillonner avec un bruit affreux ,
 Et dechainé , en poussant une épaisse fumée ,
 Dans ses gouffres tonnans la tempête enflammée.
 Elle s'ouvre une issue , eu du sommet tremblant
 En colonne de feu s'élance au même instant.
 Des foudres souterrains , et des roches fondues
 Se croisent dans les airs , et vont rougir les nues.

Abrilhantados Ceos, calor macio,
 Ar puro, que os Favonios embalancem,
 Valem á flor, o imperio lhe dilataõ,
 E nos vermelhos campos nos figuraõ:
 Da leve Primavera o riso, o esmalte.

Tambem não temos visto acceza a Terra,
 Se no Outomno falece orvalho, e chuva?
 Vapores, cor da noite, o Ceo toldavaõ,
 Quasi apagado o Sol, pintava aos olhos
 Orbe sanguinee, carrancuda imagem.
 Escumava na arêa o pego envolto,
 Crebro trovãõ bramia, e por mais susto,
 Por mais horror, em negrejando as sombras,
 O terrivel cometa, o meteoro
 Agitavaõ no Pólo as igneas caudas.
 Nisto Iberia temeo, temeo Germania
 De inevitavel mal o escuro agoiro:
 Eis que do estrago teu na voz da Fama,
 Oh Calabria infeliz, o annuncio veio.

Nas tórridas cavernas o Veauvio
 Entra a ferver, com hórridos bramidos.
 Ergue torres de fumo, as lavas solta,
 Que no troante bojo incendiára.
 Rompem, zunindo, e dos trementes cumes
 Em columnas de fogo eis se arremessaõ.
 Róchas fundidas, subterraneos raios
 Cruzaõ-se no ar, e as nuvens avermelhaõ;

Le bitume , et le soufre , épanchés en torrens
 Roulent sur la montagne , en sillonnent les flancs ,
 Et dans les creux vallons se traçant un passage ,
 Des fleuves infernaux offrent l'horrible image.

L'incendie a gagné les antiques forêts :
 Les animaux , fuyant dans les sentiers secrets ,
 Vingt fois , pour s'échapper , retournent sur leur trace ;
 Partout la mort en feu les repousse , et les chasse.

On voit , loin du volcan , et de leurs toits brûlans ,
 Errer de toutes parts les pâles habitans ;
 Et l'époux qui soutient sa moitié défaillante ,
 Et du vieillard courbé la marche chancelante ,
 Et la mere qui croit dérober au trépas
 Son fils unique espoir , qu'elle tient dans ses bras.
 Inutiles efforts ! Les vagues irritées
 Franchissent en grondant leurs rives devastées :
 L'Apennin a tremblé jusqu'en ses fondemens :
 La terre ouvre en tous lieux des abymes fumans ,
 Des plus fermes cités ébranle les murailles ,
 Et les ensevelit au fond de ses entrailles.

Un jour , peut-être , un jour nos neveux attendris
 Découvriront enfin , sous de profonds débris ,
 Ces villes , ces palais , ces temples ces portiques ,
 De nos arts florissans monumens authentiques ,
 Ainsi dans les remparts qu'Hercule avoit batis ,
 Par un malheur semblable autrefois engloutis ,

Em fêa aluviaõ , betume , enxofre
 Se enovelaõ no Monte , o sulcaõ todo ,
 Correm aos valles concavos , e antolhaõ
 Dos rios infernais a horrenda imagem.

Pelo idoso arvoredõ o incendio lavra.
 Fugindo os brutos por ignotas sendas ,
 Recuaõ de humã , de outra ; em toda a parte
 Os acossa , ou rebate a Mórte em chammas.

Longe das lavas , e abrasados tectos
 Os Habitantes pálidos vagueaõ :
 Sustendo o Esposo a languida Consorte ,
 Do Velho curvo o trópego meneio ,
 A Mãi , que ao triste fim roubar presume
 Seu tenro e só penhor , que tem nos braços :
 Tudo he lúgubre he vaõ. Sanhudas vagas
 Desolados confins transpõem , bramando ;
 Tremeo nos alicerces o Apenino ;
 Fumegantes abysmos abre a Terra ,
 Muralhas , torreões alue , abate ,
 E nas rotas entraulhas os sepulta.

Talvez enternecido ache o Vindoiro
 Debaixo de ruinas espantosas ,
 Templos , Cidades , Pórticos , Palacios ,
 Das Artes nossas monumento honroso.
 Assim aos muros que Hercules erguera ,
 Por desventura igual outr' hora absortos ,

Nous allons admirer de superbes ruines,
Et de l'antiquité fouiller les doctes mines.

Que deviendra le sort de tant de malheureux,
Echappés par hasard a ce desastre affreux !
De cendres, de cailloux une pluie enflammée
Couvre tout le pays de feux, et de fumée.
Dans son hameau brulant le triste laboureur
A vu ses grains détruits par la flamme en fureur.
En vain il cherche encor dans les arides plaines
Ses vigoureux taureaux, compagnons de ses peines ;
Ils ne reviendront plus d'un pas obéissant
Sur ce sol calciné, trainer le soc pesant.
Nul secours, nul espoir ne s'offre a sa misere :
Comment nourrir hélas ! ses enfans, et leur mere ?
Ira-t-il secouer le gland dans les forêts ?
Mais l'orage partout a fait tomber ses traits ;
Et les chênes, sechés jusques dans leurs racines,
De ces lieux desolés ont accru les ruines.

Alors parmi les feux, les laves, les tombeaux,
La Famine apparoit, et trainant ses lambeaux,
Traverse les cités, rode dans les villages ;
D'abord sous l'humble toit exerce ses ravages ;
Puis, des riches palais franchissant les degrés,
Fait entrer le Besoin, sous les lambris dorés.

Dans l'air en même temps les sombres Eumenides
Soufflent de toutes parts leurs poisons homicides.

Vamos hoje admirar soberbo estrago,
Cavar da Antiquidade as doudas minas.

Que será desses tristes, que escapáraõ
Por descuido da Sorte, ao caso infando?
De cinzas, e de pedras ignea chuva
Cobre todo o Paiz de fogo, e fumo.
O afflicto Lavrador n'aldea acceza
Vio devorar-lhe os pães a labareda.
Inda no estéril campo em vaõ procura
Os bois, sócios fieis de seus trabalhos;
Nunca mais os verá com dócil colo
Por calcinado chaõ levar o arado:
Regresso já não tem nem a esperança.
Ai! com que ha de alentar a Esposa, os Filhos?
Sacudir a azinheira irá nas selvas?
Como, se tudo as Furiás golpeáraõ?
Té nas raizes os carvalhos seccos,
A ruina horrendissima propagaõ.

Em meio dos sepulcros, fogos, lavas,
Surge a Fome, e, arrastando as rôtas vestes,
Gyra Cidades, atravessa aldeias.
Primeiro exerce a raiva em tecto humilde,
Por marmóreos degráos depois subindo,
Mette em lares doirados a indigencia.

Vós, cenhosas Eumenides, em tanto
Soprais daqui, dalli mortal peçonha.

NOMENCLATURA

L I N N E A N A

D A S P L A N T A S

DO TERCEIRO CANTO.

CARDO, *Carduus crispus*, etc.

Em campos incultos, ao pé das estradas.

BARDANA, *Arctium lappa*.

Idem.

ENGOS, *Sabugo Sambucus ebulus*.

Idem.

CERIEIRA, *Myrica cerifera*.

Provinda da America septentrional.

ASTER, *Aster grandiflorus* - etc.

Idem.

TULIPEIRO, *Liriodendron, tulipifera*.

Idem.

NARCISO, *Narcissus tazetta*.

Oriundo dos Districtos meridionais.

JUNQUILHO, *Narcissus junquilla*.

Oriundo do Oriente, e partes da Hespanha.

TULIPA, *Tulipa Gesneri*.

Vinda da Capadocia á Europa em 1559.

JACINTHO, *Hyacinthus Orientalis*.

Oriundo da Asia, e Africa.

Le mal s'étend au loin. De longs étouffemens
Sont du premier acces les signes alarmans.
Des la seconde aurore , une brulante haleine
Des poumons embrasés ne s'échappe q'a peine.
La toux du corps entier fait crier les ressorts ,
Et l'humeur , sans sortir - résiste a ses efforts.
Un feu séditieux étincelle au visage.
Le poulx du sang a peine annonce le passage.
La plus légère etroffe est un pesant fardeau.
Une barre d'acier traverse le cerveau.
La voix est étouffée ; un poids insupportable
Pese sur la poitrine , et l'opresse , et l'accable.
Après la triste nuit , qu'alonge la douleur ,
La langue se noircit , le teint perd sa couleur.
Le médecin muet , dans les traits du visage
Lit du fatal moment l'infailible présage.
Tout espoir est perdu. Le malade aux abois
De son épouse en pleurs ne connaît plus la voix ;
Son esprit égaré , que la fièvre tourmente ,
Se croit seul au sommet d'une montagne ardente ,
Suspendu sur un gouffre , et frémit de terreur ,
En mesurant des yeux l'immense profondeur.
Quelquefois du volcan il voit crouler la cime ,
Et se sent avec elle emporté dans l'abime :
La terre quelquefois s'élève sous ses pas ,
Tremble , s'ouvre et vomit la foudre avec fracas.
A ce transport succède une stupeur mortelle :
Son sang glacé s'arrete , et sa foible prunelle
Sous les doigts du trépas se fermant sans retour ,

O mal se multiplica , e saõ do ataque
 Longas suffocações sinal medonho.
 Halito ardente , na segunda Auróra ,
 Dos queimados pulmões a custo escapa.
 Range co'a tosse a máquina abatida ,
 O humor naõ quer sahir , impugna esforços ;
 Tumultuosa flamma o rosto accende ;
 Mal o gyro do sangue os pulsos mostraõ ,
 O veo mais transparente he ferreo peso ;
 Aguda ponta o cérebro traspassa.
 Sóme-se a voz , gravame insupportavel
 Esmaga o coração. Depois da noite ,
 Da triste noite , que nas ancias cresce ,
 Enferruja-se a lingua , a tez desbota.
 Attenta mudo Hypocrates na face
 O presagio fatal do ponto extremo.
 A Esperança voou. O Enfermo ancioso
 Já nem conhece a voz da Esposa em prantos.
 Abrasado co'a febre , e delirante ,
 Se cre na solidaõ de ardente serra ,
 Suspenso em negro abysmo , e se arripia ,
 C'os olhos a medir a altura immensa :
 O cimo do Vulcaõ vê despenhar-se ,
 E subito á voragem vai com elle.
 Tambem se lhe levanta o ohaõ , que piza :
 Treme , abre-se , e ao abrir vomita o raio.
 Succede á commoção mortal espasmo ,
 Gelado pára o sangue , e os debeis olhos
 Para sempre abotoa a maõ da Morte ,

Il meurt avant la fin du quatrième jour

Dieux ! qui reconnoitroit ces campagnes fertiles !
 Des hameaux fortunés , et d'opulentes villes ,
 Des maisons qu'entouroient des bocages fleuris ,
 Charmoient a chaque pas je voyageur surpris.
 Deux fois sur les côteaux les brebis étoient pleines ,
 Et les moissons deux fois jaunissoient dans les plaines.
 La manne y distilloit. Les humains trop heureux
 Y ployoient sous les fruits qui renaissoient pour eux.
 L'amour , et le plaisir , enfans de l'abondance ,
 Présidoient les concerts , animoient a la danse.
 Echo ne répétoit que les chants des bergers ;
 Des vignes s'élevoient dans le sein des rochers.
 Le laurier , le jasmin , s'arrondissant en voutes ,
 De leur ombre odorante embellissoient les routes.
 C'étoit un grand jardin où de nombreux canaux
 Portoient de toutes parts la fraîcheur de leurs eaux.

Quel désastre imprévu ! Quelles terribles scenes !
 Des torrens sulfureux , de brulantes arènes ,
 Tous les feux des enfers , tous les fléaux des cieus ,
 En un vaste cercueil ont changé ces beaux lieux.

F I N D U C H A N T I I I .

Antes de rematar-se o quarto dia.

Ceos ! Quem conhecerá taõ fertes campos !
Faustas Cidades , prósperas aldéas ,
Casajs , cingidos de florentes bosques
O absorto Passageiro embellezavaõ.
Duas vezes no oiteiro as ovelhinhas
Eraõ mãis , na planicie vezes duas
Vingava a messe : alli maná corria ,
E o Cultor com seus fructos naõ podia.
Os filhos da Abundancia = Amor , e Gosto =
Regiaõ cantos , animavaõ danças.
Só versos pastoris Eco sabia ;
Vinhaõ d'entre o penedo a vide , o cacho ,
Os jasmíns em abobadas , e os loiros
Co'as sombras os caminhos perfumavaõ :
Era hum amplo jardim , onde mil fontes
Vertiaõ fresquidaõ por toda a parte.

Que inopinado horror ! Que scenas tristes !
Ondas sulfureas , fervidas arêas ,
Os flagellos do Ceo , do Inferno as chanumas ,
Tornaõ vasto sepulcro estes Elysios.

F I M D O C A N T O III.

NOMENCLATURA

L I N N E A N A

D A S P L A N T A S

DO TERCEIRO CANTO.

CARDO, *Carduus crispus*, etc.

Em campos incultos, ao pé das estradas.

BARDANA, *Arctium lappa*.

Idem.

ENGOS, *Sabugo*. *Sambucus ebulus*.

Idem.

CERIEIRA, *Myrica cerifera*.

Provinda da America septentrional.

ASTER, *Aster grandiflorus*, etc.

Idem.

TULIPEIRO, *Liriodendron, tulipifera*.

Idem.

NARCISO, *Narcissus tazetta*.

Oriundo dos Districtos meridionais.

JUNQUILHO, *Narcissus junquilla*.

Oriundo do Oriente, e partes da Hespanha.

TULIPA, *Tulipa Gesneri*.

Vinda da Capadocia á Europa em 1559.

JACINTHO, *Hyacinthus Orientalis*.

Oriundo da Asia, e Africa.

FEIJOÃO, *Phaseolus vulgaris*.

Oriundo da India.

CENOIRA, *Daucus carotta*.

Nos prados, á borda dos campos.

ACELGA, *Beta vulgaris*. v. *rubra*.

Talvez provinda da acelga maritima estrangeira.

COUVE, *Brassica oleracea*. v. *capitata*.

A especie primordial nos lugares maritimos da Inglaterra.

AIPO, *Apium graveolens*. v. *dulce*.

Nas terras encharcadas, junto a rios.

AZEDA, *Rumex acetosa*.

Prados, e pastagens.

CEREFOLHO, *Scandix cerefolium*.

Campos da Europa meridional.

SALSA, *Apium petroselinum*.

Oriundo da Sardenha.

ALFACE, *Lactuca sativa*.

Europa meridional.

AGARICO COMESTIVEL, *Agaricus edulis*.

Cerros, Leivas.

COGUMELO BRANCO, *Agaricus albella autumnalis*.

Campos, e pastos seccos.

FETO, *Pteris aquilina*.

Bosques, sitios estereis.

MELAÃO, *Cucumis melo*.

Vindo do Oriente.

RHUIBARBO, *Rheum undulatum*, etc.

Tartaria.

GINSAÕ , *Panax quinquefolium*.

China , Canadá.

BORDO , *Acer pseudoplatanus*.

Bosques , montes.

SAUDADE , *Scabiosa succisa*.

Collinas seccas , etc.

MACEIRA , *Pyrus malus*.

Originaria de Neustria , onde a cultura tem adquirido mais de 200 castas.

ASINHEIRA , *Quercus ilex*.

Europa meridional.

ARVORE DE MANNA' , *Fraxinus Ornus*.

Calabria , Sicilia.

LOIREIRO , *Laurus nobilis*.

Grecia , Italia.

JASMIM , *Jasminum fruticans*.

Italia , Europa meridional , etc.

Animais, Aves, Anfíbios, Peixes, Insectos.

LEÃO, *Felis Leo*, etc.

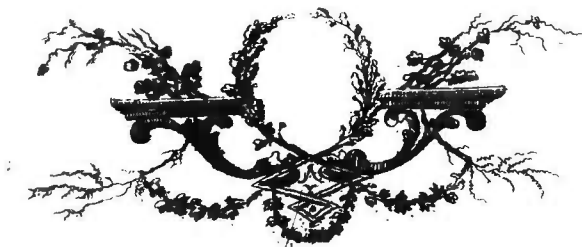
AGUIA, *Falco chryseus*, etc.

TORDO, *Turdus musicus*, etc.

AVE DAS TREVAS, *Strix bubo*, etc.

TOIRO, *Bos Taurus*, etc.

Fim da Nomenclatura do Canto III.



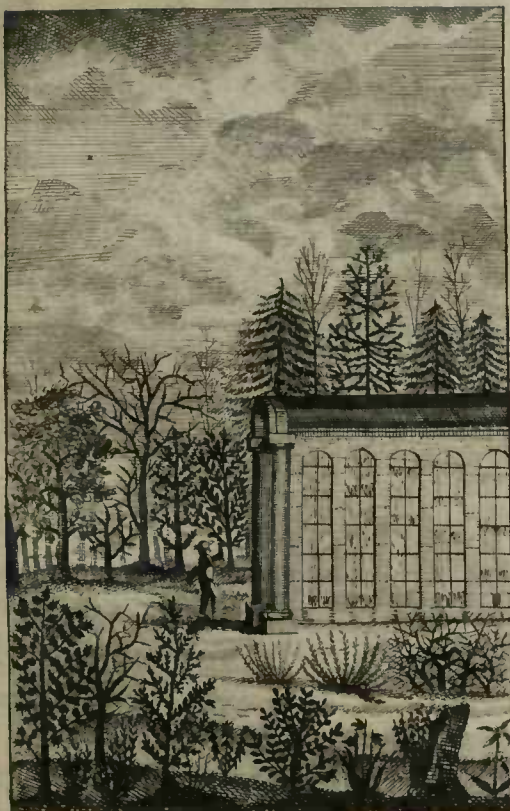
LES PLANTES, POÈME.

CHANT QUATRIÈME.

L'HIVER, enveloppé d'épais, et longs nuages,
Dans les airs obscurcis commence ses ravages,
Détruit l'ouvrage heureux des trois autres saisons,
Et pétrit en grondant la neige, et les glaçons.
Plus de chants : l'amour fuit son haleine mortelle.
Aux flutes des bergers, aux sons de Philomèle,
Succède le fracas des torrens écumeux,
Et le rugissement des aquilons fougueux.

Muse, soutiens mon vol a travers les tempêtes:
La rose, et le jasmin n'orneront plus nos têtes;
Les jardins sont déserts, les bocages flétris;
Eole sur les champs en roule les débris.
Mais du moins apprends-moi quelle cause étonnante
Peut ainsi dépouiller la nature tremblante,
Effacer ses couleurs, et dans ce vaste corps
Enchaîner les esprits qui mouvoient ses ressorts.

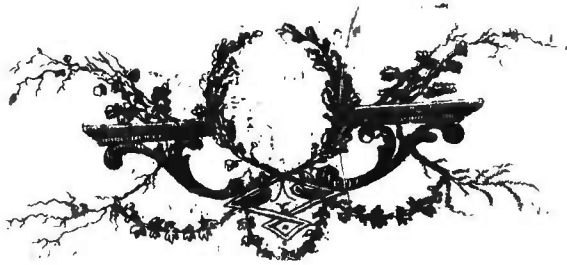
CANTO IV.



Reb. F.

No. 1. Arco del Lago.

O Inverno a siim se adorna e desenruqa



AS PLANTAS, POEMA.

CANTO QUARTO.

VESTINDO nuvens o rugoso Inverno ,
A devastar começa os turbos ares ;
Desfaz das tres Irmãas lavor préstante ,
E , rugindo , amontoa o gelo , a neve.
Páraõ cantos : Amor lhe esquiva os sopros.
Aos sons do rouxinol , aos sons da flauta
Succede a furia de escumosas cheias ,
E o rebombo dos Aquilos potentes.

Sustem meu vôo , oh Musa entre as procellas ;
Naõ mais nos haõ-de ornar jasmins , e rosas.
Jaz deserto o jardim , jaz murcho o bosque ;
Pelos campos Eólo esparze as folhas.
Ah ! Tu me ensina , que razaõ pasmosa
Esvaõce o matiz da Natureza
A despè , e n'alta máquina agrilhóa
Espiritos que as mólas lhe regiaõ.

Des présens de l'olympé, en naissant enrichie,
 La terre a dans son sein tous les germes de vie.
 Là reposent les suc's qui portent jusqu'aux cieus
 Des cedres du Liban le front audacieux ;
 La l'humble seve, a qui nos fertiles contrées
 Doivent leurs verts gazons, et leurs moissons dorées.
 Mais ces germes épars, sans force, et sans vigueur,
 Ont besoin pour agir d'une vive chaleur.
 C'est le Dieu des saisons, noble époux de la terre,
 Qui lui donne ce feu puissant, et nécessaire.
 A leur brillant hymen l'univers applaudit,
 D'allégresse, et d'amour la terre tressaillit,
 Quand, déployant l'éclat de sa gloire immortelle,
 Il couvrit de splendeurs son épouse nouvelle.
 Chaque fois qu'approchant de son char lumineux
 Elle en peut recevoir les rayons amoureux,
 On la voit s'embellir d'une riche verdure,
 Et sa fécondité s'épanche sans mesure.
 Mais quand l'arrêt fatal du sévère destin
 L'oblige a s'écarter de ce centre divin,
 Sa beauté disparôit, sa force l'abandonne,
 Sur son front palissant se fane sa couronne ;
 Les fiers enfans du nord, dont le soleil vainqueur
 Avoit, par son aspect, fait taire la fureur,
 Fondent en tourbillons, suivis des noirs orages,
 La chargent de frimats, la ceignent de nuages,
 Et comme en un tombeau, font rentrer dans ses flancs
 Les plantes qui l'ornoient dans un plus heureux tems.

De dádivas do Ceo nascendo rica,
Da vida inclue a Terra os germes todos.
Nella os succos estaõ que ao Polo a coma
De teus Cedros, oh Libano, agigantaõ,
E nella as seibas, a que as varzeas devem
Lourejante seara, e verde relva.
Mas estes germes, sem vigor dispersos,
Pedem vivo calor, para brotarem.
O Deos das Estações, da Terra Esposo,
A necessaria flamma lhe insinua;
O Universo applaudio dos dois o laço,
De amor, e de alegria estremecendo,
Quando, espraiado o Sol, vestio de luzes,
E de gloria celeste a leda Noiva.
Cada vez que, a seu carro avisinhada,
Beber-lhe os raios amorosos póde,
De opulento verdor se aformoséa,
E a fecundante força espalha em tudo:
Mas quando lei fatal de férrea Sorte
Deste centro divino a poem distante,
Robustez, formosura a desampáraõ,
Murcha-lhe a croa, amarelece a fronte:
Do Norte os Filhos, a que o Sol triunfante
Co'a presença radiosa impoz silencio,
Desmandaõ-se em tufões, de nuvens cingem,
Carregaõ de regelo a Terra anciosa,
E, como em sepultura escondem nella
Plantas, que em tempo mais feliz a ornavão.

Vous , qui loin des faux biens que méprise le sage ,
 Cultivez de vos mains un modique héritage ,
 Hâtez vous de venir avec l'osier pliant
 Attacher a vos murs l'arbrisseau chancelant.
 Que le fer récourbé , par sa rigueur utile ,
 Fasse tomber la branche importune , ou stérile.
 La se bornent vos soins. Tandis qu'autour de vous
 La tempête , et les vents mugiront en courroux ;
 Paisible , retiré près d'un foyer rustique ,
 Vous prêterez l'oreille aux leçons du Portique ;
 Vous redirez les chants des doctes nourrissons ,
 Et peut-être a leur voix vous unirez vos sons.
 O des arts de Phoebus nobles dépositaires ,
 Puissiez-vous m'inspirer dans les nuits solitaires ,
 Et guidant mon essor , loin du tombeau jaloux ,
 Sur des ailes de feu m'élever jusqu'a vous !
 Et toi , Silence , ami des sublimes pensées ,
 Ecarte loin de moi les rumeurs insensées ,
 La visite importune , et tous les froids discours
 Qui d'une sainte ivresse interrompent le cours.
 Veille sur ma demeure , et n'en permets l'approche
 Qu'au véritable ami , qu'au mortel sans reproche
 Qui sait de la nature approfondir les lois ,
 Et qui , de mon réduit me tirant quelquefois ,
 M'apprend a découvrir tant de beautés divines ,
 Qu'elle cache au milieu d'apparentes ruines.

Si Plutus vous sourit , l'arbre odorant , et vert
 Qu'Hercule sut ravir dans les jardins d'Hesper ,

Longe dos falsos bens , que engeita o Sabio ,
Tu , ditoso Cultor de parca herança ,
C'os vimes dobradiços vem depressa
O arbusto , que vacila , atar aos muros.
Proveitoso rigor de curvo ferro
Talhe ramo importuno , ou ramo estéril.
Cesse aqui teu desvelo. Em quanto á roda
Bravios furacões tempestarem ,
Tranquillo , junto ao lar , campestre , escuso ,
Do Pórtico ás lições darás ouvidos ;
Canto repetirás dos Genios grandes ,
Associando ao seu talvez teu estro.
Oh vós , de Febo Alumnos ! Inspirai-me
Nas ermas noites , e guiai meus vôos ;
Azas , azas de fogo a vós me elevem ,
Longe da Morte avara , e tu , Silencio ,
Amigo das sublimes fantasias ,
Rumor insano , e vaõ de mim remove ,
E enfadosos semblantes , e oucas frases ,
Que a santa embriaguez nos interrompem.
Vigia os lares meus ; só entre nelles
O puro amigo , o coração lavado ,
Que sonda as altas leis da Natureza ,
E ás vezes , arrancando-me ao retiro ,
Me ensina a deslindar bellezas tantas
Sumidas em ruinas apparentes.

Se risonho te he Pluto , a rica Planta ,
Que do Hespério jardim roubou Alcides ,

Loin des fureurs du nord, sous un pompeux portique,
 Vous formera l'hiver une cour magnifique.
 Tel l'or pur étincelle entre tous les métaux,
 Tel brille l'oranger parmi les arbrisseaux.
 Seul, dans chaque saison, il offre l'assemblage
 De fruits naissans, et murs, de fleurs, et de feuillage.
 Ni l'ambre que la mer épure dans ses flots,
 Ni le myrte, qu'amour apporta de Paphos,
 Ni le souffle charmant de l'aube matinale,
 Ne sauroient approcher du parfum qu'il exhale.
 Inaltérable, il voit le père, et les enfans
 Blanchir et succomber sous le fardeau des ans;
 Et tel, que dans son parc admire encor Versailles,
 De douze de nos rois a vu les funérailles.

Non loin du bâtiment qui leur est réservé,
 Qu'un temple de vitrage, élégant, élevé,
 Dans ses murs transparens présente reunies
 De l'Inde, et du Niger les vertes colonies.
 Ces hôtes délicats, nés sous des cieux plus doux,
 Du secours de Vulcain ont besoin parmi nous :
 Ils périroient sans lui. Tenez donc a toute heure
 Des vases allumés au sein de leur demeure,
 Et que de longs tuyaux, s'étendant alentour,
 D'un feu toujours égal échauffent leur séjour.
 Ainsi, dans le tems même où glacée, et déserte
 D'un tapis de frimats la campagne est couverte,
 En un espace étroit mille arbustes charmans
 Vous offrent les parfums, et l'éclat du printems.

Longe do Norte , em pórtico fastoso ,
Ser-te há Corte magnífica , de Inverno.
Entre os outros metais qual brilha o oiro ,
Tal brilha a laranjeira entre os arbustos.
Só , em cada Estação só ella offrece
Fructo verde , e maduro , a flor e a folha.
Nem o ambar que nas ondas se acrisola ,
Nem o myrto , que Amor de Passos trouxe ,
Nem da rósea manhãa suave alento ,
Chegaõ da Planta de Héspero aos aromas.
Vê (sem nunca alterar-se) os Pais , e os filhos
Branquejar , succumbir da idade ao peso ;
E tal (que inda hoje admira em si Versailles)
Vio de Reis doze os funerais soberbos.

Naõ longe do lugar , que lhes destinaõ ,
Nos transparentes muros vitreo Templo
Aos olhos congregados apresente
Do Indo , e do Niger as Colonias verdes.
Nascendo bafejada de ar mais grato ,
Precisaõ entre nós de ti , Vulcano ,
Morreriaõ sem ti. Seu domicilio
Aqueçaõ dia , e noite accesos vasos ;
Em róda se lhe estendaõ longos tubos .
E sempre igual calor na estancia dure.
Assim , té quando as terras ermas , frias
De alcatifas de gelo estaõ cobertas ,
Brindaõ-te arbustos mil n um curto espaço
O aroma , o brilho da Estação fagueira.

C'est le palais de l'art comme de la nature ;
 Osez , pour l'embellir , appeler la sculpture.
 On se plaît à trouver l'Asie en longs habits ,
 Belle , et le front chargé de perles , de rubis ,
 Auprès du bananier dont elle aime l'ombrage.
 L'Afrique , au teint d'ébène a l'air un peu sauvage ,
 Riante , demi-nue , ornera les cantons
 Où vos mains ont placé ses nombreux rejetons.
 Mais que ce lieu surtout soit riche de verdure :
 C'est aux fleurs , c'est aux fruits à former sa parure.
 Des bouts de l'univers ressemblez sous vos lois
 L'herbe de Parana , la feuille des Chinois ,
 L'anas couronné ; le lazer de Libye ,
 Le girofle , le quin , le baume d'Arabie ;
 Et cet arbre surtout dont le suc précieux (1)
 Parfume les autels , et désarme les dieux .
 A ce peuple étranger la vigne réunie.
 Serpente sur les murs , de ses grappes garnie ;
 De globules vermeils les fraisiers sont couverts ;
 Et la rose rougit dans le fort des hivers.
 Sans cesse cependant on voit tomber la neige.
 Une foule ennemie . et que la faim assiège ,
 S'agite pour entrer dans l'odorant séjour -
 Grimpe contre ses murs ou circule à l'entour ,
 Se poste auprès des lieux où le fruit se colore ,
 Saisit la tige absente , et des yeux la dévore .

(1) *L'arbre à encens.*

Da Natureza, e Arte eis o Palacio;
A Esculptura to adorne, ousa invocalla.
Asia em roupas talares nos alegre,
Co'a perola, e rubi, que a fronte lle orlaõ,
Ao pé da bananeira umbrosa, e sua.
Africa azevichada, hum tanto agreste,
Risonha, quasi nua, orne a paragem,
Onde lle hás posto innumeras vergontas.
Mas verdura, mórmente, o sitio abaste,
Flores seu atavio, e fructos sejaõ:
Venhaõ cumprir-te as leis dos fins da Terra
Ervas da Paraguái (1) Chinezas folhas,
O croado ananás, bejoim de Libya
O cravo, a quina, o bálsamo de Arabia,
E arvore, cujo succo inestimavel
Mitiga os Numes, perfumando as Aras.
A este povo estranho a vide unida,
Pelos muros serpeja, envolta em cachos.
O encarnado morango a mãi recama;
No rigor invernal se tinge a rosa:
Em tanto, sem cessar - gotêa, e néva.
Contraria multidaõ, que instigaõ fomes,
Entrar procura na cheirosa estancia.
Pelos muros lle sóbe, ou lle anda em torno,
Poem-se ao pé d'onde os fructos purpurêaõ,
E c'os olhos devora o tronco ausente.

(1) No Brasil congonha.

Mais aux bords où l'Obi termine enfin son cours ,
 Et la serre , et les feux ne sont qu'un vain secours.
 Nul arbre n'y peut croître ; ou si , malgré Borée ,
 Un bouleau , quelque saule habitent la contrée ,
 Ils rampent tristement ; leurs tiges sans vigueur
 A peine de nos joncs égalent la longueur.
 Phœbus , six mois entiers y laisse régner l'ombre ,
 Et six mois n'y répand qu'un jour livide , et sombre.
 Toujours des vents perçans , toujours d'après frimats.
 L'étang solide , et dur retentit sous les pas ,
 Et le peuple-muet , dans ses prisons de glace ,
 Ne peut , pour se mouvoir trouver un libre espace.
 La neige , que les vents roulent en tourbillons ,
 S'élève sans mesure , et comble les vallons :
 L'Élan au large bois , dans sa course rapide ,
 Tombe , et se perd au fond de l'abîme homicide ;
 Envain il s'y débat : sous le faix blanchissant
 L'impitoyable hiver l'ensevelit vivant.
 Hérissé de glaçons , et secouant la tête ,
 L'ours cède en rugissant aux coups de la tempête :
 Vers un antre moussu , creusé des mains du tems ,
 Au travers de la neige , il chemine à pas lents ;
 S'enfonce en sa caverne , et , tant que l'hiver dure ;
 Solitaire , et caché . reste sans nourriture .

Montons sur ces rochers dont les sommets déserts
 S'avancent vers le pôle , et ceignent l'univers .
 Laissez errer vos yeux sur cette mer terrible
 Qui mugit à vos pieds avec un bruit horrible ,

Mas nas m̄argens do Obi , lá onde acaba ,
São baldado soccorro estufa , e lumes.
Arvore alli não cresce , ou quando cresça
(Máo grado a Bóreas) bétula , salgueiro ,
Apenas seus humildes , molles troncos
De nossos juncos a grandeza igualaõ.
Seis mezes sofre o Sol que reinem sombras ,
Seis mezes turvo dia alli vislumbra.
Há sempre agudo vento , e gelo agudo.
Que debaixo dos pés firme resôa ;
E o mudo povo , na prizaõ coalhada ,
Não tem para volver-se espaço livre.
A neve em turbilhões , que rola ò vento ,
Se eleva sem medida , atulha os valles.
O Alce , de lignea fonte , hindo á carreira ,
Cahe de repente . e encrava-se no abysmo :
Luta o misero em vaõ , que o duro Inverno
No alvejante sepulcro o enterra vivo.
Crespa de escarchas , sacudindo a testa ,
O Urso brama , e , cedendo ás tempestades ,
Busca por entre neves , passo a passo ,
Gruta cavada pelas mãos do Tempo ;
Nella se entranha , e solitario , occulto ,
Em quanto o Inverno dura , está sem pasto.

Subãmos essas Penhas , de ermõs cumes ,
Que , arremetendo ao Polo , o Mundo cingem.
Teus olhos sólta pelo mar terrivel ,
Que , espumoso a teus pés , trovões semelha ;

Où la confusion, fille du noir chaos,
 Exerce son empire, et tourmente les flots.
 Ici, des bancs de glace éblouissent la vue ;
 Là, des monts de frimats se perdent dans la nue ;
 La tempête en fureur les heurte avec fracas,
 Et sur l'abîme au loin les lance par éclats.
 Malheur alors, malheur au navire intrépide
 Qui voudroit visiter cette plage homicide !
 Tantôt, sur des écueils poussé par les courans,
 La mort avec les flots pénètre dans ses flancs ;
 Tantôt, semblable au fer, l'immobile surface
 Le retient enchainé par des liens de glace.
 Épars le long des bords, les monstres des déserts
 De hurlemens affreux épouvantent les airs :
 Le vent, et les échos, au travers des ténèbres,
 Au nocher éperdu portent ces cris funèbres,
 Achevent de l'abattre, et d'avance en son cœur
 Du trépas qui l'attend lui font sentir l'horreur.
 Sur tout ce qu'il chérit son ame se replie.

Trois fois de ces dangers triompha ton génie,
 Cook, qui loin d'Albion, l'olive dans les mains,
 Cherchant d'autres climats, et de nouveaux humains,
 Et sillonnant les flots du midi jusqu'à l'ourse,
 Parcourus l'univers, et l'accrus par ta course.
 C'est toi qui le premier sus dans ton vol hardi
 Embrasser le contour du pôle du midi,
 Suivre le long amas de glaces effroyables,
 T'avancer à travers leurs fentes formidables,

Lá onde a Confusão, do Chão, filha,
 O Imperio exerce, atormentando as ondas.
 Escolhos de alta neve aqui deslumbraõ,
 Além montes de gelo escalaõ nuvens.
 Ruge a borrasca, a topetar com elles,
 E em pedaços no abysmo ao longe os lança.
 Má sorte a do baixel, que entaõ se afoite
 A'quella matadora, horrivel Plaga!
 Ora a corrente em rochas o arremessa,
 E co'as vagas a Morte o bojo lhe entra;
 Ora, qual ferro, a superficie immóvel,
 Forja ao lenho infeliz grilhões de gelo.
 Da praia ao longo, os Monstros dos desertos,
 Os ares com bramidos amedrontaõ,
 Das sombras a traveza o Vento, os Ecos
 Levaõ taõ negros sons ao triste Nauta,
 E acabaõ de abatello, anticipando
 No murcho coração o horror da Morte:
 A tudo o que lhe he caro, a alma lhe vóa:

Tais prigos vezes tres domou teu genio,
 Cook! Longe de Albion, da Paz co'a Planta,
 Demandando outros climas, outras Gentes,
 Do Sul ao Norte dividindo as ondas,
 Correste o Mundo, o Mundo accrescentaste!
 Primeiro que ninguem no audaz teu vôo
 Do Meiodia rodeaste o Polo,
 Montões seguiste de espantosos gelos,
 Por entre as fendas formidaveis foste;

Et d'un cœur assuré, sur son trône de fer,
 Osas interroger le plus terrible hiver.
 Là, nul être vivant ne se montre à la vue :
 Partout c'est une morne, et solide étendue.
 Les ailes des oiseaux n'osent fendre les airs :
 Seulement aux confins de ces affreux déserts,
 De lugubres pétrels font parmi les orages
 Entendre quelquefois leurs cris durs, et sauvages.

Mais, quels sont les climats que n'embellit la paix !
 Sur une île où l'hiver épuise aussi ses traits,
 Un peuple d'animaux de race différente
 Offre encor du bonheur l'image consolante.
 Le rare, et vert gazon, qui croit au bord des eaux,
 Des lions d'Amphitrite attire les troupeaux :
 Ils habitent la côte. Au sein même de l'île
 Repose d'ours marins une troupe immobile,
 Tandis que les pingoins, aux ailerons pendans,
 Viennent creuser leurs nids dans les sables mouvans.
 On voit ces animaux, au gré de leur caprice,
 Se fuir, ou s'aborder, sans crainte, et sans malice.
 On diroit qu'un traité, bannissant tout soupçon,
 Ait de la colonie assuré l'union.
 Les rois mêmes de l'air, oubliant le carnage,
 A la commune loi conforment leur courage :
 Posés sur les rochers, les éclairs de leurs yeux
 N'alarment point l'oiseau, qui se joue autour d'eux.

Eh ! parmi l'abondance ! eh sous un ciel prospère,

Com firme coração , no ferreo throno
O Inverno mais sanhudo interrogaste.
Lá Vivente nenhum teus olhos tóca ,
Maciça immensidade , horror he tudo.
Ave romper não ousa aquelles ares :
Só nos confins dos hórridos desertos ,
Só lugubres Petreis , entre as procellas
O clamor desabrido ás vezes soltaõ.

Mas que Plagas a Paz não formoséa !
Em Ilha onde os Invernos se encrucem ,
Hum Povo de Animais offrece ainda
A bonançosa imagem da Ventura.
Verdes leivas subteis , que ás margens crescem ,
Os Leões de Anfitrite alli convidaõ ;
Moraõ na costa ; e no interior da Ilha
De Ursos marinhos multidaõ repousa ,
Em quanto os Pinguins , de aza pendente ,
Na arêa movediça os ninhos cavaõ.
Buscaõ-se mutuamente , ou se desviaõ
Todos sem medo , sem malicia todos.
Dir-se-hia , que , os temores desterrando ,
Hum tratado a Colonia fraterniza.
Té dos ares o Rei , depondo a sanha ,
A' Lei commum seu animo conforma :
Pousa em rochas , e em torno as aves brincaõ ,
Sem temer-lhe o relampago dos olhos.

Ah ! N'um próspero clima , entre abundancias

L'homme déclare a l'homme une implacable guerre !
 Dans les champs de Cérés campent des bataillons ,
 Et le boulet sanglant y trace les sillons.
 Aux orages des mers joignant d'autres tempêtes ;
 Il embarque avec lui mille morts toujours prêts.
 Le feu , présent des dieux , agent conservateur ,
 De la foudre en ses mains surpasse la fureur.
 Nouvel Icare enfin , du milieu des nuages ,
 Il préside aux combats , et dicte les ravages.
 Ici , l'Ambition déchire les cités ;
 La , l'Intéret fécond en laches cruautés :
 Le crime prend cent voix , cent visages , cent formes.
 La Discorde triomphe , et sur des tas énormes
 De freres égorgés par leurs freres sanglans ,
 Rit du nombre des morts , et du mal des vivans.
 Ainsi le genre humain vide jusqu'a la lie
 La coupe du malheur , que lui-même a remplie.

Du globe cependant plus d'un tiers dévasté
 Des fertiles moissons ignore la beauté :
 Nul champ ne voit les boeufs vers la grange conduire
 Autant d'heureux épis qu'il en pouvoit produire :
 Nul peuple ne connoit tous les dons précieux
 Qu'a travers les forêts sema la main des dieux.
 Ah ! qu'il vaudroit bien mieux , plus humains et plus sages ,
 Imiter l'habitant de ces côtes sauvages * ,
 D'où l'œil observateur voit au-dessus des mers

* La pointe nordest du Kamtchatka.

O Homem guerra immortal declara ao Homem !
Rouba insania de Marte o campo a Ceres ,
Sanguento , ferreo globo os sulcos traça.
Tormentas a tormentas aggregando ;
O Homem leva comsigo ao Mar mil mortes ;
Do raio em suas mãos a furia passa ,
Fogo conservador , mimo dos Deoses.
Icaro novo , emfim , lá dentre as nuvens
Aos combates preside , estragos dicta.
Cidades a Ambição além devora ,
Cá o Interesse , afeito a vis cruezas ;
Cem formas , gestos , vozes tóma o Crime ;
A Discordia triunfa , e sobre montes
De Irmãos , a que os Irmãos despedaçaraõ ,
Ri dos que vivem , ri dos que morrêraõ.
Da Desventura assim a Especie humana
(Cheias por ella mesma) exhaure as taças.

Do Globo mais de hum terço em tanto he cinza ,
E de aureas messes a belleza ignora :
Nenhum campo vê bois levando á Granja
Quantas espigas ministrar lhe he dado.
Povo nenhum conhece os dons de preço ,
Que Jove semeou por entre as selvas.
Forã melhor , mais sabios , mais humanos ,
O Habitante imitar de incultas Costas ,
Donde os olhos ao mar vem superiores

Le nouvel hémisphere étendre ses déserts !
 La nature est son livre ; il se plait a connoitre
 Les végétaux chéris que son sol a fait naitre ,
 Et transmet d'age en age a sa posterité
 Leur nom , leur caractere , et leur propriété.

Cruels Européens , de vos guerres impies
 Abjurez donc enfin les tragiques manies.
 Si le calme , et la paix pesent a votre cœur ,
 Disputez de vertu , de savoir , de bonheur :
 Que tels soient désormais vos débats politiques.
 Venez ; décomposant les élémens antiques ,
 La chymie a pour vous allumé ses fourneaux ,
 Et vous va découvrir des miracles nouveaux.
 Pour vous la poésie , aimable enchanteresse ,
 De myrte , et de laurier a bordé le Permesse.
 Chaque muse , empressée a combler vos desirs ,
 Sans cesse vous convie a de nobles plaisirs.
 Combien n'en offrent pas aux regards du génie
 La majesté des cieux , leur divine harmonie !
 Qui peut se figurer les sublimes transports
 D'une ame qui , planant loin des terrestres corps ,
 Suit ces globes de feu dans leurs sphères immenses ,
 Mesure leurs grandeurs , calcule leurs distances ,
 Les contemple en leurs cours l'un par l'autre attirés ,
 Découvre , avec Herschel , des astres ignorés ,
 Et qui , de tant de gloire éblouie , et lassée ,
 Va dans le sein de Dieu reposer sa pensée !

Novo Hemisferio dilatar seus ermos!
 Lê pela Natureza, estuda alegre
 Os caros vegetaes da Patria sua,
 E manda aos Netos seus, de Idade a Idade,
 Seu nome, seu caracter, e attributos.

Cruentos Européos, das impias guerras
 O trágico delirio emfim se abjure.
 Se a paz ao coração vós he pesada,
 Altercai sobre os bens, prazer, ventura:
 Politicos debates estes sejaõ.
 Antigos elementos decompondo,
 A Chymica para vós soprou fornithos,
 E revelar-vos quer prodigios novos;
 Para vós a Poesia, a doce Maga,
 O Permissão abrangeo de myrto, e loiro;
 As Musas, com fervor de saciar-vos,
 Sempre a nobres prazeres vos convidaõ.
 Da Fantasia aos olhos quanto offertaõ
 Harmonia dos Ceos, e magestade!
 Quem, quem figura os extasis sublimes
 De Alma, que, longe dos terrestres corpos,
 Segue na immensa Esfera as igneas massas,
 Distancias lhe calcula, e mede os vultos,
 Mutua attração no móto lhes contempla,
 Acha, com Hérchel, não sabidos Astros,
 E farta, e cega emfim de gloria tanta,
 Vai repousar n'um Deos o pensamento!

Si de mon sang trop froid les débiles esprits
 N'osent tenter l'accès de ces divins lambris,
 Je suivrai les ruisseaux ; au pied d'un roc sauvage,
 Du rossignol caché j'entendrai le ramage ;
 Murmurantes forêts, ombrages ravissans,
 Vous serez mon amour, et l'objet de mes chants.
 Après les nuits de fer que la gelée amène,
 Les humides autans ramollissent la plaine :
 L'uniforme blancheur qui couvre les côteaux
 S'efface par degrés, se fond en longs ruisseaux,
 Et des fleuves grossis les eaux embarrassées
 Roulent en mugissant leurs chaînes fracassées.
 Mais l'hiver regne encor. Les bois sont sans beauté.
 Le chêne sourcilieux pleure sa nudité.
 Cependant, au travers de cette foule obscure,
 On voit, par intervalle, éclater la verdure.

Salut, couleur aimable, ombrages précieux !
 Dans ce deuil général vous récréez mes yeux.
 Semblables aux plaisirs semés sur la vieillesse,
 De l'hiver ténébreux vous charmez la tristesse.
 Ranimez mes esprits encor tous effrayés
 Des sentiers périlleux que je me suis frayés,
 Du tumulte des flots, des glaces boréales
 Et de l'affreux aspect des tempêtes australes.

Quel pouvoir, quel agent conserve aux arbres verta
 Cette sève de vie, en dépit des hivers ?
 Jusqu'ici la nature a nos foibles lumières,

Se , frio em mim sobejamente o sangue ,
Me não deixa emprender o ethéreo vôo ,
Correntes seguirei , junto aos penedos
Do occulto rouxinol ouvindo os versós.
Murmurantes florestas , magas sombras ,
Meus amores sereis , e objecto á Musa.
Após noites de ferro , enregeladas
Madidos suis os campos embrandecem.
Esse uniforme alvor , que tapa os cerros ,
Desata-se por grãos , em rios corre ,
E as aguas da ribeira embaraçadas
A desfeita prizaõ , mugindo , rólaõ.
Mas o Inverno inda he Rei , e escravo o Bosque ;
Choras tua nudez , Carvalho altivo :
Por entre a confusaõ se vê , comtudo ,
A espaços a verdura estar luzindo.

Salve , cor linda , inestimavel sombra !
No luto immenso recreais meus olhos.
Quais os prazeres que a velhice afagaõ ,
Doirais o horror do tenebroso Inverno.
Meu animo espertai , inda medroso
Das estradas por onde o passo arrisco ,
Dos gelos boreais , motim das ondas ,
E do pesado , horrendo , austral negrume.

Que Lei , que Agente ás arvores conserva ,
A despeito do Inverno , o vital succo ?
Ao falta , humano sise a Natureza

Sous des voiles épais, déroba ces mystères.
 Jouissons, c'est assez. Mille arbustes nouveaux,
 Dans nos jardins d'hiver agréables rivaux,
 Par leur forme élégante, et leur grace imprévue,
 Se disputent l'honneur de nous charmer la vue.
 Toutefois, le dirai-je ? a leurs brillans appas
 Mon oeil préfère encor notre lierre aux cent bras,
 Soit que de sa verdure il entoure un vieux chêne,
 Soit que du hant d'un mur qu'il ne soutient qu'à peine,
 Alongeant dans les airs ses tortueux rameaux,
 Il forme un globe épais, asyle des oiseaux,
 Où viennent sur le soir et le merle, et la grive
 Rêner à l'envi leur famille craintive,
 Courir en gazouillant, et becqueter ses fruits,
 Pareils aux noirs raisins que l'automne a muris.

Qu'il est doux, au sortir de la plaine fangeuse,
 D'errer sur la colline où la bise orageuse
 Se brise autour des pins au loin retentissans !
 Là, sous l'abri pompeux de leurs dômes puissans,
 Parmi l'ajonc fleuri, souvent un doux ramage
 Des concerts du printems vous offrira l'image.
 Vous verrez la loxie attacher aux rameaux,
 Et, de son bec croisé, façonner ses berceaux :
 Ses petits, revêtus de leurs plumes duveteuses,
 Embelliront déjà ces ombres paternelles,
 Que les autres oiseaux, à peine réunis,
 N'auront pas achevé l'ouvrage de leurs nids.

Em véo sombrio estes mysterios furta.
Gozemos, basta. Mil arbustos novos,
Rivais, taõ gratos nos Jardins de Inverno,
Co'a bella forma, co'a imprevisa graça
Disputaõ entre si qual mais encanta.
Todavia (dillo-hei?) prefiro a elles
A hera de cem braços, quer circunde
Co'a verdura tenaz carvalho idoso,
Quer sobre muro, que sustente apenas,
Nos ares alongando a curva rama,
Fórme, n'um globo espesso, abrigo ás aves.
Alli, ao pôr do dia, o tordo, o melro
Vaõ convocando a pávida familia,
Correm, gorgeiaõ, depinicaõ fructos,
E assemelhaõ do Outomno os pretos bagos.

Quaõ doce he ao sahir de chaõ lodoso
Vagar colinas, onde quebra o vento,
Do pinho emtorno, que resõa ao longe!
A' sombra lá de abóbadas possantes,
Entre o tojo florido, hum doce canto.
Os sons da Primavera offrece ás vezes.
A lóxia alli verás prender aos ramos,
E c'o bico encruzado armar seu berço.
Recem-forrados os filhinhos brandos,
A's sombras maternais daraõ já graça,
E das aves o resto, apenas junto,
Inda seus ninhos não terá findado.

Ainsi le sombre hiver se déride , est se pare ;
 Mais de ces grands bienfaits si la terre est avare ,
 Combien d'arbustes verts sauront dans vos jardins
 Retenir des oiseaux les volages essaims !
 Songez donc a mêler dans vos tristes charmillas
 Du genievre , et du houx les piquantes familles.
 L'humble genêt lui-même , ornement des côteaux ,
 Vous aide a composer vos champêtres tableaux ;
 Lui-même , quand le froid a resserré la terre ,
 Sert d'asyle aux perdrix , et nourrit leur misere.

Le coudre , le bouleau , l'aune ami des marais ,
 Ont des mains de l'amour reçu d'autres attraits :
 Sitôt que l'aquilon , rameanant la froidure ,
 De leur cime agitée a détruit la verdure ,
 Leur fleur se développe , et pendante en festons ,
 Balance au gré des vents ses mobiles boutons.

Et vous , fille d'hiver , mousse épaisse , et confuse ,
 Venez vous présenter aux pinceaux de ma Muse.
 C'est parmi les frimats , sous l'urne du verseau ,
 C'est quand les autres fleurs vont descendre au tombeau ,
 Que l'on vous voit renaitre , et que votre verdure
 Semble par sa faicheur rajeunir la nature.
 C'étoit a pénétrer vos mysteres charmans
 Que le peintre d'Emile , au déclin de ses ans ,
 Devoit , dans les loisirs d'une humble , et douce étude ,
 De son dernier hiver passer la solitude.
 Tantôt la fontinale eut fixé ses esprits ,

O Inverno assim se adorna , e desenruga ;
Mas se a Terra escacêa estes favores ,
Quantos em teus Jardins arbustos verdes
Retem das aves o inquieto enxame !
Cuida , pois , em juntar aos tristes carpes
O picante azevinho , o zimbro agudo ;
Té a humilde giesta , adorno aos montes ,
Campestres quadros a compor te ajuda.
Ella mesma , estreitando o frio a Terra ,
Colheita he da perdiz , lhe acóde , e a nutre.

O álamo , d'agua amigo , ás avelleiras ,
E as bétulas , de Amor tem outras graças.
Tanto que Boreas , entornando as neves ,
O verdor lhes destróe da instavel coma ,
Abre a flor , e pendendo em ramalhetes ,
Móve os botões á descripção do vento.

Mas tu , filho do Inverno , espesso musgo ,
Presenta-te aos pinceis da Musa minha.
De Aquario á urna exposto , entre as geadas ,
Quando as mais flores morrem , tu renasces ,
E entãõ com tua fresca , igual verdura
Parece remoçar-se a Natureza.
Era em sondar os teus gentis mysterios
Que de Emilio o Pintor , encanecendo ,
Devia n'um sereno , e doce estudo
Levar a solidão do Inverno extremo.
Agora a fontinal o embellezara ,

Et quelque jour peut-etre il nous auroit appris
 Par quel heureux secret un si foible feuillage
 Du feu prêt a s'étendre empeche le ravage.
 Tantôt du lycopode il eut vu les rameaux ,
 Formant dans les forêts d'innombrables réseaux ,
 De leur tete en massue épancher une poudre
 Qui luit comme l'éclair , tonne comme la foudre.
 Ces petites tribus , éparses en tous lieux ,
 Ce peuple imperceptible eut offert a ses yeux
 Un spectacle non moins frappant pour le génie
 Que le faite élevé des pins de Virginie ,
 Ou que le cedre altier qui depuis mille hivers
 Couronne le Liban de ses ombrages verts.
 Il savoit que souvent la nature rêssette
 Dans des cadres étroits sa grandeur toute entière.
 Mais le sort a rompu ces innocens desseins.
 Dans les paisibles lieux où calmant ses chagrins
 Il alloit oublier et le monde , et la gloire ,
 Qu'un pieux monument s'éleve a sa mémoire.
 J'emprunterai la main de la simplicité ;
 Car il te chérissoit , modeste déité ,
 Et toi seule as le droit d'approcher de son ombre.
 Des arbres de la mort loin le feuillage sombre !
 Il ne nous faut ici que des bois gracieux
 Pour couvrir le sommeil de cet ami des dieux,
 Déjà le chevreuil , cher aux ames sensibles ,
 Embrasse le tombeau de ses branches flexibles ;
 Tandis que le laurier , noble prix des talens ,
 Dresse avec majesté ses rameaux éclatans.

E algum dia talvez nos ensinasse
Com que arcano feliz tão debil folha
Da flamma grassadora estragos véda :
Ora do lycopodio os ramos vira ,
Redes no bosque innumeras tecendo ,
Da frente , em ar de claya , hum pó soltando ,
Que brilha , que troveja , igual ao raio.
Minimas Tribus , Povo imperceptivel ,
Disperso em toda a parte , lhe mostrára
Spectaculo aos Genios tão pasmoso
Como , oh Virginia , teus aéreos pinhos ,
Ou cedro , que depois de mil Invernos
Croa o Lilano , o Pai , co'as verdes sombras.
Soube que a Natureza include às vezes
Toda a sua grandeza em curto espaço ;
Mas a innocentes fins obstou-lhe a Sorte.
No benigno lugar , onde em remanso
Do Universo , e da Gloria lia esquecer-se ,
Piedoso Monumento as cinzas lhe honre.
Seja a Simplicidade a que o construa :
Elle , Deosa modesta , elle te amava ,
Tu só tens jus de visinbar-lhe os Manes.
Das arvores da Morte longe a sombra :
Selva queremos graciosa , e fresca ,
Que do Amigo dos Deoses cubra o somno.
A madresilva , grata ás almas ternas ,
Já branlamente o Mausoléo lhe abraça ,
Em quanto o lauro , dos Engenhos croa ,
Ergue a luzida ; magestosa rama .

J'y veux de peupliers étendre un frais bocage :
 Venez , enfans de l'air , en habiter l'ombrage ;
 Peuple timide , et doux , dont il aimoit la voix ,
 De vos tendres concerts charmez encor ces bois :
 Venez-y voltiger loin des regards profanes ;
 Vos jeux ; votre bonheur y plairont à ses manes.

Si la faveur du sort , surpassant mes souhaits ,
 Eut voulu m'accorder de plus riches guérets ,
 Des taillis étendus , et de gras pâturages ;
 L'aurois , dans mes jardins , rassemblé les images
 De ces mortels chéris , qui , secondés des dieux ,
 Ont chanté la nature en vers mélodieux.
 Hésiode , et Rosset , de la main de Cybele ,
 Recevroient tous les deux une palme immortelle.
 Comme un orme élevé voit presque à sa hauteur
 Croître un brillant ormeau dont lui-même est l'auteur ,
 Ainsi le grand berger de l'antique Mantoue
 Auroit à ses côtés Delille qu'il avoue.
 Théocrite , et Gessner , tentant leurs châlumeaux ,
 Présideroient encore aux danses des bameaux.
 J'irois voir chaque jour notre bon Lafontaine.
 Et toi , chante des mois , à ta Muse hautaine ,
 Digne d'un autre tems , et d'un destin meilleur ,
 D'un berceau de cypres j'offrirais la douleur.
 Masson , Marnésia , de mon frais paysage
 Sembleroient dessiner l'élégant assemblage.
 Vanier souriroit au fertile verger ,
 Et Rapin de mes fleurs se verroit ombrager.

De chòpos lá se alongue hum bosque ameno.
 Filhos dos ares , habitai-lhe a sombra ;
 Delicias do Filosofo , Avesinhas ,
 Esta selva tambem vos deva encantos ;
 Longe de olhos profanos , haõ-de os vossos
 Brincos , prazeres alegrar seus Manes.

Se o Fado , transcendendo-me a vontade ,
 Me houvera permittido amplas searas ,
 Espaçoso arvoredado , e pingues pastos ,
 Em meus ledos jardins erguêra estatuas
 Daquelles , que , privando co'as Deidades ,
 Cantáraõ docemente a Natureza.
 Hesiodo , e Rosset , ambos teriaõ
 Pela maõ de Cybéle eterna palma.
 Qual olmo , que a nivel de si vê quasi
 Outro brilhar , subir , seu digno fructo ,
 Assim o graõ Pastor da antiga Mantua ,
 A seu lado haveria o seu Delille.
 Theócrito , e Gessnèr co'a molle avena
 Inda ao campestre baile os sons dariaõ ;
 Fora o bom la Fontaine olhar mil vezes ;
 E á Musa tua , alto Cantor dos mezes ,
 Crédora de outros tempos , de outros fados ,
 Lameda de cyprestes consagrára.
 Crer-se-hia que Masson , e que Marnesja
 Minha fresca paizagem desenhavaõ.
 Vaniere a meus vergeis sorrisos déra ,
 Croar-se Rapin das flores minhas ;

Près d'un torrent fougueux, sous des bois prophétiques ,
 Thompson entonneroit ses sublimes cantiques.
 Bernis de lacs d'amour uniroit les saisons ;
 Et sur un beau tapis de verdoyans gazons ,
 Saint-Lambert, inspiré par la philosophie ,
 Présenteroit aux grands la charrue ennoblie.

Heureux qui peut jouir de ces brillans tableaux !
 Plus heureux qui sans faste habitant les hameaux ,
 Satisfait des écrits où respirent ces sages ,
 Aime à les contempler dans leurs vivans ouvrages !
 Ses desirs ne vont point au-delà du vallon
 Où le soleil naissant éclaire sa maison ,
 Du jardin rafraîchi par l'eau de la colline ,
 Et de l'ombrage épais de la forêt voisine.
 Qu'iroit-il demander au luxe des cités ?
 Il a vu du printems la pompe , et les beautés ;
 Les champs ont su répondre à l'espoir de ses granges ,
 Et ses pieds ont foulé de fertiles vendanges.

L'hiver , d'autres plaisirs. Aux rigueurs des frimats
 Il dérobe des fleurs les fragiles appas ,
 Embellit sa demeure ; et s'entoure d'ombrage.
 Il entre dans les soins du champêtre ménage ,
 Soins d'agrémens remplis , détails légers ; et doux ,
 Quand l'estime, et l'amour unissent deux époux.
 Avec quels yeux il voit nos grandeurs éphémères ,
 Nos plaisirs apparens , nos réelles miseres !
 Chaque jour , sur les flots de ce monde orageux ,

Entre bosque profetico, e torrentes,
Tompson criara os canticos sublimes,
Bernis em laço amante unira as quadras,
E Saint-Lambert, sobre tapiz viçoso,
Com a Filosofia inspiradôra
Nobre aos Grandes o arado apresentara.

Feliz quem lôgra taõ brilhantes quadros,
Mais feliz quem sem fasto habita os campos;
E, pago das vigalias destes Sabios,
Nas vivas obras suas os medita!
Nãõ lhe voa o desejo alêm do valle,
Onde, nascente o Sol, seus lares doira,
Do Jardim, que do monte aguas amimaõ,
Nem do sombrio, e proximo arvoredô.
Que pediria da Cidade ao luxo?
Das Primaveras vio belleza, e pompa;
Vio aos celeiros favoravel Ceres,
E com ditoso pé calcou vindimas.

Tem no Inverno outros gostos. Furta aos gelos
Os frágeis attractivos das boninas,
Orna seu lar, de sombras se rodêa;
Attenta na campestre economia,
Doces cuidados, miudezas doces,
Se amor, e apreço dois Esposos ligaõ.
Com que olhos vê grandezas momentaneas,
E vãos prazeres, e reais desgraças!
Nas ondas do Universo tormentoso

Contemplant des mortels les débris malheureux ,
 Il s'applaudit d'avoir, dans ce commun naufrage ,
 Confié ses destins au tranquille rivage.

Pour charmer ses loisirs au retour de la nuit ,
 Guidé par Tournefort , du sein de son réduit
 Il voyage , il parcourt les îles de la Grece ;
 Et Samos , le berceau de l'antique sagesse ;
 Et la terre fameuse où Minos commanda ;
 Les verts sommets du Cynthe , et les forêts d'Ida.
 Il se plait a revoir les plantes dont Homere
 Célèbre dans ses chants la vertu salutaire ,
 Et que les dieux eux-même ont daigné quelquefois ,
 Pour guérir les héros , arrachea dans ces bois !

Philosophe sans faste , et convive agréable ,
 Tantôt il réunit ses voisins a sa table ;
 Avec plaisir lui-même il se rend a leurs vœux ,
 Et sous leur toit charmé va s'asseoir avec eux.
 Des fertiles buissons que son jardin recele
 Il aime a leur porter la dépouille nouvelle.
 Une plante leur plait ? l'aube du lendemain
 La voit , en se levant , entrer dans leur jardin.
 Ces pestes des cités , l'envie , et la satire ,
 N'infectent point chez eux l'air pur que l'on respire.
 L'un parle des douceurs , et des plaisirs touchans
 Que le cours des saisons offre a l'homme des champs ;
 L'autre de nos succès que la gloire publie ,
 Et l'on boit a plein verre aux vainqueurs d'Italie.

Dos Mortais as reliquias observando ,
Folga de haver neste commum naufragio
Fiado o seu Destino ás mansas praias.

Para doirar seu ocio , vindo a noite ,
Por Tournefort guiado , no aposento
Corre as Ilhas da Grecia : apórta em Samos ,
D'alta Sabedoria antigo berço ;
Olha de Minos o afamado Imperio ,
Do Cynthio os cumes , as florestas de Ida ;
Recreaõ-se co'as plantas de que Homero
Celébra nos seus cantos a virtude
E á terra os mesmos Numes arrancáraõ ,
Para os Heroes com ellas guarecerem.

Aprazível Filosofo , e Conviva ,
Une os Visinhos seus á sóbria meza ;
Voluntário tambem lhes cede ao gosto ,
E delles no casal com elles folga.
De ferteis plantas , que em seus hõrtos guarda ,
Gosta de lhes levar o espolio tenro.
Agradar-lhes alguma ? O novo dia
Vê-a entrar nos jardins de seus amigos.
Sátyra , inveja , pestes das Cidades ,
Entre elles o ar saudavel naõ corrompem ;
Hum falla de patheticas delicias ,
Mimo das Estações aos Camponezes ,
Outro das glorias , dos triunfos nossos ,
E brinda-se de Italia aos Vencedores.

La timide Chloé , rougissant a ces mots ,
 Songe a son jeune amant qui suivit ces héros ,
 Mais qu'une heureuse paix va rendre a sa tendresse .
 Elle voudroit cacher le trouble qui l'opresse ;
 Sa mere l'apperçoit , et d'un autre discours
 Prête a son embarras le facile secours .
 L'assurance renaît , et la vierge charmante
 D'aise en secret palpite , et semble indifférente .

A ces heures de joie , a ces rians destins ,
 De vos jours nébuleux opposez les chagrins ,
 Vous que l'ambition d'un feu livide , et sombre
 Tourmente dès l'aurore , et consume dans l'ombre ;
 Qui , de rivaux jaloux a tout moment pressés ,
 Les déchirez des traits dont ils vous ont percés ,
 Et , même en triomphant de leur foule importune ,
 Voyez , près de l'atteindre , échapper la fortune .
 Vous cherchez le bonheur ! il est dans ce vallon ;
 La faucille a la main il coupe sa moisson .
 Vous cherchez le bonheur ! dans ces vertes prairies
 Il promène a son gré ses douces reveries ;
 Ou sous l'ombre d'un saule , au bord de ces étangs ,
 Il repose , entouré de songes caressans .
 Ainsi , loin des partis , loin du fracas des armes ,
 Des champs et des jardins je célébrois les charmes .
 Aux maux de ma patrie , interdit , et sans voix ,
 J'ai vu souvent ma lyre échapper de mes doigts ;
 Puis , semblable a l'oiseau qui chante après l'orage ,
 J'allois de nouveaux sons récréer le rivage .

Corando a vozes tais, Lilia se lembra
 Do imberbe Amante, que os Heroes seguira,
 Mas que em ditosa paz ser-lhe-há tornado.
 Quer esconder as sensações que a turbaõ:
 A Mãe a entende, e, removendo o assumpto,
 Dest'arte lhe soccorre o doce enleio.
 A afoiteza renasce, a Virgem bella
 Em segredo palpita, e dissimula.

A estes dias de oiro, e riso, e grãça,
 Opponde vossos dias carrancudos,
 Vós a quem a ambição com turva chamma
 Ancêa desde a Aurora, e mirra em sombras;
 Que, sempre instados de Rivais zelosos,
 As frechas lhes cravais que vos craváraõ,
 E, mesmo suplantando a Turba adversa,
 Vedes voar Fortuna, indo empolgalla.
 A Ventura buscais? Nos valles mora,
 Com a fouce na mão seus trigos sega.
 A Ventura buscais? No prado ervoso
 Livres meditações alegre volve;
 Ou do salgueiro á sombra, e junto ao rio,
 Dorme, cercada de fagueiros sonhos.
 Longe, assim, das facções, das armas longe,
 Os campos, os jardins eu celebrava.
 Da Patria minha aos males mudo ás vezes,
 Das mãos sentia deslizar-se a lyra,
 Mas, qual ave, cantora após tormentas,
 Contentes, nòvos sons ás margens dava.

O toi, chere Debieu, toi qui mon cœur épris
Sous le nom d'Eliza peignit dans mes écrits,
Permet que ton ami t'utilise a sa mémoire,
Et partage avec toi sa périssable gloire.

FIN DU CHANT IV.

Oh tu , meiga Debieu , tu que em meus versos
Nomeio Elisa ! O carinhoso Amante
Deixa co'a sua unir tua memoria ,
E dividir contigo escaça gloria.

FIM DO CANTO IV.

NOMENCLATURA

L I N N E A N A

D A S P L A N T A S

DO QUARTO CANTO.

CEDRO, *Pinus cedrus*.

Libano, Monte Tauro, Siberia.

VIME, *Salix vitellina*.

Terrenos humidos.

LARANJEIRA, *Citrus aurantium*.

Orimnda da India.

MYRTO, OU MURTA, *Myrtus angustifolia*.

Europa meridional, Asia, Africa.

BANANEIRA, *Musa paradisiaca*.

India, etc.

CHA', *Thea bohea viridis*.

China, e Japaõ.

BALSAMO, *Amyris opobalsamum, giliadensis*.

Arabia.

SALGUEIRO, *Salix herbacea, lapponum*.

Laponia, Zona glacial arctica.

BETULA, *Casta de alamo, Betula nana*.

Idem.

HERA, *Hedera helix*.

Nas arvores de Europa.

PINHEIRO, *Pinus abies, picea* etc.

Montes, selvas do Norte.

TOJO, *Ulex Europæus.*

Charneças, sitios incultos.

CARPE, *Carpinus betulus.*

Florestas.

ZIMBRO, *Juniperus communis.*

Bosques areosos, collinas seccas.

GILBARBEIRA, *Ruscus aculeatus.*

Bosques, espinhais.

GIESTA, *Spartium scoparium.*

Campos, oiteiros areentos.

AVELEIRA, *Corylus avellana.*

Bosques.

ALAMO, *Betula alnus.*

Lugares humidos.

FONTINAL, *Fontinalis antipyretica.*

Lagos, covas aquaticas.

LYCOPODIO, *Lycopodium clavatum.*

Bosques, lugares montuosos, abrigados.

PINHO DE VIRGINIA, *Pinus canadensis.*

America septentrional.

CYPRESTE, *Cupressus sempervirens.*

Oriundo de Creta.

MADRESILVA, *Lonicera sempervirens.*

Oriunda do Mexico, e Virginia.

CHÓPO, *Populus nigra, alba.*

Bosques, e lugares humidos.

OLMO, *Ulmus campestris.*

Selvas.

Animais , Aves , Anfíbios , Peixes , Insectos.

ROUXINGE , *Motacilla lusciniæ.*

ALCE , *Cervus alce.*

URSO , *Ursus arctos.*

PETREL , *Procellaria antarctica.*

LEAÕ MARINHO , *Phoca jubata.*

URSO MARINHO , *Phoca ursina.*

PINGOIM , *Alca torda.*

MELRO , *Turdus merula.*

LOXIA , *Loxia curvirostra.*

PERDIZ , *Tetrao perdix.*

Fim da Nomenclatura do Canto IV.

	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
Epigr. lat.	amnoeni	amoeni
Epigr. port.	mugo	musgo
Prol. prim. pag. III.	conclue	conclui
Pag. 17 vers.	10 ajuda-se	ajude-se
Ibid.	10 monótono gorgeio	monótona cantiga
Pag. 53	3 que presidis	que ás fontes presidis,
— 57	13 alegreô	alegra :
— 63	4 lustrando	lutando
— 103	11 que margens	que a margens
— 108	22 l'arte,	l'art
— 113	11 o sabor,	a sabor
— 114	5 grippent	grimpent
— 147	17 congregados,	congregadas
— 157	6 passa	passas
— 159	12 Chymica	Chymia
— 169	28 Croar-se	Croara-se
— 173	20 Agradar-lhes	Agrada-lhes

C A T A L O G O

D A S O B R A S P O E T I C A S

IMPRESSAS NA OFFICINA CHALCOGRAPHICA DO ARCO
DO CEGO.

- Has* Canto Heroico sobre as façanhas dos Portuguezes na Expedição de Tripoli, em Latim, e portuguez, 4.º (Cardoso, e Bocage).
- Has* Canto dos Jardins, em Francez, e Portuguez, 4.º (Delille, e Bocage).
- Ode (pelo Abbade de Gondara).
- Has* Poema sobre o Censorcio das Flores, em Latim, e Portuguez 8.º (Lacroix, e Bocage).
- Has* Carmina de poeta seu Tabaco, 4.º (Thori).
- Ode á Paz, (Bingre).

Debaixo do Prelo.

- Canto de Agricultura Francez, e Portuguez, 4.º (Russet, e Bocage).
- Contemplaçãõ da Natureza, 4.º (Macedo).

Estas obras se vendem na loge da Officina Chalcographica ao Rocio. Na da Viuva Bertrand e Filho, na de Borel ao Chiado. Na de Estevão Semiond em Coimbra. Na de Antonio Alvares Ribeiro no Porto.

Na mesma loge ao Rocio se vendem tambem Retratos em preto, e illuminados, gravados por artistas Portuguezes; e caracteres typographicos de toda a qualidade elegantemente abertos por Artistas Nacionaes.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).